



1290000180



FE

Fabiana Penteado Flacker

TCC/UNICAMP F594e

**Estudar no exterior: o fluxo de bolsistas do Brasil para a
Alemanha (1984 - 2000) - Um estudo de trajetórias**

Campinas

Faculdade de Educação da Unicamp

2002

Fabiana Penteado Flacker

Estudar no exterior: o fluxo de bolsistas do Brasil para a Alemanha (1984 - 2000) - Um estudo de trajetórias

Trabalho apresentado como exigência para a conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Unicamp, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Fonseca de Almeida.

Campinas
Faculdade de Educação da Unicamp
2002

UNICAMP

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA	
TCC - UNICAMP	
F. 594 e	
Valor	
TOMADA	180
PRO	124/2003
Cl.	X
PAC	11,00
DATA	03.11.03
Nº	bib. id 350272

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

F594e	<p>Flacker, Fabiana Penteadó.</p> <p>Estudar no exterior : o fluxo de bolsistas do Brasil para a Alemanha (1984-2000) : um estudo de trajetórias / Fabiana Penteadó Flacker. -- Campinas, SP: [s.n.], 2002.</p> <p>Orientador : Ana Maria Fonseca de Almeida.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Cientistas – formação. 2. Elites. 3. Intercâmbio cultural e científico.</p> <p>I. Almeida, Ana Maria Fonseca de. II. Universidade Estadual de II. Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>02-239-BFE</p>
-------	---

AGRADECIMENTOS:

A meus pais, Alexander Flacker e Semiramis de Camargo P. Flacker, pelo grande incentivo durante toda minha trajetória escolar e em todos os momentos da minha vida.

À orientadora, Profa. Dra. Ana Maria Fonseca de Almeida, pelo grande apoio ao longo de minha formação acadêmica.

A todos que colaboraram direta ou indiretamente para a efetivação deste trabalho.

"A verdadeira viagem de descoberta não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos."
(Marcel Proust)

SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO..... pág. 1

CAPÍTULO I : Descrição e análise do fluxo de bolsistas do CNPq, CAPES e FAPESP para a Alemanha entre o período de 1984 a 2000.....pág. 7

1 - AS FONTES.....pág. 7

1.1 - Considerações sobre as listagens obtidas..... pág. 7

1.2 - O trabalho com as listagens..... pág. 8

1.3 - As tabelas e os gráficos..... pág. 9

2 - RESULTADOS OBTIDOS..... pág. 10

2.1 - Fluxo de bolsistas e ex-bolsistas do CNPq (1984 - 2000)..... pág. 11

2.2 - Fluxo de bolsistas e ex-bolsistas da CAPES (1987 - 2000)..... pág. 12

2.3 - Fluxo de bolsistas e ex-bolsistas da FAPESP (1993 - 2000)..... pág. 13

3 - QUEM ESTUDOU NA ALEMANHA?..... pág. 14

3.1 - Homens x Mulheres..... pág. 14

3.2 - Idade..... pág. 15

3.3 - Grande Área, Área, Sub-área do conhecimento e Tipo de bolsa..... pág. 15

3.4 - Região de origem no Brasil..... pág. 20

4 - PARA ONDE FORAM?..... pág. 21

4.1 - O sistema universitário alemão..... pág. 21

4.2 - Principais universidades de acolhida..... pág. 25

4.3 - Principais universidades de origem e de destino segundo a área do conhecimento..... pág. 26

5 - TRANSFORMAÇÕES DO FLUXO AO LONGO DO PERÍODO..... pág. 27

CAPÍTULO II : Estudar na Alemanha: a definição de um problema

de pesquisa pág. 30

1 - PRODUÇÃO CIENTÍFICA E ESPECIFICIDADE FEMININA..... pág. 30

1.1 - Mulheres..... pág. 31

1.2 - Mulheres no fluxo de bolsistas..... pág. 33

1.3 - Mulheres na produção científica..... pág. 34

1.4 - Processo realizado para a delimitação da população..... pág. 35

1.5 - Consideração sobre as fontes utilizadas para a montagem de um banco
currículos sobre mulheres cientistas do Estado de São Paulo..... pág. 35

1.6 - A montagem do banco de currículos : crítica das fontes..... pág. 37

1.7 - A população selecionada..... pág. 38

CAPÍTULO III : PASSAGEM PELA ALEMANHA E TRAJETÓRIAS

PROFISSIONAIS: EXPERIÊNCIAS FEMININAS..... pág. 40

1 - Entrevistas: Desenvolvimento e Roteiro de trabalho..... pág. 42

1.2 - Resultados obtidos através da entrevistas realizadas..... pág. 43

1.2.1 - Escolha pelo país e contato com a estrutura alemã de formação....pág. 43

1.2.2 - Vivência em outra cultura e em outro sistema universitário..... pág. 45

1.2.3 - Contribuições do estudo no exterior pág. 47

1.2.4 - Questão de gênero..... pág. 48

1.2.5 - A construção de um olhar referente ao perfil traçado a partir das
entrevistas..... pág. 48

CONCLUSÃO..... pág. 50

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... pág. 51

ANEXOS

RESUMO:

A circulação internacional de cientistas brasileiros foi um dos elementos importantes na modernização das universidades, contribuindo também, em grande medida, para a renovação da elite intelectual e política brasileira. Este trabalho, parte de um projeto coletivo mais amplo¹, tem como objetivo: a análise do fluxo de bolsistas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) para a Alemanha entre o período de 1984 a 2000. Mais especificamente, pretendi identificar os bolsistas que realizaram toda ou parte da sua formação científica na Alemanha, apontando: o fluxo de bolsistas por ano e por gênero bem como as áreas de conhecimento a que estiveram vinculados; as universidades e centros de pesquisa de origem e de destino; assim como também a inserção profissional destes bolsistas na volta ao Brasil.

A idéia foi identificar: o padrão desse fluxo e as suas transformações ao longo do período estudado e as trajetórias profissionais dos cientistas brasileiros inseridos neste contexto.

O fluxo foi traçado e estudado a partir de listagens com informações sobre os bolsistas, fornecidas pelo CNPq, CAPES e FAPESP. Para organizar os dados pertinentes, montei tabelas e gráficos usando o programa Microsoft Excel, obtendo, dessa forma, um mapa do fluxo dos bolsistas no período estudado.

O estudo das trajetórias profissionais destes bolsistas foi realizado a partir das listagens referentes aos bolsistas financiados pelos três órgãos de fomento e das informações disponíveis sobre os pesquisadores na Plataforma Lattes de

¹ Este trabalho de conclusão de curso é resultado de pesquisas realizadas, pela autora, em sua iniciação científica durante o período de dois anos (2000-2002), com financiamento da FAPESP. A iniciação científica desenvolvida insere-se, por sua vez, num projeto mais amplo sediado no FOCUS (Grupo de Pesquisa sobre a Instituição Escolar e Organizações Familiares/FE-UNICAMP) e no *Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain* (École des Hautes Études en Sciences Sociales/Paris), reunindo uma rede de pesquisadores brasileiros e franceses, cujo objetivo é analisar a contribuição dos pesquisadores brasileiros que circularam no estrangeiro, a partir de suas características sociais e escolares, relacionando-as com suas contribuições às transformações do espaço cultural e político nacional.

Currículos (disponível na página do CNPq na Internet). Os dados obtidos através destas duas fontes foram organizados no programa Microsoft Excel de modo a facilitar o trabalho de compreensão dos mesmos. Por meio da realização de entrevistas tornou-se viável entender alguns pontos que apenas os dados quantitativos não nos permitem aprofundar.

A hipótese é de que a análise desse fluxo de bolsistas bem como da trajetória dos mesmos, vai nos permitir identificar possíveis regularidades que nos ajudarão a compreender de que maneira se deu no Brasil a contribuição alemã para a formação de seus cientistas.

Entre as principais contribuições da pesquisa, aponto a produção de um conjunto de informações sobre a formação dos cientistas brasileiros que foram para a Alemanha financiados pelo CNPq, CAPES e FAPESP a ser colocada à disposição da comunidade de pesquisadores. Tratam-se de informações úteis para a avaliação dos resultados de trinta anos de investimento público na formação de cientistas brasileiros no exterior, para a compreensão das relações científicas que unem a Alemanha e o Brasil e para inserir as informações sobre a formação de cientistas brasileiros no estrangeiro numa discussão mais ampla sobre a internacionalização das elites brasileiras.

INTRODUÇÃO

TEMA 1: AS CAUSAS DA INTENSIFICAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO

A formação de estudantes brasileiros no exterior (a internacionalização dos estudos) constitui uma tradição que vem de longa data. Desde o período colonial, os brasileiros já procuravam os estudos de alto nível na Europa, sobretudo na Universidade de Coimbra para direito, e na Universidade de Montpellier para medicina e ciências (Spagnolo, 1995). Estima-se que cerca de 2.500 estudantes brasileiros se graduaram na Universidade de Coimbra entre 1577 e 1822 (Ferreira, 1966). Esse tipo de migração tem se constituído, desde os tempos coloniais até os nossos dias, um recurso simbólico grandemente valorizado pelos brasileiros (Brito, 1996).

O número de estudantes universitários brasileiros que partiram em direção à Europa e aos Estados Unidos, sobretudo para desenvolver doutorados e pós-doutorados, aumentou consideravelmente nos últimos trinta anos (CNPq, 1996). Dois fatores certamente foram fundamentais para o aumento da procura dos estudantes brasileiros pelo exterior e para a possibilidade de efetivação de estudos pós-graduados em universidades estrangeiras: a existência de programas estatais de apoio à formação de cientistas no estrangeiro e a presença de cientistas estrangeiros atuando no Brasil.

A profissionalização do ofício de professor universitário ou de professor-pesquisador seguiu junto com um crescente investimento na circulação de intelectuais no mundo internacional. Frequentemente cassados ou perseguidos em seus países durante o regime militar (1964-1985), numerosos intelectuais e estudantes perceberam esse investimento internacional como uma forma de emancipação e isso veio a ser valorizado com a democratização do espaço público. Ao mesmo tempo, todo esse investimento de longo prazo nos estudos universitários no estrangeiro foi certamente possível graças à criação pelo Estado de um vasto programa de bolsas distribuídas por agências de financiamento à pesquisa como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

(CAPES), mas também a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Apesar das crises econômicas sucessivas e dos déficits da balança de pagamentos, o apoio aos bolsistas no estrangeiro já dura mais de três décadas sem interrupção significativa, ainda que não sejam poucas as ameaças nesse sentido.

A pós-graduação brasileira, implantada em meados dos anos 60 e institucionalizada a partir da década de 70, vem desempenhando um papel central para a formação de acadêmicos e de profissionais de alto nível, e dessa maneira vem contribuindo em grande medida para o desenvolvimento do país. Seu papel principal tem sido o de desenvolver o essencial da atividade de pesquisa científica e tecnológica realizada no país.

“No final da década de 1960, a pós-graduação contava com cerca de cem cursos, abrangendo uns dois mil estudantes. Atualmente, ela se desdobra em cerca de 1.100 programas, que cobrem todas as áreas do conhecimento, vários deles com excelente padrão acadêmico. Destes, aproximadamente 550 são de Doutorado e Mestrado, e 550 só de Mestrado. O sistema conta com cerca de sessenta mil alunos e é responsável por quase dez mil titulações anuais.” (NEVES, Abílio Baeta. 1994:14)

Essa circulação de cientistas brasileiros em formação pelo estrangeiro foi fortalecida pela presença de pesquisadores estrangeiros no país. As motivações e os destinos desses professores estrangeiros, foram as mais variadas e dependeram, muitas vezes, das condições específicas de seus países de origem. Muitos se integraram ao meio brasileiro, aqui permanecendo. (Hamburger, 1996)

TEMA 2: AS CONSEQÜÊNCIAS DA INTENSIFICAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO

A intensificação da circulação internacional de cientistas brasileiros assim ocorrida teve efeitos concretos, não apenas sobre a organização da comunidade científica brasileira, mas também sobre outros espaços sociais.

Fernando Spagnolo (1995), por exemplo, ao discutir os dados referentes à área da Ciência Econômica, lembra que “(...) a instalação dos programas de pós-

graduação, a expansão dos cursos de economia e do número de alunos, o crescimento da produção acadêmica, o desenvolvimento de um quadro institucional de pesquisa e, inclusive, a criação de novas revistas especializadas são componentes de um mesmo e mais amplo processo, que se pode definir como modernização da ciência econômica no Brasil." (SPAGNOLO, 1995:65)

Além disso, um exame ainda que rápido das páginas dos principais jornais de circulação nacional nos oferece alguns indícios de que os jovens universitários que partiram em direção ao exterior para concluir lá seus estudos (principalmente de doutorado e pós-doutorado) têm participado de forma decisiva das inovações no domínio das instituições intelectuais e políticas. Sua colaboração aos trabalhos desenvolvidos nos laboratórios de ponta dos países com maior tradição universitária, suas pesquisas sobre os objetos ou processos que podem ser observados apenas na América do Sul, sua contribuição a numerosas inovações no Brasil (a rede institucional de novos departamentos e programas de formação para a pesquisa e de agências de financiamento) são testemunhas da participação ativa e crescente dos professores universitários na intensificação das trocas científicas internacionais e na apropriação dos novos saberes essenciais à modernização cultural, social e econômica do país.

Tudo isso nos chama a atenção para a importância de se estudar os processos de socialização profissional e, em especial, os processos de transmissão de competências específicas de uma geração a outra no caso dos cientistas, compreendendo que a maneira como se organizam esses processos são fundamentais para a produção e reprodução de formas de pensar a ciência em cada país, já que, como mostra, entre outros Ben-David (1971), "...Os cientistas mais jovens são socializados na ciência; os cientistas maduros sustentam e transmitem essa tradição à geração seguinte. Ao adotar essa tradição, a pessoa entra numa comunidade que, como todas as outras comunidades, sensibiliza seus participantes entre si, ao mesmo tempo que os dessensibiliza para os estranhos."

TEMA 3: O ESTUDO DO FLUXO DE BOLSISTAS DO BRASIL PARA A ALEMANHA

Essas questões, referentes a internacionalização da ciência, nos levam a refletir sobre os motivos pelos quais os estudantes escolheram estudar neste ou naquele país. Procurar compreender o caso daqueles que optaram por realizar seus estudos de pós-graduação na Alemanha tornou-se interessante, uma vez que a língua alemã não tem sido amplamente ensinada no Brasil como é o caso do inglês e do francês. Objetivou-se entender quem são os estudantes universitários que se sentiram capazes de vencer o desafio de realizar seus estudos nesse país. Entre outros, será possível notar o grau em que a prática de uma determinada disciplina ou o pertencimento étnico (dado pela região de origem dos bolsistas e pelos sobrenomes) influenciam na definição da formação alemã como possível ou desejável. Mas o estudo da contribuição alemã é especial também em função dos resultados alcançados pela colaboração científica entre os dois países, particularmente se incluirmos nesse domínio os investimentos em recursos humanos e econômicos realizados para a implantação da energia nuclear no Brasil.

A análise do fluxo de universitários entre os dois países é o primeiro passo de uma pesquisa que procura identificar os recursos específicos mobilizados por alguns grupos sociais para a aquisição de novas competências e obtenção de novos títulos. Ao mesmo tempo, este estudo pode contribuir para identificar os obstáculos a serem superados se for considerado necessário aumentar o círculo dos jovens brasileiros capazes de efetuar uma parte de sua formação nesse país. Essas são questões importantes numa época em que a internacionalização da formação parece ter se tornado uma exigência reconhecida por todos.

Acredita-se que o estudo do fluxo de bolsistas do Brasil para a Alemanha nos permitirá examinar a contribuição dessa forma de migração internacional temporária para a intensificação das trocas científicas internacionais e às transformações do espaço cultural do Brasil (apropriação de novos saberes ligados à modernização desse espaço). Com efeito, competências (títulos, diplomas etc.) adquiridas em escala internacional têm se mostrado recursos

decisivos na competição entre as elites por transformações inovadoras do universo cultural.

No primeiro capítulo deste trabalho descrevo e analiso o fluxo de bolsistas do Brasil para a Alemanha, e suas transformações ao longo do período estudado (1984 - 2000). Este foi traçado a partir de listagens com informações sobre os bolsistas, fornecidas pelo CNPq, CAPES e FAPESP, a partir da visualização quantitativa do fluxo montei tabelas e gráficos usando o programa Microsoft Excel para organizar os dados pertinentes, obtendo, dessa forma, um mapa visualmente estruturado desse fluxo.

No segundo capítulo procurei discorrer sobre o seguinte enfoque dado para o trabalho: Após constatar a grande diferença entre o fluxo dos homens e mulheres (31% sexo feminino enquanto 69% são do sexo masculino), o interesse foi o de compreender quem eram essas mulheres em meio a um universo majoritariamente masculino. Para isso montei um banco de currículos contendo as mulheres encontradas. Localizei, entrei em contato com as respectivas mulheres do Estado de SP (SP devido a proximidade e sua importância à internacionalização da ciência no Brasil [Indicadores de Ciência e Tecnologia em São Paulo, FAPESP, 1998. 144p. : il.]) e realizei entrevistas¹ com elas.

Por fim, no terceiro e último capítulo procurei, a partir das entrevistas realizadas, discutir a passagem pela Alemanha e as respectivas trajetórias profissionais das mulheres entrevistadas. A idéia foi tratar essas entrevistas como uma incursão exploratória num terreno de pesquisa promissor para verificar a pertinência de se construir uma investigação em torno da experiência feminina da passagem pela Alemanha para a realização de estudos acadêmicos.

¹ Os dados quantitativos por si sós não permitem organizar relações explicativas com maior consistência, para encontrarmos resposta para questões que dizem respeito à preponderância dos homens sobre as mulheres, a escolha pelo país, as contribuições do estudo no exterior para a carreira no Brasil, a experiência vivida em outra cultura e a vivência universitária num sistema completamente diverso do brasileiro, de que maneira constituiu-se o contato das bolsistas brasileiras com a estrutura alemã de formação de cientistas? E de que maneira o fato de ser mulher afetou essa experiência? E de que maneira essa experiência afetou a maneira de ser mulher? Dessa maneira, pretendo reconstruir a memória dessas mulheres ao longo de suas respectivas formações escolares e profissionais.

Com esse trabalho procurei contribuir para a avaliação de trinta anos de investimento público na formação de cientistas brasileiros no exterior, para o exame das relações científicas que unem a Alemanha e o Brasil, para inserir as informações sobre a formação de cientistas brasileiros no estrangeiro numa discussão mais ampla sobre a internacionalização das elites brasileiras, bem como para produzir uma base de informações sobre a formação dos cientistas brasileiros a ser colocada à disposição da comunidade de pesquisadores.

CAPÍTULO I

Descrição e análise do fluxo de bolsistas do CNPq, CAPES e FAPESP para a Alemanha entre o período de 1984 a 2000

Para descrever e posteriormente analisar o fluxo de bolsistas do Brasil para a Alemanha, iniciei o trabalho com o estudo e a organização das listagens, obtidas junto aos órgãos de financiamento (CNPq, CAPES e FAPESP), de ex-bolsistas e bolsistas no estrangeiro.

1. AS FONTES

1.1 - Considerações sobre as listagens obtidas junto aos órgãos de fomento a pesquisa

A listagem do CNPq, assim como aquelas da CAPES e da FAPESP, não trazem informações sobre as bolsas concedidas antes da década de 80. Mais especificamente, a listagem do CNPq trata do período 1984 -2000 (enquanto a da FAPESP vai de 1993 a 2000 e a da CAPES de 1987 a 2000). No caso das agências nacionais, essa limitação deve-se à forma como foram sendo constituídos os arquivos e os processos de informatização da base de dados. No caso do CNPq, particularmente, ao que tudo indica, houve uma "repartição" dos processos com o Museu de Astronomia localizado no Rio de Janeiro. Segundo as informações (um tanto vagas, diga-se de passagem) dos funcionários do CNPq e do MAST, os processos de bolsistas das décadas anteriores a oitenta teriam sido objeto de uma negociação e, finalmente, incluídos nos arquivos do MAST. Concretamente, isso significa que tais processos não foram informatizados e que estão disponíveis para consulta apenas no próprio museu. Situação semelhante foi encontrada no caso da CAPES cujo acervo anterior à década de oitenta, embora reunido em Brasília, encontra-se microfilmado apenas. Isso impossibilita, nesse momento, incluir esse período na análise na medida que precisaremos

contar com um pesquisador em Brasília para viabilizar os dados. O caso da FAPESP é um tanto diferente. Pelas informações obtidas junto aos funcionários responsáveis, o sistema de bolsas no exterior foi implementado apenas a partir de 1980. Isso pede por um estudo mais aprofundado das políticas de financiamento dessa agência que nos permitam compreender quais as modalidades sob as quais se desenvolviam antes disso as experiências dos pesquisadores no estrangeiro.

1.2 - O trabalho com as listagens

Com o objetivo de montar tabelas e gráficos que melhor descrevessem o fluxo de bolsistas para a Alemanha no período em questão, foi que, a partir das listagens (*Anexo 1*) obtidas junto aos três órgãos de fomento estudados selecionei os bolsistas que partiram para realizar seus estudos após a graduação na Alemanha e montei um banco de dados que reunisse somente estes. Partindo destes dados, referentes somente aos brasileiros que foram estudar na Alemanha, foi que iniciei a montagem de tabelas e gráficos que me permitiram visualizar o fluxo dos bolsistas em questão. Montei também um Banco de Dados sobre as instituições de origem e de destino que enviaram e acolheram estes bolsistas. Com isso, pretendi facilitar o estudo e a análise do fluxo de bolsistas e suas transformações, assim como possibilitar uma maior visualização do fluxo entre as instituições.

Construí comparações pontuais entre os bolsistas que foram para a Alemanha e os que foram para outros países, uma vez que, acredito que as particularidades do fluxo de bolsistas para a Alemanha ficam mais claras quando confrontadas com outros fluxos. Para isso, contei com o resultado do trabalho de outros membros da equipe (Canedo, 2000).

Para trabalhar esse material, foi necessário dispender um bom esforço na aprendizagem do programa de planilhas Excel para Windows. Assim, posso listar como um dos progressos realizados no período a minha capacitação no uso dessa ferramenta.

1.3 - As tabelas e os gráficos

Todas as listagens que usei para montar as tabelas específicas para o estudo do fluxo dos bolsistas brasileiros para a Alemanha contêm os mesmos campos de informações sobre os bolsistas. Trata-se de dados que se constituem, por um lado, em ferramentas para identificação dos bolsistas (úteis quando chegarmos à etapa de analisar os efeitos da passagem pelo estrangeiro sobre a atuação profissional no Brasil, momento em que teremos que localizar as pessoas para retratar seus itinerários profissionais). Entre esses, as listagens oferecem basicamente o nome do bolsista e o número do CPF. Por outro lado, as listagens contêm dados que permitem propriamente caracterizar o fluxo de bolsistas ao longo do tempo: Nacionalidade / Data de nascimento / Gênero / Modalidade de bolsa / Data de início da bolsa / Data de término da bolsa / Instituição de destino / País de destino / Área / Sub-área / Especialidade / Título do projeto (esse campo não foi preenchido para todos os bolsistas).

Os gráficos foram elaborados a partir dos dados que foram tabelados visando facilitar, ainda mais, a leitura do fluxo dos bolsistas estudado e em sua maioria foram desenhados para mostrar o fluxo total segundo os Anos, Sexo, Modalidades de bolsas e Grandes Áreas do conhecimento.

As tabelas foram montadas segundo quatro critérios distintos:

1) O primeiro visa analisar a evolução do número total de bolsistas que estiveram na Alemanha, considerando-se o gênero e o ano. Como já foi dito acima, é importante atentarmos para o fato de que o CNPq dispõe, para serem consultados, de arquivos que vão do ano de 1984 a 2000, já os arquivos do CAPES, os quais dispomos, vão de 1987 a 2000 e os da FAPESP somente de 1993 a 2000

2) O segundo critério visa analisar a evolução da distribuição dos bolsistas pelas quatro modalidades de bolsa estudadas (Mestrado, Doutorado, Doutorado Sanduíche e Pós-Doutorado) relativas ao número total de bolsistas na Alemanha, levando-se em conta o gênero, por ano. Isso significa que não incluí na análise os cientistas que receberam bolsas de Especialização, Ajuda para participação em

Congressos e Reuniões ou mesmo para Visitas a Centros de Pesquisa Estrangeiros. Com exceção da Especialização, as outras modalidades reúnem um número razoável de casos de circulação pelo estrangeiro, mas descrevem passagens muito curtas (até três meses) e, por isso, difíceis de serem investigadas em termos dos efeitos produzidos sobre os bolsistas. A equipe decidiu tratar esses casos no interior de um estudo mais geral sobre "contatos com o estrangeiro", quando seriam analisadas as modalidades de manutenção do vínculo com grupos estrangeiros. Quanto à Especialização, trata-se, em geral, de um número muito pequeno de bolsistas e concentrado em algumas áreas. Esse tipo de bolsa será objeto de um estudo próprio a ser realizado futuramente. Vale ressaltar que no período estudado, na listagem obtida junto a FAPESP consta somente estudantes de Pós-Doutorado.

3) O terceiro critério visa analisar a distribuição por ano dos bolsistas pertencentes as quatro modalidades de bolsa estudadas (Mestrado, Doutorado, Doutorado Sanduíche e Pós-Doutorado), levando-se em conta o gênero.

4) Por fim, o quarto e último critério que adotei para montar as tabelas visa analisar a evolução da distribuição do número de bolsistas pelas Áreas do Conhecimento por gênero, ano e pelas quatro modalidades de formação acadêmica estudadas, subdivididas anualmente, além da divisão por áreas do conhecimento.

2 - RESULTADOS OBTIDOS

Primeiramente os resultados foram descritos e analisados observando-se o fluxo de cada órgão (CNPq, CAPES e FAPESP) separadamente, para que, posteriormente, suas particularidades quanto ao padrão e as transformações pudessem ficar mais claras quando confrontadas com o todo.

Resultados das listagens do CNPq (1984 – 2000), CAPES (1987 – 2000) e FAPESP (1993 – 2000).

2.1 - Fluxo de bolsistas e ex-bolsistas do CNPq (1984-2000):

No total 321 bolsistas foram para a Alemanha no período estudado (221 são homens e 100 são mulheres) (*Anexo 2*).

Nas quatro modalidades de bolsa que interessa aqui (Mestrado, Doutorado, Doutorado Sanduíche e Pós-Doutorado), a Alemanha recebeu, ao longo do período, um total de 309 bolsistas, sendo que 212 são homens, enquanto 97 são mulheres (*Anexo 3*).

A maior parte desses bolsistas enquadram-se na modalidade Doutorado (190), seguido pelo Pós-Doutorado (69) e pelo Doutorado Sanduíche (46). Os bolsistas de Mestrado constituem uma parcela mínima desse universo (4)² (*Anexo 4*).

Mais de 50% dessas bolsas foram concedidas entre os anos de 1991 e 1992.

A Grande Área³ mais representada dentro deste quadro é a que corresponde à Ciências Exatas e da Terra. A predominância masculina ocorre em todas as Grandes Áreas, exceto nas Ciências Biológicas, na qual, as mulheres são 15 enquanto os homens somente 8. (*Anexo 5*).

Em se tratando das Áreas do conhecimento podemos observar que o maior número de homens está localizado na Física e na Engenharia III, ambos com 22 homens, ao passo que as mulheres se encontram na Química e na Engenharia II (8 mulheres – quantidade máxima por área) (*Anexo 5*).

O fluxo quanto ao tipo de bolsa segue um padrão para a maioria das Grandes Áreas. Este padrão corresponde ao fato de que a maior parte dos bolsistas estão na modalidade Doutorado, depois pelo Pós-Doutorado, em seguida pelo Doutorado Sanduíche e por fim pelo Mestrado. Isso só não é válido para três Grandes Áreas: Engenharias (Doutorado 55 bolsistas, Doutorado Sanduíche 12, Pós-Doutorado 8 e Mestrado ninguém), Ciências Sociais Aplicadas (Pós-

² É importante ressaltar que as bolsas sanduíches foram introduzidas apenas nos anos 90 e que se tornaram um importante instrumento do intercâmbio de pessoas entre os países. Segundo Angela Xavier de Brito (2000) a implantação desse tipo de bolsa não substituiu as outras, de longa duração, mais reduz suas respectivas importâncias. A redução das bolsas de mestrado por parte das agências que financiam a pesquisa é outro fator que temos que considerar na análise do fluxo com relação as modalidades de bolsa.

Doutorado 7, Doutorado 6 bolsistas, Doutorado Sanduíche 5 e Mestrado 1) e Lingüística Letras e Artes (Doutorado 5 bolsistas, Doutorado Sanduíche 1, Mestrado 1 e Pós-Doutorado ninguém)

2.2 - Fluxo de bolsistas e ex-bolsistas da CAPES (1987- 2000):

No total 432 pessoas foram para a Alemanha no período estudado (295 são homens e 137 são mulheres) (*Anexo 6*).

No que diz respeito às quatro modalidades de bolsa que nos interessa (Mestrado, Doutorado, Doutorado Sanduíche e Pós-Doutorado), a Alemanha recebeu, ao longo do período, um total de 259 bolsistas, sendo que 175 são homens, enquanto 84 são mulheres (*Anexo 7*).

A maior parte desses bolsistas enquadram-se na modalidade Doutorado (176), seguido pelo Doutorado Sanduíche (40) e pelo Pós-Doutorado (33). Os bolsistas de Mestrado constituem uma parcela menor dentro desse universo (10) (*Anexo 8*).

No ano de 1998 houve a maior concessão dessas bolsas (148) que se concentraram nas mãos de 111 homens e 37 mulheres. Porém, destas 148 bolsas, somente 41 estão distribuídas por entre as quatro modalidades estudadas, as restantes foram concedidas às Especializações.

A Grande Área mais representada dentro deste quadro é a que corresponde às Ciências Humanas. A predominância masculina ocorre em todas as Grandes Áreas.

Em se tratando das Áreas do conhecimento podemos observar que o maior número de homens está localizado na Filosofia (17 ao todo, há que se considerar o perfil de excelência da filosofia alemã), ao passo que as mulheres se encontram, em maior quantidade, na Química (8 mulheres). (*Anexo 9*).

O fluxo quanto ao tipo de bolsa segue um padrão em específico, no caso da Modalidade de Doutorado: em todas as Grandes Áreas a quantidade de bolsistas

³ Os órgãos que financiam a pesquisa possuem classificações referentes as áreas do conhecimento que se encontram nos Anexos 20 (FAPESP) e 21 (CNPq e CAPES).

de Doutorado supera as outras em uma proporção numérica consideravelmente mais alta.

2.3 - Fluxo de bolsistas e ex-bolsistas da FAPESP (1993-2000):

No total, 98 bolsistas foram para a Alemanha no período estudado (68 são homens e 30 são mulheres) (*Anexo 10*).

A FAPESP possui somente bolsistas de Pós-Doutorado, segundo a lista que me foi passada, dos quais 62 são homens e 24 são mulheres, 86 ao todo (*Anexo 11*). (A diferença das bolsas do Governo Federal e Estadual pode explicar preferência das primeiras para o período mais longo de doutorado)

Mais de 50% dessas bolsas foram concedidas entre os anos de 1995 e 1996.

A Grande Área mais representada dentro deste quadro é a que corresponde à Ciências Exatas e da Terra. A predominância masculina ocorre em todas as Grandes Áreas.

Em se tratando das Áreas do conhecimento podemos observar que o maior número de bolsistas homens e mulheres está localizado na Física, 12 homens e 4 mulheres (*Anexo 12*). (A física é uma comunidade científica mais antiga, mais estruturada, o que explica o grande número de pós-doutorados)

Contando com toda descrição feita acima, através da qual procurou-se observar o fluxo de cada órgão (CNPq, CAPES e FAPESP) separadamente, bem como com todo o material produzido através da confecção de tabelas e gráficos referentes ao fluxo de bolsistas do Brasil para a Alemanha, alguns pontos a serem descritos a seguir foram particularmente interessantes para que se pudessemos obter um traçado mais global do fluxo com um todo.

3 - QUEM ESTUDOU NA ALEMANHA?

3.1 - Homens x Mulheres

Em todas as agências, ao longo do período estudado, ocorre a predominância do gênero masculino. Somando-se os índices do fluxo de cada agência temos um total de 654 bolsistas que estiveram na Alemanha, dos quais 449 são do sexo masculino e 205 do sexo feminino. Ou seja, 69% do total de bolsistas que foram para a Alemanha realizar seus estudos (Mestrado, Doutorado, Doutorado Sanduíche e Pós-Doutorado) eram homens ao passo que apenas 31% do total eram mulheres. (*Anexo 15*)

Quando analisamos as Grandes Áreas em particular, o que podemos concluir é que: na FAPESP em todas as Grandes Áreas os homens são a maioria, ao passo que no CNPq em duas Grandes Áreas, Ciências Biológicas e Ciências da Saúde, as mulheres estão em maior número e na CAPES somente em Ciências Biológicas. No quadro geral da totalidade do fluxo traçado a partir das Grandes Áreas do conhecimento, as mulheres tem maior representatividade do que os homens nas Ciências Biológicas (*Anexo 18*)

Contando com o trabalho de uma bolsista da equipe (que realizou a coleta e organização dos dados referentes ao fluxo total de bolsistas brasileiros pelo mundo em alguns anos específicos), tive a possibilidade de perceber que de uma forma geral o predomínio masculino ocorre em outros países do mundo, tais como: Canadá, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra e Itália. Pude constatar que o CNPq (ano de 1998) manda para a Espanha, Itália e Portugal mais bolsistas mulheres o que homens, tal como ocorre com a CAPES nos anos de 1987 (Cuba) e 1991 (Portugal) e com a FAPESP em 1993 (Portugal) e 1998 (Suíça, Portugal, Itália, Índia, Eslovênia, Canadá e Áustria).

Provavelmente esse quadro da diferenciação do fluxo entre homens e mulheres se constitui como tal devido a dois fatores: 1) Nossa sociedade, em grande medida, ainda atribui às mulheres as tarefas de cuidados com os filhos e com a casa, o que pode acabar limitando a movimentação das mulheres quanto suas respectivas formações e seus trabalhos e 2) As áreas de Ciências Exatas e da

Terra, Engenharias e até Ciências Humanas (que supúnhamos ser uma área mais representada por mulheres, o que não é verdade) reúnem o maior fluxo de bolsistas para a Alemanha e que por suas vez também são constituídas, em sua maioria, pelos bolsistas do sexo masculino.

3.2 - Idade

A partir dos dados obtidos através das listagens, conseguidas junto aos órgãos estudados que fomentam a pesquisa, que continham a data de nascimento e a data de início da obtenção da bolsa para o estudo no exterior, tornou-se possível obter um quadro com a média das idades que os bolsistas tinham quando iniciaram seus estudos na Alemanha. Pode-se perceber que os bolsistas de Mestrado concentram-se, em sua maioria, entre a faixa de 24 a 30 anos, os de Doutorado na faixa de 24 a 40, os de Doutorado Sanduíche se concentram nas idades de 31 a 40 anos e os de Pós Doutorado de 31 a 50 anos. (*Anexos 20 a 23*)

Levando-se em conta o quadro encontrado podemos perceber que poucos são os que realizam estudos de pós-graduação na faixa de 50 a 70 anos, exceto com relação ao estudo de Pós Doutorado, como já era esperado, uma vez que as pessoas que despendem seus esforços para esta modalidade de bolsa provavelmente já passaram pelas outras. Outra observação feita a partir dos dados obtidos é a de que no Mestrado as mulheres concentram a maioria do fluxo, no Doutorado Sanduíche o índice do fluxo feminino também é grande ao passo que no Doutorado e principalmente no Pós Doutorado os homens compõe o índice maior desse fluxo.

3.3 - Grande Área, Área e Sub-área do conhecimento e Tipo de bolsa

Os três órgãos, CNPq, CAPES e FAPESP, possuem listagens próprias contendo dados referentes a forma como eles classificam as áreas do conhecimento. Ex.: Para a FAPESP Ciências Exatas e da Terra é uma Grande Área dentro da qual a Matemática é uma das Áreas e a Álgebra, dentro da matemática, uma Sub-área do conhecimento.

A listagem do CNPq e CAPES é a mesma (*Anexo 30*) a da FAPESP é separada (*Anexo 29*), ambas não sofrem grandes alterações. Os tipos de bolsa concedidas e que foram estudadas são: Mestrado, Doutorado, Doutorado Sanduíche e Pós Doutorado. Para que a comparação a ser feita tenha maior validade e precisão, recortei a lista do CNPq no ano de 1987 para que ficasse compatível com a lista da CAPES, que inicia-se em 1987. Como a listagem da FAPESP só contém bolsistas de Pós-Doutorado ela será relacionada posteriormente com as demais através de outro tipo de recorte.

Em se tratando do fluxo de bolsistas do Brasil para a Alemanha, no período estudado, levando-se em conta as Grandes Áreas, Áreas e Sub-áreas do conhecimento, comparando as três agências a partir do tipo de bolsa, pode-se constatar que:

Número total de bolsistas de Mestrado na Alemanha, segundo o ano por sexo. CNPq (1987-2000) e CAPES (1987-2000):

Os bolsistas de Mestrado do CNPq na Alemanha são muito poucos ao longo do período (4 ao todo, 2 homens e 2 mulheres) e distribuem-se pelas Grandes Áreas Ciência da Saúde (2 bolsistas mulheres na Educação Física), Ciências Sociais Aplicadas (1 bolsista homem em Direito) e Lingüística, Artes e Letras (1 bolsista homem da Artes). As bolsas de Mestrado concentram-se nos anos de 1987 (1 bolsa), 1989 (2 bolsas) e 1990 (1 bolsa). Depois desse período, não se registra nenhum outro bolsista de Mestrado na Alemanha.

Em se tratando da listagem da CAPES, ao longo do período em questão, são 10 os bolsistas de Mestrado, ou seja, a CAPES mandou 6 bolsistas a mais do que o CNPq para a Alemanha. Destes 10, apenas 4 são homens, enquanto 6 são mulheres. Estes distribuem-se nas áreas de: Ciências da Saúde, na qual se encontram 2 homens (anos de 1988 e 1981) e 2 mulheres (anos de 1989 e 1990), Ciências Sociais e Aplicadas, a qual conta com duas mulheres (anos de 1987 e 1990), Ciências Humanas, (1996) 1 mulher, e por fim dois homens (ano de 1998) e uma mulher (1989) na área de Lingüística, Letras e Artes.

Dessa forma, podemos perceber que, em ambas as listagens, os Mestrandos se concentram em três áreas, Ciências da Saúde, Ciências Sociais e Aplicadas e Lingüística, Letras e Artes.

Número total de bolsistas de Doutorado na Alemanha, segundo o ano por sexo. CNPq (1987 - 2000) e CAPES (1987 - 2000). As listagens mostram que:

Os bolsistas de Doutorado na Alemanha, em se tratando das duas listagem (CNPq e CAPES), constituem a maioria, ao longo do período (CNPq 130 homens e 55 mulheres, 185 no total - CAPES 117 homens e 59 mulheres, no total 176) a ser comparado.

Quanto à listagem do CNPq, as três Grandes Áreas de maior destaque são: Engenharias (42 homens e 12 mulheres, num total de 54 pessoas), Ciências Exatas e da Terra (36 homens e 12 mulheres, 48 no total) e Ciências Agrárias (17 homens e 5 mulheres, 22 bolsistas no total). As bolsas de Doutorado concentram-se nos anos de 1990 (27 bolsas), 1991 (29 bolsas) e 1992 (32 bolsas).

Quanto à listagem da CAPES, a distribuição das três Áreas mais representadas constitui-se da seguinte maneira: Ciências Humanas (23 homens e 11 mulheres, somando um total de 34), Ciências Exatas e da Terra e Engenharias, ambos com 33 bolsistas e Ciências da Saúde que conta com 13 homens e 10 mulheres (23 no total). A maioria do fluxo do Doutorado concentra-se nos anos de 1993 (18 bolsistas), 1992 (17 no total) e 1991 (16 bolsistas).

O que podemos perceber, quando se trata das duas agências de fomento da pesquisa, é que os Doutorandos se concentram nestas três Grandes Áreas: Ciências Exatas e da Terra e Engenharias (para o CNPq e CAPES) e Ciências Humanas (para a CAPES). Neste sentido, as tabelas produzidas para que o fluxo de bolsistas fosse visualizado contribuíram também, em grande medida, para indicar a preferência dos estudantes desta ou daquela área por uma agência específica, que lhes parece ter uma política mais favorável para sua área. Embora isso não seja rigorosamente verdade, acreditou-se durante muito tempo que a Capes favorecia as ciências humanas, enquanto o CNPq favorecia as ciências exatas como engenharia.

Número total de bolsistas de Doutorado Sanduíche na Alemanha, segundo o ano por sexo. CNPq (1987 - 2000) e CAPES (1987 - 2000). As listagens mostram que:

O segundo maior grupo de bolsistas da CAPES na Alemanha é o do Doutorado Sanduíche (40 bolsistas, 28 homens e 12 mulheres), ao passo que no CNPq é o terceiro grupo mais representado (46 bolsistas, 24 homens e 22 mulheres).

Quanto à distribuição da CAPES por Grande Área do conhecimento, as três mais representadas são: Engenharias e Ciências Humanas com 8 bolsistas no total (seis homens e 2 mulheres), Ciências Biológicas (7 no total, 4 homens e 3 mulheres) e Ciências Exatas e da Terra (6 no total, 4 homens e 2 mulheres).

Quanto à distribuição do CNPq por Grande Área do conhecimento as três áreas mais representadas são: Engenharias com 12 bolsistas no total (7 homens e 5 mulheres), Ciências Biológicas com 9 bolsistas no total (1 homem e 8 mulheres) e Ciências Exatas e da Terra com um total de 8 bolsistas (5 homens e 3 mulheres).

Número total de bolsistas de Pós-Doutorado na Alemanha, segundo o ano por sexo. Pelo fato da listagem da FAPESP só conter bolsistas de Pós-Doutorado e iniciar-se apenas em 1993, a análise abaixo será feita a partir dos três órgãos analisados (CAPES, CNPq e FAPESP) levando-se em conta os anos de 1993 a 2000, para que se tenha uma comparação coerente.

a) Número total de bolsistas:

Em primeiro lugar vem a CAPES com 94 bolsistas ao total, sendo que destes, 63 são homens e 31 são mulheres. Logo após vem a FAPESP com 86 bolsistas ao total, dos quais 64 são homens e 24 são mulheres. Por fim vem o CNPq que conta com 59 bolsistas ao todo (43 homens e 16 mulheres).

b) Grandes Áreas priorizadas por cada agência:

Tanto na FAPESP (28 no total, 22 homens e 6 mulheres) quanto no CNPq (29 no total, 22 homens e 7 mulheres), a Grande Área de Ciências Exatas e da Terra é a que possui maior número de bolsistas. Já na CAPES, a Grande Área com maior número de bolsistas são as Engenharias, que contam com 9 bolsistas no total (5 homens e 4 mulheres). O interessante é notar que esse número pode

indicar que, ainda neste período, não havia nas ciências humanas a cultura do Pós-Doutorado para a Capes, apenas para o CNPq.

Em segundo lugar, no caso da FAPESP, vêm as Ciências Biológicas com 20 bolsistas, num total de 12 homens e 8 mulheres, ao passo que na CAPES, 5 homens e 4 mulheres, no total de 9 bolsistas, compõe o quadro das Engenharias e no CNPq (9 homens e 2 mulheres, 11 no total) vêm as Ciências Humanas como sendo a segunda Grande Área com maior número de bolsistas.

Por fim, em terceiro lugar, na FAPESP, contendo 11 bolsistas (8 homens e 3 mulheres), se destaca as Ciências Humanas, na CAPES as Ciências Exatas e da Terra com 7 homens no total e no CNPq as Engenharias é que assumem o terceiro lugar em número de bolsistas, contando com 8 bolsistas, 7 homens e 1 mulher.

Ao compararmos os quadros das três agências o que percebemos com relação ao Pós doutorado é que os bolsistas se distribuem de forma a preencherem todas as grandes áreas no caso da FAPESP, ao passo que na CAPES e no CNPq a grande área de Lingüística Letras e Artes não contém nenhum bolsista.

c) Período de maior fluxo

Ao compararmos os quadros das três agências quanto ao fluxo total de bolsistas ao longo de todo período estudado percebemos que o fluxo da mulheres e difere do fluxo dos homens, assim como também o fluxo entre as agências.

Analisando o fluxo dos homens constataremos que pelo CNPq a intensificação das bolsas ocorre entre os anos de 1991 e 1992, ao passo que na CAPES o fluxo masculino se concentra no ano de 1998 e na FAPESP nos anos de 1995 e 1996.

Quanto às modalidades de bolsa, no caso do CNPq e da CAPES que possuem mais de uma, podemos observar que: O CNPq manda mais bolsistas de Mestrado no ano de 1989, de Doutorado no ano de 1992, de Doutorado Sanduíche no ano de 1993 e de Pós-Doutorado no ano de 1989. Lembrando que a maior intensidade do fluxo total dos bolsistas está nos anos de 1991 e 1992, podemos concluir que em 1992 a maioria pertence a modalidade de Doutorado. Já a CAPES manda mais bolsistas de Mestrado no anos de 1989, 1990 e 1998, de Doutorado no ano de 1998, de Doutorado Sanduíche no ano de 1996 e de Pós Doutorado nos anos

de 1997 e 1998. Essa análise nos leva a perceber que, sendo 1998 o ano de maior número de bolsistas da CAPES na Alemanha, houve intensificação de todas as modalidades, exceto do Doutorado Sanduíche.

3.4 - Região de origem no Brasil

A partir do fluxo de bolsistas obtido neste estudo podemos notar que as instituições de origem que enviam o maior número de bolsistas à Alemanha são: a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em primeiro lugar, e em segundo a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade estadual de Campinas (Unicamp) (*Anexo 27*). Mediante a constatação deste quadro podemos perceber um predomínio da região Sudeste do Brasil, quanto à saída do fluxo para a Alemanha. No entanto, é importante notar o lugar ocupado pelo Rio Grande do Sul no caso das agências nacionais, já que isso parece não se repetir no fluxo de outros países. O caso específico da região do Rio Grande do Sul, evidencia da colonização alemã, diferente da USP, cujo papel é o de concentrar recursos nacionais.

Ao analisar o fluxo de origem do Brasil para a Alemanha a partir de cada órgão estudados constatamos que:

Análise da listagem de bolsistas do CNPq de bolsistas e ex-bolsistas mostra que: A maioria dos bolsistas que vai para a Alemanha parte das seguintes instituições de origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (30 no total), Universidade de São Paulo (20 bolsistas no total), Universidade_Estadual de Campinas (15 bolsistas no total) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (13 no total). (*Anexo 24*)

Análise da listagem de bolsistas da CAPES de bolsistas e ex-bolsistas mostra que: A maioria dos bolsistas que vai para a Alemanha no período estudado parte das seguintes instituições de origem: Universidade de São Paulo (59 bolsistas no total), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (44 no total), Universidade Federal do Rio de Janeiro (36 no total) e Universidade Estadual de Campinas e Universidade Federal de Minas Gerais (25 bolsistas no total).

Análise da listagem de bolsistas da FAPESP de bolsistas e ex-bolsistas mostra que: A maioria dos bolsistas que vai para a Alemanha no período estudado encontra-se nas seguintes instituições de origem: Universidade de São Paulo (29 bolsistas no total), Universidade Estadual de Campinas (17 bolsistas ao todo) e Universidade Estadual Paulista (7 bolsistas no total).

4 - PARA ONDE FORAM?

4.1 - O sistema universitário alemão

Visando subsidiar o estudo da experiência vivida pelos ex-bolsistas brasileiros, procurei me municiar de informações sobre as universidades para as quais os bolsistas brasileiros se dirigem na Alemanha .

Nas fontes que consultadas, vê-se que a Alemanha é um país muito procurado por pessoas que pretendem realizar ali os seus estudos; a maioria desses estudantes vem de outros países europeus. Segundo informações obtidas junto ao DAAD - Deutscher Akademischer Austauschdienst (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico - ver bibliografia), entre os estudantes sul-americanos o maior contingente é formado por brasileiros e chilenos. Provavelmente grande parte desses estudantes estrangeiros vem para a Alemanha atraídos não só pelo elevado nível científico de suas Escolas Superiores, mas também pelas vantagens da gratuidade do ensino.

No caso dos ex-bolsistas brasileiros, no entanto, o fator da gratuidade do ensino não deve ser muito significativo, já que a bolsa concedida pelas agências de fomento cobre os custos da formação. As razões para a ida dos brasileiros devam ser buscadas, então, em outro lugar. Uma das hipóteses diz respeito à trajetória escolar dos ex-bolsistas: a sua ida para a Alemanha seria a concretização de trocas científicas regulares anteriormente estabelecidas entre pesquisadores alemães e brasileiros nas quais eles estariam inseridos na condição de aprendizes. Outra hipótese diz respeito às suas trajetórias sociais: nesse caso, a sua ida para a Alemanha seria o resultado de alguma particularidade biográfica

(família de origem alemã, entre outros). Esses pontos só podem ser esclarecidos por meio de uma investigação de tipo mais qualitativo, como a que pretendo fazer.

Em 1991 a revista americana Newsweek escreveu uma seção especial com o seguinte título: "Onde estão as melhores escolas no mundo?", os editores da matéria elogiaram o sistema de ensino diversificado (esse sistema ilustra o raio das possibilidades educacionais dentro de uma sociedade industrializada) proposto pela Alemanha. Sugeriram, através da matéria, o encaminhamento das crianças à Alemanha para realizarem seus estudos superiores lá. Uma das propostas elogiadas pelos editores é o fato de que os alemães combinam seus estudos com o aprendizado técnico, ou seja, não só aprendem a parte teórica, a proposta é que também vivenciem diariamente aquilo que estudam. (BRINT, Steven (1998), *Schools and Societies*, Ed. Pine Forge Press, p. 17)

Segundo Steven Brint (op. cit.), na Alemanha todas as universidades são consideradas de forma igualitária, no aspecto curricular, ou seja não tenho maior valor por estar cursando a universidade x ou y. Isso parece ser bastante diferente do Brasil, uma vez que aqui, na maioria dos casos, as pessoas que possuem um currículo mais valorizado no mercado de trabalho são aquelas que cursaram as universidades públicas.

Pelo fato do sistema educacional alemão ser descentralizado (*id.*), para compreendermos melhor as características das universidades no país, devemos, de uma forma geral, procurar informações a respeito das regiões em que as respectivas escolas e universidades estão localizadas, pois cada região terá sua autonomia para gerenciar as universidades que fazem parte dela.

Entre as universidades alemãs, que tiveram maior fluxo de bolsistas brasileiros no período estudado, financiados pelo CNPq, CAPES e FAPESP, independentemente das Grandes Áreas do conhecimento, podemos destacar as seguintes características com relação a região que estão inseridas:

A Technische Universität Berlin, localizada na cidade de Berlim, capital da Alemanha está situada na região denominada Brandemburgo, a qual concentra 7 milhões de habitantes. A pluralidade cultural em Berlim tem uma longa tradição, dela fazem parte museus e coleções na Ilha dos Museus, que em Março de 2000

foi incluída na lista dos patrimônios culturais e naturais pela UNESCO. O número crescente de empresas no setor de telecomunicações e também na área da nova tecnologia da informática fazem de Berlim um centro produtivo e inovador da mídia. Berlim tem a imprensa mais diversificada da Europa, sendo também o segundo maior centro editorial da Alemanha. Berlim é um dos mais importantes centros de congressos e feiras.

O instituto Max-Planck-Gesellschaft zur Förderung der Wissenschaften e.V. é um centro de excelência em pesquisa básica, abrange as áreas de Biologia, Psicologia, Ciências Naturais, Medicina e Humanas. Tendo sua sede localizada na Alemanha em München, este instituto não se restringe somente a esta região.

A Universität de München também recebe grande parte do fluxo de bolsistas vindos do Brasil, tanto ela quanto o Instituto Max Planck (A sede e outros laboratórios) localizam-se na região da Baviera, na Alemanha. Sendo este o maior Estado Alemão em superfície, a Baviera hoje é o centro número um da tecnologia avançada na Alemanha, o Estado dispõe de grande competência científico-econômica-técnica nos seguintes campos: tecnologia da informação e comunicação, biotecnologia, tecnologia genética e técnica medicinal. A cidade de Munique é um centro significativo da ciência e da tecnologia, em decorrência sobretudo das renomadas universidades e de outros estabelecimentos de ensino superior, da biblioteca estatal Bávara - uma das maiores da Europa - do Instituto Max Planck de Física do Plasma, do reator de pesquisas e outras instituições.

A Universität Tübingen (Eberhard-Karls), localizada na cidade de Tübingen esta imersa na região de Baden-Württemberg. Além de ser um dos maiores atrativos em termos paisagísticos, o Estado de Baden-Württemberg tem seus interesses primordialmente voltados para a pesquisa: tendo como medida o Produto Interno Bruto, os recursos destinados por este Estado à pesquisa ocupam uma posição de destaque no âmbito internacional. A ciência e a pesquisa têm tradição nesta região, nela se encontram a Universidade de Heidelberg (a mais antiga a ser fundada na Alemanha) e a primeira escola técnica alemã (Karlsruhe). Esta região é também a grande sede dos maiores grupos editoriais da Alemanha.

Informações mais gerais, no entanto, estão disponíveis no DAAD. Assim, por exemplo, sabemos que a mais antiga universidade alemã, a Universidade de Heidelberg, foi fundada em 1386. Várias outras universidades, como a de Leipzig, fundada em 1409, a de Rostock, fundada em 1419, caminham ao lado de universidades mais recentes das 20 delas foram fundadas depois de 1960.

No século XIX e no princípio do século XX, o ideal de instrução a ser seguido pelas universidades era baseado nas idéias de Wilhem von Humboldt, que procurou realizar na Universidade de Berlim (fundada em 1810) o pioneirismo de seus ideais. Entre seus ideais a universidade deveria ser concebida para um número pequeno de estudantes e deveria ser um recinto de ciência pura, de pesquisa e de formação, livres em seus objetivos. Não correspondendo mais com os ideais da modernidade exigidos pela sociedade industrial os princípios enraizados nas universidades alemãs por Humboldt foi sendo substituído. Ao lado do desenvolvimento das universidades surgiram as chamadas universidades técnicas, pedagógicas e as escolas superiores especializadas. A política educacional também mudou seu rumo: a abertura das universidades basicamente a todos os jovens tornou-se um objetivo da política universitária.

Brint vê vantagens no sistema dual alemão (no qual, ao mesmo tempo em que estuda, o aluno pratica o que aprende, seja por meio de estágios ou no trabalho), afirmando que esse tipo de sistema acaba por gerar um alto nível educacional no país, ele nota que são as próprias firmas do país que, através de parcerias com as escolas e universidades efetivam esse sistema, apesar de não receberem nenhum tipo de incentivo financeiro para isso (Brint, 1998. p.44).

Vale ressaltar que encontrei algumas dificuldades em compreender melhor o sistema de ensino alemão bem como a totalidade dos estudos oferecidos por cada instituição Alemã, principalmente pela falta de produção bibliográfica disponível no Brasil. De todo material utilizado, apenas um livro (publicado em 1979), foi encontrado em biblioteca universitária da Universidade Estadual de Campinas (BAHRO, Horst, BECKER, Willi e GOERGEN, Pedro, *Educação, Pesquisa e desenvolvimento: o sistema de ensino, ciência e pesquisa na República Federal da Alemanha*, Brasília: CAPES, 1979), referente ao sistema alemão de ensino. O

resto do material foi conseguido no DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio) e por sites na Internet. Isso me fez levantar algumas questões sobre a especificidade da formação em educação fornecida pelas universidades brasileiras, particularmente no que se refere à sua abertura para experiências educativas do estrangeiro.

4.2 - Principais universidades de acolhida.

A maioria dos bolsistas que vai para a Alemanha, no período estudado, financiados pelo CNPq destina-se às seguintes instituições: Technische Universität Berlin (18 bolsistas no total), Universität München (15 no total), Universität Heidelberg (Ruprecht - Karls) e Universität Hamburg cada uma com 13 bolsistas no total.

A maioria dos bolsistas que vai para a Alemanha e que são financiados pela CAPES encontra-se nas seguintes instituições de destino: Eberhard-Karls-Universität Tübingen (20 bolsistas no total), Freie Universität Berlin (16 no total) , Technische Universität Berlin (18 bolsistas no total) e Universität Stuttgart com 11 bolsistas no total.

A maioria dos bolsistas financiados pela FAPESP localizam-se nas seguintes instituições de destino: Universität München (7 no total), Freie Universität Berlin (5 no total) , Universität Heidelberg e Universität Karlsruhe, no total, com 4 bolsistas cada uma.

No quadro geral de todos os órgãos estudados, em se tratando do fluxo referente ao destino dos bolsistas brasileiros podemos constatar a o maior fluxo de brasileiros nas seguintes universidades Alemãs: Technische Universität Berlin (31 bolsistas no total), Max Planck Institut (Contando os vários laboratórios que compõe este instituto) com 27 bolsistas no total, Universität München (Ludwig-Maximilians) num total de 22 bolsistas e Eberhard-Karls-Universität Tübingen (20 bolsistas no total). (*Anexo 28*)

4.3 - Principais universidades de origem e destino segundo a área de conhecimento

A análise comparativa da listagem de bolsistas do CNPq, CAPES e FAPESP referente as Instituições de origem e destino, segundo as Grandes Áreas do conhecimento mostra que:

A maioria dos bolsistas da Grande Área (1) de Ciências da Terra e Exatas saíram das seguintes Universidades de origem: Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidade de São Paulo. Quanto às Universidades de destino, a ordem é a seguinte: Technische Universität Berlin, Universität Karlsruhe e a Universität Heidelberg.

Na Grande Área (2) de Ciências Biológicas as instituições de origem mais representadas são: Universidade de São Paulo, a Instituto Butantan/SP, a Escola Paulista de Medicina/UNIFESP e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As Universidades de destino são as seguintes: Eberhard-Karls-Universität Tuebingen, Universität Munchen (Ludwig-Maximilians), Freie Universität Berlin e Max-Planck-Institut com.

Na Grande Área (3) Engenharias a maioria dos bolsistas pertencem às seguintes instituições de origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo e a Universidade Federal de Santa Catarina. Quanto às Universidades de destino a representação é a seguinte: Universität Stuttgart, Rheinisch-Westfälische Technische Hochschule AACHEN e a Universität Bochum.

A maioria dos bolsistas da Grande Área (4) de Ciências da Saúde saíram das seguintes Universidades de origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas e a Universidade de Santa Catarina. As Universidades de destino são as seguintes: Universität Heidelberg, Freie Universität Berlin e Johannes-Gutenberg-Universität Mainz e por fim Medizinische Hochschule Hannover e Albert-Ludwigs-Universität Freiburg.

Na Grande Área (5) de Ciências Agrárias as instituições de origem mais representadas são: Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade de

São Paulo e Universidade Estadual de Campinas e Universidade Federal de Santa Maria. As Universidades de destino são as seguintes: Tierarztliche Hochschule Hannover e Technische Berlin e Georg-August-Universität zu Gottingen.

Na Grande Área (6) Ciências Sociais Aplicadas a maioria dos bolsistas pertencem as seguintes instituições de origem: Universidade de São Paulo, Federal de Minas Gerais, Federal do Paraná, Federal do Rio de Janeiro e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Quanto às Universidades de destino a representação é a seguinte: Technische Universität Berlin, Universität München (Ludwig-Maximilians), Universität zu Köln, Universität Stuttgart e Universität Gesamthochschule Kassel.

A maioria dos bolsistas da Grande Área (7) de Ciências Humanas partiram das seguintes Universidades de origem: Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Federal do Rio de Janeiro. As Universidades de destino são as seguintes: Freie Universität Berlin e Universität Bielefeld.

Por fim, a Grande Área (8) Lingüística Letras e Artes, instituições de origem: Universidade de São Paulo e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade de Brasília e a Fundação de Educação Artística. Instituições de destino: Staatliche Hochschule Fur Musik - Rheinland, Freie Universität Berlin e Universität Tuebingen (Eberhard-Karls).

5 - TRANSFORMAÇÕES DO FLUXO AO LONGO DO PERÍODO

Ao longo do período estudado 1984 a 2000, o fluxo masculino permanece sempre maior do que o feminino (*Anexos 13 e 15*) isso provavelmente deve-se ao fato de que o fluxo de bolsistas concentra-se nas Grandes Áreas Ciências Exatas e Da Terra (Área 1), Engenharias (Área 3), Ciências Biológicas (Área 2) e Ciências Humanas (Área 7) que são mais representadas, em número de bolsistas, pelo sexo masculino, exceto a Área 2. Curiosamente as mulheres que vão para a Alemanha são provenientes, somando a maioria, das Grandes Áreas Ciências Exatas e Da Terra (Área 1), Ciências Biológicas (Área 2), Engenharias (Área 3) e

Ciências Humanas (Área 7) o que acompanha por sua vez o fluxo masculino quanto as Grandes Áreas do conhecimento que enviam mais bolsistas em se tratando do quadro estudado (*Anexos 18*). Tanto na FAPESP quanto no CNPq a intensidade do fluxo concentra-se primeiramente nas áreas de exatas (Grandes Áreas 1, 2 e 3), já na CAPES as Ciências Humanas (Área 7) concentram o maior número de bolsistas, o que é interessante de se perceber é que a intensidade do fluxo da CAPES em humanas e exatas (entre as Grandes Áreas citadas acima) é bem próxima, já na FAPESP e no CNPq a diferença de quantidade dos bolsistas entre as áreas de exatas e humanas é bem maior. Isso nos sugere que as políticas de investimentos dos órgãos que fomentam a pesquisa variam de acordo com suas políticas internas e que por sua vez, provavelmente são influenciadas pelas políticas Brasileiras mais gerais (*Anexos 19*).

Em ambas as modalidades de bolsa, exceto no mestrado os homens são a maioria. Primeiramente podemos constatar que o Doutorado foi a modalidade com maior representatividade dentro do quadro avaliado, concentrando em sua maioria bolsistas do CNPq e da CAPES, logo após o Pós-Doutorado com bolsistas pertencentes (a maioria por ordem decrescente) a FAPESP, CNPq e CAPES, posteriormente os bolsistas de Doutorado Sanduíche provenientes do CNPq e CAPES e por fim os bolsistas de Mestrado que são a minoria, quando comparados ao quadro geral, e que por sua vez são representados pela CAPES e pelo CNPq. (*Anexos 16 e 17*).

Por fim podemos pontuar que os dados obtidos nos revelam que o Estado de São Paulo soma 67% as bolsas concedidas o que em grande medida é explicável quando constatamos que: Na produção científica brasileira só o Estado de São Paulo tem quase 50% de participação ao mesmo tempo que responde por 34,8% dos dispêndios nacionais em ciência e em tecnologia. São Paulo, em específico, é responsável pela formação de 40% dos mestres do país e 68% dos doutores. (Indicadores de Ciência e Tecnologia em São Paulo, 1998. p.13) Segundo os indicadores da CAPES a situação do Estado de São Paulo em meio ao panorama nacional é a seguinte: "Dos 426 cursos de mestrado que tem conceito "A", no País, 210 ou 49,3% estão em São Paulo. E dos 271 cursos de doutorado que

desfrutam desse conceito mais alto, 173 ou 63,84% estão neste Estado.” (Indicadores de Ciência e Tecnologia em São Paulo, 1998. p.99) (*Anexos 27*). Em se tratando da intensidade do fluxo das instituições que acolhem os bolsistas brasileiros na Alemanha a região da Baviera (na Alemanha) concentra 49% da intensidade desse fluxo precedida por Baden-Württemberg (31% do fluxo) e pela região de Brandemburgo (20% do fluxo) (*Anexos 28*). A Baviera hoje é o centro número um da tecnologia avançada na Alemanha, concentra renomadas universidades e de outros estabelecimentos de ensino superior, o que explica em grande medida o fluxo de bolsistas do Brasil ser grande para esta região da Alemanha lembrando-se que as Grandes Áreas que somam a maioria do fluxo, no período analisado, estão diretamente ligadas à tecnologia de ponta.

CAPÍTULO II

Estudar na Alemanha: a definição de um problema de pesquisa

1 - PRODUÇÃO CIENTÍFICA E ESPECIFICIDADE FEMININA

*"A mulher intelectual será esposa experiente e mãe inteligente.
A mulher ignorante será, apenas, uma máquina."
(Maria Julia de Mattos do Nascimento Cottas⁴)*

A grande dificuldade objetiva de inserção da mulher em certos espaços de trabalho, revelada, por exemplo, nos números dos censos nacionais, nos lembra cotidianamente das pesadas lutas em que estiveram envolvidas as mulheres para legitimar um lugar social mais complexo do que aquele definido exclusivamente pelas funções de mãe e esposa.

No entanto, a oposição trabalho x lar que estrutura boa parte dessas lutas pode nos fazer esquecer de quão importante tem sido para o pensamento conservador ou, pelo menos, para parte dele, a ideologia de que o acesso ao conhecimento é parte fundamental da constituição de uma mãe e esposa competentes.

É nesse sentido que os dados que revelam a ampliação do número de mulheres na escola nos seus diversos níveis têm que lidos com bastante prudência, na medida em que não estão automaticamente associados a uma transformação das relações de poder que opõem homens e mulheres na nossa sociedade. Esse problema apareceu de uma forma bastante particular na minha pesquisa.

⁴ Maria Julia de Mattos do Nascimento Cottas, referindo-se à importância do estudo para o desenvolvimento intelectual da mulher, diz em seu livro *Folhas esparsas*: "O desenvolvimento intelectual da mulher não diminui nem atenua a sua superioridade moral. Pelo contrário, deve e pode aperfeiçoá-la muito mais. Se até hoje nem sempre assim tem sido, quem tem culpa não é o talento feminino, e, sim, o meio adverso que o homem prepara para não o deixar desenvolver nem medrar. A mulher intelectual será esposa experiente e mãe inteligente. A mulher ignorante será, apenas, uma máquina."

Ao observarmos os dados relativos ao número total de bolsistas do CNPq, CAPES e FAPESP que foram à Alemanha no período entre 1984 a 2000 a diferença entre a quantidade de mulheres e homens é gritante, 69% do fluxo é composto por bolsistas do sexo masculino e apenas 31% do sexo feminino (Anexo 15). Além disso, como mostra Letícia Canêdo (2001), as áreas de especialização de homens e mulheres são bastante diferentes entre si. A partir desse quadro, estudar a condição feminina em específico, dentro do espaço de circulação dos bolsistas brasileiros pela Alemanha, parece bastante pertinente. Este único dado, que nos parece algo tão natural - "vão mais homens do que mulheres para a Alemanha estudar e se formar", sugere questões tão complexas como : quais as razões deste fenômeno? Quem seriam essas mulheres (em termos de sua biografia pessoal e sua carreira profissional)? Por que resolvem ir estudar fora do país e porque partem justamente para a Alemanha? Como irão se inserir no mercado de trabalho ao voltarem ao Brasil? Será que todas voltam ou contribuem para a evasão de cérebros? Senão, que espaço tem na Alemanha para exercer sua profissão?

1.1 - Mulheres

Sabemos que a luta feminina por melhores condições de trabalho vem crescendo nos últimos trinta anos. Mesmo assim, o espaço feminino na política e nos cargos de alta administração são restritos e em muitos casos os salários são mais baixos do que os dos homens (quando ocupam um mesmo cargo). Dessa maneira, parece-me que compreender a formação e as modalidades de exercício da profissão destas mulheres pode ser um passo fundamental para maiores e mais amplas reflexões sobre o papel das mulheres na história do Brasil.

A história das mulheres no Brasil, tal como a das mulheres em vários outros países, ainda está sendo escrita. Ao resgatarmos parte da história da participação feminina dentro do âmbito social desde de nossos mais remotos ancestrais, os índios, podemos constatar que: na maioria das tribos, cabia ao homem a caça e à mulher a agricultura e transformação dos alimentos, mas as atividades de ligadas

ao cuidado com filhos e os rituais religiosos eram compartilhados por homens e mulheres; dispunham de liberdade na execução das tarefas e não demonstravam preocupação em acumular bens. Com a chegada dos portugueses vieram também outros costumes.

Logo de início houve uma tentativa de escravizar os indígenas para que executassem trabalhos nas fazendas e minas, o que contrariava a ordem vigente até então; os índios não se adaptaram a essas atividades, sendo chamados de preguiçosos e incapazes. Então os portugueses trouxeram africanos que foram, por sua vez, arrancados de suas pátrias e vendidos como mercadorias fazendo parte do patrimônio familiar dos abastados senhores de terra que aqui no Brasil residiam.

Neste período, em se tratando do caso dos escravos, aos homens foi destinado o trabalho duro nos campos, minas e oficinas, às mulheres foi destinado o trabalho doméstico e a concessão de favores sexuais aos seus senhores, o que ocasionou a formação de famílias ilegítimas (D'Avila Neto, 1994). Assim, estabelecida a hierarquia na Corte, as mulheres se ocupavam de trabalhos diferenciados segundo sua posição social, mas invariavelmente, no âmbito doméstico.

Enquanto isso, na região sul do país, ainda pouco explorada e povoada, a tradicional criação extensiva de gado forjava uma situação de isolamento para as poucas mulheres existentes (Acri, 1984), e não raro eram elas as administradoras das estâncias, assumindo as atividades dos homens, que se ausentavam para o campo e para a guerra.

No início do século XIX iniciou-se outro tipo de colonização, desta vez planejada, quando imigrantes açoreanos, alemães e italianos estabeleceram-se na região, com suas famílias, atraídos pela promessa da posse de terras (Pedro, 1997). Tratando-se, em sua maioria, de pessoas de poucos recursos, não dispunham de escravos, e o trabalho feminino era essencial para o desenvolvimento das pequenas propriedades rurais e do comércio que se instalava. Tinha trânsito público e exercia atividades variadas. Assim, a mulher passou os limites da porta de sua casa.

Para auxiliar o marido era necessário que conhecesse os números e as letras, o que lhe proporcionou a oportunidade de obter alguma instrução (Pedro, 1997). Contudo, apesar de sua capacidade de trabalho ser valorizada e reconhecida a importância econômica de sua atividade para o crescimento do patrimônio familiar, sua participação política e social não foi maior do que a de suas compatriotas do centro do país, principalmente com o advento da Proclamação da República, quando a forte influência do Positivismo de Conte ditou o retorno à "sagrada missão" da mulher: o trabalho doméstico e os cuidados com a família.

Nesse período, uma atividade profissional que ganhou destaque social foi a de Educadora, que era vista como uma extensão da sublime missão feminina de preparar os filhos da Pátria (Ismério, 1995), foi consagrada à mulher.

É interessante observar que, atualmente as brasileiras já representam 40,4% da população economicamente ativa do País. Nas últimas três décadas, as mulheres dobraram sua participação no mercado de trabalho, mas isso significou também que as mulheres começaram a migrar do campo da educação para áreas empresariais, médicas e de computação.

Com certeza, as mudanças ocorridas no século XX reforçam a necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão histórica do papel, da condição e das atividades da mulher no Brasil.

1.2 - Mulheres no fluxo de bolsistas

O quadro analisado (fluxo de bolsistas) juntamente com os estudos existentes sobre a história das mulheres e suas respectivas participações em âmbito privado e público me fizeram pensar em concentrar meus estudos no aspecto da formação das mulheres. A partir daí, procurei direcionar meu trabalho, para a compreensão do que se convencionou chamar de "questão de gênero", tomando como objeto de estudos as ex-bolsistas brasileiras que fizeram parte de sua formação na Alemanha.

Minha intenção é, mais especificamente, compreender os efeitos da passagem pela Alemanha sobre a maneira como as ex-bolsistas (mulheres) se organizaram

em termos profissionais e pessoais. A partir da reconstrução das respectivas trajetórias da população feminina estudada procurei responder às questões acima sugeridas, que dizem respeito à participação feminina neste universo tão masculino.

1.3 - Mulheres na produção científica

Acabei por optar em estudar as mulheres pertencentes ao quadro obtido através do estudo feito sobre o fluxo de bolsistas do Brasil para a Alemanha (CNPq, CAPES e FAPESP) entre os anos de 1984 a 2000 e algumas outras razões fizeram com que eu optasse por estudar, mais especificamente, as mulheres cientistas que atuam no estado de São Paulo.

O estado de São Paulo tem uma importante participação no grande avanço da produção científica brasileira das últimas décadas, com participação de quase 50% nessa produção (dados de 1995)⁵. Como notam os autores do estudo citado, sem dúvida o peso demográfico explica, em grande parte, mas não completamente, a sua participação no financiamento à pesquisa, assim como também na formação de cientistas/acadêmicos no país: aqui se formaram, no período em questão, 40% dos mestres e 68% dos doutores. Parte expressiva dos institutos federais de pesquisa localiza-se no Estado de São Paulo, ao lado das universidades e institutos estaduais de pesquisa, dessa forma os investimentos por parte do governo têm sido consideráveis. São Paulo como centro redistribuidor de recursos humanos no Brasil, possui o maior número de centros de excelência, maior chance de bolsas para as pessoas de outros estados que vem fazer aqui realizar os estudos de pós-graduação.

Ao lado da importância do estado de São Paulo no cenário científico, a minha opção por estudar as mulheres cientistas que aqui atuam deve-se também à forma como esse estudo está sendo pensado. Como o meu objetivo é reconstruir a

⁵ Indicadores de Ciência e Tecnologia em São Paulo / equipe de 139 pesquisadores da USP, UNICAMP E ANPEI; coordenação Francisco Romeu Landi – São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1998. 144p. : il.

memória da passagem pelo estrangeiro, acredito que uma entrevista aprofundada seja a técnica recomendada para fazer isso. O fato de essas mulheres residirem no estado de São Paulo faz com que esse trabalho seja possível, isto é, dadas as condições em que essa pesquisa está sendo desenvolvida, torna-se extremamente difícil para mim ir ao encontro de mulheres em outras regiões.

A opção por estudar as mulheres cientistas que fizeram parte de sua formação na Alemanha como bolsistas do governo brasileiro e que estão vinculadas a instituições de pesquisa do estado de São Paulo faz com que eu tenha que recorrer a uma população diferente da que foi selecionada na primeira parte do trabalho uma vez que o dado de 31% das mulheres que foram para a Alemanha no período estudado refere-se a mulheres de todos os estados do Brasil.

1.4 - Processo realizado para a delimitação da população

Procurei selecionar mulheres que haviam partido para a Alemanha como bolsistas a partir do quadro do fluxo de bolsistas traçado e estudado. Para selecionar as mulheres pertencentes ao Estado de São Paulo e montar um banco de currículos referente as mesmas, reuni os dados tanto das listagens obtidas junto aos órgãos de fomento a pesquisa quanto da Plataforma Lattes de Currículos que é disponibilizada pelo CNPq na Internet.

1.5 - Consideração sobre as fontes utilizadas para a montagem de um banco de currículos sobre mulheres cientistas do Estado de São Paulo.

Uma dessas fontes foi as listagens de bolsistas brasileiros no estrangeiro obtidas junto aos órgãos de financiamento, CNPq, CAPES e FAPESP (Já descrita acima no Capítulo I, item 1 - As Fontes).

A outra fonte foi a Plataforma de Currículos Lattes, concebida pelo CNPq. O CNPq oferece um local para o cadastro dos pesquisadores pela Internet e esse espaço tem o nome de Plataforma Lattes. As informações estão contidas em currículos cadastrados na Internet pelos próprios pesquisadores e são

disponibilizadas para o público pelo CNPq, mediante autorização do pesquisador, na Internet no endereço <http://www.cnpq.br>.

Contando com as informações disponíveis nestas duas fontes (Listas e Lattes) foi possível a montagem de um banco de currículos próprio, reunindo somente as informações necessárias à pesquisa em andamento e que não necessitasse do uso contínuo da Internet, ou seja, as informações de duas fontes distintas foram condensadas em uma só. O banco de currículos foi montado no programa de planilhas Excel para Windows e não estará disponível na Internet devido ao fato de que as informações que contém devem ser mantidas em sigilo.

No banco de currículos reuni as seguintes informações sobre os ex-bolsistas (*Anexo 31*):

- a. Dados Pessoais: nome completo, sexo, data de nascimento.
- b. Dados Acadêmicos: idioma fluente (o que fala melhor), titulação máxima, estágios no estrangeiro (além da Alemanha), publicações: no Brasil: número total de publicações, número de artigos, data do 1º artigo, número de livros, data do 1º livro, número de capítulos. No Exterior: número total de publicações, número de artigos, data do 1º artigo, número de livros, data do 1º livro, número de capítulos; Sobre a Graduação: área, instituição que cursou, data do início e do fim; se teve bolsa, qual? Sobre o Mestrado: área, instituição que cursou, país onde cursou, orientador, data do início e do fim, se teve bolsa, qual? E por fim sobre uma possível Especialização: área, instituição que cursou, país onde cursou, se teve bolsa, qual?
- c. Passagem pela Alemanha: área em que trabalhou lá, local de trabalho (instituição de origem e de destino) e laboratório de destino, modalidade de bolsa, nome do orientador, título do projeto, se foi publicado ou não.
- d. Situação Profissional: vínculo atual, cargo atual, último cargo administrativo, data, grupo de pesquisa atual.

1.6 - A montagem do banco de currículos : crítica das fontes

Na elaboração do banco de currículos verificou-se uma série de dificuldades ao se comparar os dados fornecidos nas listagens que obtivemos junto as agências de financiamento e os dados obtidos na Plataforma de Currículos Lattes.

Em diversos casos, as informações contidas nas listagens simplesmente não batiam com as informações fornecidas pelo próprio pesquisador à Plataforma Lattes. Exemplo: na listagem consta que o senhor x foi para Alemanha fazer pós-doutorado, porém no Lattes consta que esse senhor x não fez seu pós-doutorado na Alemanha, mas sim na França. Este é um dos casos mais graves, mas notei apenas três ocorrências num total de vinte e sete. Outra incongruência encontrada dizia respeito às datas da ida dos ex-bolsistas à Alemanha que não coincidiam nos dois documentos.

A minha hipótese inicial (depois de descartar casos possíveis de ocorrência de homônimos) era de que deveria haver erro nas listagens, já que o currículo reúne informações fornecidas pelo próprio pesquisador. Para entender melhor esse problema procurei alguns professores da minha faculdade e perguntei a eles sobre a exatidão e confiabilidade dos dados contidos na Plataforma Lattes. Qual não foi a minha surpresa ao ouvir alguns deles afirmarem que o próprio currículo ali contido poderia vir com dados errados, já que, para cumprir os prazos fixados pelo CNPq para cadastramento do currículo, haviam ou passado a tarefa às secretárias ou digitado tudo muito apressadamente, o que poderia facilmente ter tido como resultado o preenchimento de maneira errada de alguns campos do formulário. Acho que esta é uma informação importante a ser melhor investigada, talvez pelos próprios organizadores da Plataforma Lattes, já que pode produzir distorções que comprometam o resultado de vários estudos que atualmente a utilizam como fonte.

Certamente, quando estamos trabalhando com dados quantitativos, devemos atentar para a validade dos mesmos, pois alguns problemas, como estes citados acima, podem custar o reconhecimento científico da pesquisa. Desde o início, o grupo de pesquisa envolvido com este trabalho vem sentindo a dificuldade de se

obter informações referentes aos ex-bolsistas junto aos órgãos que fomentam a pesquisa. O CNPq, por exemplo, concedeu as listagens de que dispunha, porém grande parte de seus arquivos necessitam de uma grande organização e de serem informatizados, pois ainda estão em papel. Mas a informatização não resolve tudo, uma vez que na FAPESP (que tem seus arquivos informatizados) também ocorreram erros de dados.

1.7 - A população selecionada

Visando estudar a trajetória das mulheres, optei por estudar as que permaneceram na Alemanha em estadias de longa duração (Doutorado), para que se possa constatar a influência da passagem pelo país na organização da carreiras e vida pessoal delas. Mulheres que atualmente atuam no Estado de São Paulo e que tinham seus cadastros na Plataforma Lattes de Currículos e que estes dados, por sua vez, eram condizentes com os dados obtidos junto as listagens fornecidas pelo CNPq, CAPES e FAPESP.

Para realizar a seleção dessa população trabalhei inicialmente com as listagens que obtive junto aos órgãos de financiamento de pesquisa (CNPq, CAPES e FAPESP). A partir dos tipos de dados contidos nestas listagens pude selecionar o nome das mulheres que, independente da área de conhecimento, realizaram seu doutorado na Alemanha em algum momento do período estudado (1987 a 2000, antes dessa data não foi contatada nenhuma mulher de Doutorado na Alemanha).

Após este levantamento inicial procurei pelos currículos dessas mulheres na Plataforma Lattes de Currículos e pude verificar quais delas, de fato, se encaixavam dentro das características necessárias (mulheres, de todas as áreas de conhecimento, que fizeram doutorado na Alemanha entre o período de 1987 a 2000 e que atualmente atuam no estado de São Paulo).

Como resultado deste trabalho pude constatar que: ao consultar os ex-bolsistas da FAPESP nenhum se encaixou neste perfil. Na listagem do CNPq, por sua vez, encontrei um total de 57 mulheres que haviam feito o Doutorado na Alemanha. Destas, 43 têm seus cadastros de currículo na Plataforma Lattes. Das 43

cadastradas, somente 5 atuam no estado de SP. Faz-se necessário ressaltar que encontrei diversas ocorrências de incongruências entre as duas fontes (listagens e Lattes) no caso dessas 43. Já na listagem da Capes encontrei um total de 59 mulheres que haviam realizado o doutorado na Alemanha. Dessas, 32 têm cadastro no Lattes. Nenhuma, porém, atua no estado de SP.

O quadro contendo as mulheres encontradas, ex-bolsistas de DO na Alemanha, independente da área de conhecimento, do ano de início do estágio no estrangeiro e da agência financiadora, que atuam no estado de SP, ficou da seguinte maneira:

Sexo	Idade Atual	Tipo de Bolsa	Início	Agência	Área	Univ. Origem	Univ. Destino	Vínculo Atual
F	35	DO	1992	CNPq	Engenha. Mecânica	Escola Politécnica da USP	Ruhr Universität Bochum	UFSCar SP
F	37	DO	1990	CNPq	Biologia Molecular	Univ. do Rio Grande do Sul	Gesellschaft Fur Biotechnologische Forschung, GBF	USP SP
F	50	DO	1992	CNPq	Comunica. Semiótica	Pont. Univ. Católica de São Paulo	Technische Universität Berlin	PUC SP
F	45	DO	1989	CNPq	Ciência do Esporte	Univ. Federal de VICOSA	Justus Liebig Universität Giessen	USP SP
F	40	DO	1987	CNPq	Química Farmacêutica	Univ. De Brasília	Johann Wolfgang Goethe Universität Frankfurt	UNICAMP SP

CAPÍTULO III

Passagem pela Alemanha e trajetórias profissionais: experiências femininas

Para compreender melhor esse universo que envolve os ex-bolsistas selecionados pelos seus currículos (*Anexo 31*), tendo em vista as diversas possibilidades de análises abertas pela descrição do fluxo de bolsistas brasileiros para a Alemanha no período em questão, sabendo-se que a análise quantitativa do fluxo de bolsistas revela uma série de características das relações científicas desenvolvidas entre o Brasil e a Alemanha, e pelo fato de que os dados quantitativos por eles sozinhos não nos permitem nem compreender as características do fluxo, nem explicá-lo, optamos por realizar entrevistas semi-diretivas com pessoas que fazem parte da população de bolsistas previamente selecionada⁶. A idéia foi tratar essas entrevistas como uma incursão exploratória num terreno de pesquisa promissor para verificar a pertinência de se construir uma investigação em torno da experiência feminina da passagem pela Alemanha para a realização de estudos acadêmicos.

Nesse sentido, as entrevistas foram concebidas como tentativas de se encontrar elementos que nos permitam construir hipóteses sobre (i) as características do fluxo de bolsistas e sobre (ii) os efeitos da passagem pelo estrangeiro. Foi elaborado um roteiro de visando a reconstrução da memória da passagem pelo estrangeiro das cinco mulheres escolhidas para serem entrevistadas. Nesse roteiro, privilegiamos centrar as questões em torno de cinco pontos:

- (i) as razões da escolha pelo país;
- (ii) as contribuições do estudo na Alemanha para a carreira no Brasil;

⁶ População selecionada: mulheres, ex-bolsistas de Doutorado Pleno na Alemanha, independente da área de conhecimento, do ano de início do estágio no estrangeiro e da agência financiadora (CAPES, CNPq e FAPESP) e que atuam profissionalmente no estado de SP. Esses parâmetros nos permitiram selecionar cinco mulheres. Para maior compreensão dos princípios que guiaram a escolha dessa população ver pág. 9 do meu 3o Relatório de Iniciação Científica.

- (iii) a experiência vivida em outra cultura e a vivência universitária;
- (iv) o contato dos bolsistas brasileiros com a estrutura alemã de formação de cientistas;
- (v) a maneira de como o fato de ser mulher afetou essa experiência e de que maneira essa experiência afetou a maneira de ser mulher.

Quando me refiro ao resgate da memória como fonte de possíveis reflexões entendo que procurar resgatar o passado histórico e social buscando a conexão entre o passado, o presente e o futuro é uma das formas de tecer tais recordações visando a rememoração e resignificância da própria existência desses sujeitos em meio a um contexto mais amplo (*Walter Benjamin*, 1987, pp. 73 -142). Procurar voltar ao passado de forma a tomar consciência da própria fonte de suas aptidões⁷ é o que, segundo Walter Benjamin irá lhe possibilitar resignificar sua própria existência e isso torna-se viável a partir do momento em que se valoriza o resgate da memória⁸ como fonte de informações valiosas. É importante atentarmos para o fato de que a volta ao passado só faz sentido quando percebemos o passado pelo que construímos hoje no presente.

Procurei reconstruir a memória dessas mulheres ao longo de suas respectivas formações escolares e profissionais com a pretensão mais específica de, dessa maneira, procurar contribuir para a própria reconstrução da passagem delas pela Alemanha e o retorno ao Brasil, assim como a sua inserção no mercado de trabalho brasileiro e as contribuições à conformação das suas trajetórias sociais e pessoais que elas atribuem à passagem pela Alemanha. De que maneira a passagem pela Alemanha pode ter influenciado as decisões que elas tomaram ao longo de suas respectivas trajetórias pessoais (organização da família, posições

⁷ "Para cada pessoa há coisas que lhe despertam hábitos mais duradouros que todos os demais. Neles são formadas aptidões que se tornam decisivas em sua existência." (*Walter Benjamin*, 1987 p. 105)

⁸ Segundo Freud, a memória tem capacidade de "ir e vir, seja ela voluntária ou não. Este ponto é o que particularmente Benjamin resgata como sendo um dos pontos interessantes da memória humana: o direito que ela nos proporciona do ir e vir entre o passado e o presente. (IN: *Walter Benjamin*, 1987)

sobre a educação dos filhos, etc.) e profissionais (investimentos na carreira, escolhas, frentes de ação, etc.)?

Supõe-se que a partir de um estudo sobre a origem social e sobre suas trajetórias escolares, será possível verificar quais recursos materiais e simbólicos foram necessários para permitir o acesso aos estudos no estrangeiro e por que estavam disponíveis.

1 - ENTREVISTAS: DESENVOLVIMENTO E ROTEIRO DE TRABALHO

Apresento a seguir o resultado do trabalho de entrevistas realizado. Todas elas foram gravadas e posteriormente transcritas na forma escrita para que os dados pudessem ser melhor visualizados e avaliados. Contando com as informações disponíveis através das entrevistas juntamente com leitura bibliográfica, procurei, dentro do possível, organizar cada transcrição de forma a tematizar as falas das entrevistadas segundo as questões pertinentes ao meu objeto de estudo, o que supostamente me possibilitaria um maior diálogo com meu problema de pesquisa. Seguem em anexo (*Anexo 32*) as tabelas referentes às entrevistas realizadas, visando a rápida visualização e a organização do quadro de questões objetivadas na proposta do roteiro de trabalho, e as transcrições (*Anexo 33 a 37*) que foram realizadas das mesmas.

Por meio dessas entrevistas, entendidas, como já disse antes, como estudo exploratório dessa população e dessa experiência de estudar no estrangeiro, mais particularmente na Alemanha, foi possível obter um rico material que vai nos permitir elaborar novas questões sobre as contribuições do estudo no exterior para a formação profissional e pessoal dos bolsistas.

Esta análise mais qualitativa mostra como a escolha efetuada pelos estudantes não é um ponto isolado em sua trajetória, mas apresenta uma lógica de continuidade com os momentos anteriores e os momentos futuros.

Ela mostra também, como já supúnhamos, que uma série de recursos acumulados ao longo da trajetória escolar dessas mulheres foram fundamentais

tanto para a decisão de ir ao estrangeiro (apesar de todos os custos materiais e afetivos envolvidos em uma decisão dessa natureza) quanto para a escolha da Alemanha como país de destino. Com relação a esse último ponto, foi importante para nós perceber a força das redes de pesquisadores (por oposição, por exemplo, ao pertencimento étnico dos bolsistas. Embora o grupo entrevistado seja muito pequeno para permitir maiores generalizações, não resta dúvida de que o resultado dessas entrevistas impõe que qualquer estudo sobre as decisões de ir ao estrangeiro reserve espaço para investigar a operação dessas redes de pesquisadores que funcionam como verdadeiros mercados de alocação de jovens cientistas em formação.

1.2 - Resultados obtidos através da entrevistas realizadas

1.2.1 - Escolha pelo país e contato com a estrutura alemã de formação

Todas as entrevistadas mencionam a vontade ou a curiosidade de ir morar fora do país. Ao nível das motivações individuais, podemos supor que a partida para o exterior pode:

Ocultar um desgosto com o sistema local de formação "Na época eu fiz coisas lá que no Brasil era impossível de se resolver, pelo menos no estado de São Paulo com a FAPESP financiando a pesquisa a gente tem condições muito melhores, mas naquela época realmente o que eu fiz lá, no tempo que eu fiz, que foi 4 anos o doutorado, aqui eu levaria muito mais, e nem conseguiria fazer tudo também." (Entrevistada 4)

Despertar o desejo de buscar um país com tradição na área do conhecimento de interesse profissional "se possível pra Alemanha que toda essa tradição na área de esportes" (Entrevistada 2)

Ocorrer a partir da influência de orientadores "tinha um professor que eu procurei pra resolver as dúvidas que eu tinha né, e falei pra ele que tava afim de fazer mestrado e ele me aceitou, Ele era uma pessoa que tinha estado na Alemanha, tinha contato com o pessoal de lá e na época a gente recebia muitas

visitas de professores estrangeiros, eu aproveitei, numa dessas visitas eu conheci meu orientador de doutorado" (Entrevistada 1)

Ser conduzida pela política institucional, que por sua vez, nunca age de maneira isolada : ela fornece um contexto favorável, que vem ao encontro de projetos pessoais de formação. "Como a gente tinha um projeto na Poli que era desenvolvido por esse professor (seu futuro orientador de doutorado) também na Alemanha a gente pediu uma bolsa CNPq / DAAD" (Entrevistada 1) "em Brasília a universidade lá tinha uma filosofia assim: Se você faz a graduação lá você tem que fazer seu mestrado e seu doutorado em outro lugar senão você jamais poderia ser contratado lá, essa que era a filosofia da universidade. E isso que me levou a fazer o mestrado, eu vim pra Unicamp, fiz o mestrado aqui e aí falei não agora eu vou sair pra fora" (Entrevistada 3)

Ser conduzido por um momento político favorável. "época do governo Sarney que ele colocou a biotecnologia numa área prioritária, era computação e biologia... era prioridade no governo do Sarney. E aí com isso quem tava trabalhando com biotecnologia era mais fácil conseguir bolsa de doutorado do CNPq pra ir pro exterior" (Entrevistada 4)

Ser desencadeada por razões emocionais/afetivas: há, no entanto, aquela partida para o exterior que se apoia em projetos sem relação com a ordem acadêmica (implicitamente ou explicitamente): afetivos, emocionais, familiares. Estas pessoas até poderiam ter pensado em fazer um doutorado fora do país, porém o motivo maior da ida ao exterior é permeado por razões afetivas. "eu acho assim, o que me fez escolher mais foi assim, como eu senti que meus pais me trouxeram pro Brasil quando eu era pequena eu senti assim, que eu não era nem Brasileira nem Alemã, não tinha mais raízes... eu vou pra Alemanha porque eu quero encontrar lá o que eu perdi... eu acho que perdi muito minha identidade" (Entrevistada 3) "tinha essa vontade de sair do Brasil, essa vontade era uma coisa muito antiga." (Entrevistada 5)

Representar um desejo de se aventurar. Quaisquer que sejam suas motivações principais, há uma figura recorrente nos discursos analisados o desejo e a curiosidade de se morar fora do país. Isso nos suscita algumas questões como:

Porque eles partem finalmente? O que define os limites e as possibilidades dessa prática de fato? Pelo que foi possível perceber através dos discursos analisados alguns fatores nos permitem compreender melhor o que esta norteando esse desejo de aventura: 1) Certa familiaridade com os deslocamentos espaciais “Eu acho que eu já mudei tanto na minha vida, fui alfabetizada na Alemanha ... a primeira cidade que nós moramos aqui no Brasil foi o Rio Grande do Sul, Santa Cruz do Sul ... eu morei aqui em São Paulo, em Brasília em Goiânia, eu acho que nem posso te contar tudo isso, mudei muito já” (Entrevistada 3). 2) Uma familiaridade imaginária ou concreta com o estrangeiro “eu fui alfabetizada na Alemanha... eu vou pra Alemanha porque eu quero encontrar lá o que eu perdi... encontrei muitas respostas e eu fazia uma idéia diferente da Alemanha do modo de vida” (Entrevistada 3). 3) Uma certa familiaridade com os estudos em um país estrangeiro “eu sempre tive vontade de sair para o exterior, fácil seria ir para os Estados Unidos que eu já tinha o Inglês, meu inglês era bom naquela época, mais eu tinha tipo vontade de assim, Estados Unidos não me apetecia não, eu queria ir para a Europa” (Entrevistada 2).

1.2.2 - Vivência em outra cultura e em outro sistema universitário

Quanto a Fase de Adaptação: Das cinco entrevistadas as três que foram solteiras tiveram seus discursos de vivência no sistema bem parecidos no sentido de que: “eu arrumei um namorado lá, mas morei sozinha” (Entrevistada 1) “lá eu tive meus namoradinhos” (Entrevistada 3) “eu fui sozinha, mais depois de 3 meses o meu namorado foi também” (Entrevistada 4). Além disso, elas sempre procuravam freqüentar lugares onde as pessoas eram brasileiras e/ou onde tinham os mesmo interesses que elas. “você passa um primeiro momento procurando brasileiros e depois eu (risos) falei de choradeira chega né. Então...aí me entrosei mais com os Alemães também fiz amizades né, eu procurei sempre freqüentar lugares que tinham pessoas que tinham coisas em comum ou afim né, é de mesmo interesse, por exemplo, eu sempre gostei muito de caminhar de escalar, então na faculdade eles tinham curso de escalada eu fazia conheci gente,

aí você se entrosa num grupo” (Entrevistada 1). As duas que foram com algum membro da família para a Alemanha não mencionaram nada nesse sentido. O que disseram foi no sentido de como viveram melhor lá com relação a qualidade de vida ser melhor do que a vivida por elas no Brasil. Vale ressaltar que todas foram enfáticas em dizer que por terem aparências favoráveis (parecidas com alemãs não sendo fisicamente detectadas de forma rápida como sendo estrangeiras) acreditavam que esse fator as ajudou de alguma maneira para uma melhor socialização no país.

Quanto à língua: Segundo os relatos apenas uma delas teve dificuldade com a língua, todas já tinham tido algum tipo de instrução na língua alemã aqui no Brasil e depois continuaram seus estudos da língua na Alemanha, o curioso é que justamente esta que teve dificuldade com a língua é a que até hoje mantém um forte vínculo com a Alemanha além de ter mais de uma produção escrita na língua. “foi difícil, mas acho alemão uma língua hiper lógica eu era uma pessoa confusa, tal, a língua me ajudou a ser uma pessoa extremamente lógica, eu aprendi a pesquisar, eu aprendi a fazer trabalho acadêmico, eles são hiper rigorosos” (Entrevistada 5)

Quanto ao sistema universitário: Quanto a esse aspecto foi possível de se compreender, através da própria fala das bolsistas, um pouco mais de como funciona o sistema de ensino alemão⁹: Por exemplo (mas ver também logo acima): “Se faz o curso de língua, faz um exame...é...no fim do curso, no fim desse curso, que é como se fosse um Toefl, mais do que um Toefl é um...assim ele não é...é um teste que vê como é que tá a sua interpretação da língua, como você tá lendo, como você tá escrevendo, se você consegue acompanhar uma palestra, então tem um exame que é você ouve alguém falando e tem que rescrever com as suas palavras o assunto, então é um exame que é assim obrigatório para eles te aceitarem na universidade. Depois na universidade eles tem que reconhecer o seu diploma então depende de universidade para universidade de curso para curso,

⁹ Isso foi bastante importante para mim porque tive realmente muita dificuldade de acesso às análises sobre o sistema de ensino alemão. Muito pouca coisa foi publicada no Brasil (na verdade só localizei um livro e, mesmo assim, bem antigo) e, dadas os custos impeditivos de se importar livros, contei apenas com o material do DAAD que, por sua vez, é muito descritivo, praticamente sem nenhuma análise, quase que como uma propaganda do sistema de ensino, o que não ajuda muito a perceber como funciona de fato essa estrutura.

não é muito fixo, depende da análise do teu currículo eles falam quantas matérias você tem que fazer e provas existem somente provas orais ou escritas, o sistema de curso deles, ali, que dizer eles tem graduação que tem diploma e logo em seguida o doutorado não tem o mestrado, é eles reconhecem o mestrado daqui do Brasil como se fosse o trabalho de diploma, seria o trabalho de fim de curso e analisam o currículo, e eles dão...é difícil eles darem equivalência total, você faz algumas matérias da graduação, e a prova escrita, os cursos geralmente na faculdade na Alemanha são, é um semestre e tem um exame no final do curso, então é esse exame final que você faria. É no meu caso eu fiz dois exames orais, eu não precisei fazer os escritos." (Entrevista 1)

1.2.3 - Contribuições do estudo no exterior

Podemos dizer que estas experiências contribuem, sem dúvida, à formação de uma representação positiva ou negativa do país de destino, o que não invalida de forma alguma a experiência vivida, mas revela uma resignificação pelo menos parcial da própria história da entrevistada:

Com relação as contribuições profissionais: As respostas quanto a esta questão foram bem homogêneas no sentido de que o ganho profissional das bolsistas foi na parte metodológica do trabalho e possíveis vínculos com outros pares: "você acaba incorporando certos hábitos de trabalho, certos hábitos de metodologia. Tem pessoas que criam fortes vínculos com o exterior, com as pessoas que conviveu no país onde estudou, foi o que aconteceu com algumas amigas minhas, o que não foi o meu caso, talvez porque eu mudei minha área de trabalho quando voltei para o Brasil." (Entrevistada 1) "as disciplinas que eu cursei foi no sentido mais de eu me atualizar com a linguagem científica da área... o fato de ver o tipo de trabalho, o como o alemão pensa, como age, aquela parte de sistematização do trabalho deles, é lógico que sempre contribui, querendo ou não agente tá inserido na formação e na cultura, acho que foi um crescer constante" (Entrevistada 2)

Com relação as contribuições pessoais: Possivelmente todas tiveram

contribuições pessoais mas somente uma das entrevistadas mencionou tal fator. “Eu acho que eu cresci muito a nível pessoal... a nível científico se eu podia ter feito a minha tese aqui, poderia ter feito tão bem quanto eu fiz lá, e eu tive um orientador que ele falava assim: Sua tese não vai ser nenhum Prêmio Nobel certo, você vai trabalhar com várias técnicas diferentes você vai ter uma visão geral de muitas coisas e me abriu o horizonte, eu não fiz uma tese específica, uma coisa assim muito fechadinha, eu acho que isso foi bom, nesse ponto eu acho assim que aprendi muito, mas a minha maior experiência lá foi na vida pessoal mesmo não foi profissional, eu acho isso ajuda...todas as dificuldades que eu passei lá me fizeram passar qualquer coisa aqui (risos).” (Entrevistada 3)

1.2.4 - Questão do gênero

Traçando um perfil das experiências relatadas, exceto com relação ao relato da Entrevistada 3: “você indo pra uma área de exatas sendo mulher você é muito discriminada, muito discriminada, você vindo de um país em desenvolvimento você tem outra carga de discriminação, então é realmente difícil no início, você tem que ter muita força de vontade, você tem que mostrar que você sabe, senão você é colocada de lado”, não podemos constatar nenhum outro tipo de complicação pelo fato de serem mulheres. “Eu acho que não é que falte espaço para as mulheres na carreira universitária, o que eu acho é que as mulheres ficam pelo caminho, mais quem quer continuar tá aí os espaços... Somos minoria ainda, mais acho que vai muito de nós... pelo fato de ser mulher não enfrentei problema algum.” (Entrevistada 2).

1.2.5 - A construção de um olhar referente ao perfil traçado a partir das entrevistas

A análise destas entrevistas tecidas em torno da decisão de partir para o exterior permite que, de alguma forma, possamos definir pelo menos alguns dos diferentes tipos de trajetórias construídas pelas bolsistas estudadas ao longo de

suas respectivas carreiras profissionais. As trajetórias nos revelaram um certo grau de articulação entre dois aspectos da realidade: a dimensão institucional e a personalidade pessoal. Os relatos, juntamente com os currículos têm diferentes graus de coerência interna e a população estudada partilha um certo número de características comuns, o que me permitiu classificar e analisar os seus depoimentos. Devido ao pequeno número de casos, este estudo exploratório tem por pretensão estabelecer apenas o grau de diversidade da experiência de se construir parte de uma formação em pesquisa na Alemanha no estrangeiro para mulheres que militam em diferentes áreas do conhecimento, na esperança de que, mais tarde, com a ampliação da população estudada e um direcionamento mais preciso das questões se possa aferir a intensidade com que cada elemento constituidor dessas experiências está presente nas trajetórias das ex-bolsistas brasileiras no exterior. Colocar em evidência as diferenças.

CONCLUSÃO

A formação de estudantes brasileiros no exterior vem ocorrendo desde o período colonial, intensificando-se (em maior ou menor grau) ao longo dos anos, principalmente em decorrência de momentos importantes em nossa história. O aumento do fluxo de saída dos brasileiros que partiram ao exterior para realizarem seus estudos de pós-graduação contou, em grande medida, com a existência de programas estatais de apoio à formação de cientistas no estrangeiro, com a presença de cientistas estrangeiros atuando no Brasil e com a globalização mundial, através da qual as trocas entre os países se intensificaram. Adquirir competências que nos permitem interagir com vários países e pesquisas diversas acabam sendo um grande ganho para muitos profissionais que optam por estudar no exterior. No caso específico da saída de brasileiros para a Alemanha, pode-se notar que tanto o fluxo de homens quanto o de mulheres concentram-se nas seguintes Grandes Áreas do conhecimento: Ciências Exatas e Da Terra, Engenharias, Ciências Biológicas e Ciências Humanas. Os dados obtidos nos revelam que o Estado de São Paulo soma 67% das bolsas concedidas.

Levando-se em conta o quadro estudado, no qual os homens compõem 69% do fluxo para a Alemanha e as mulheres 31%, o interesse foi o de compreender quem compunha a população feminina em questão.

No início do estudo supunha-se haver essa diferenciação devido ao fato de que as mulheres ainda sofrem certas discriminações em meio à formação e ao mercado de trabalho. Constatou-se que as carreiras acadêmicas são geridas por estatutos que não permitem estas manifestações de desigualdade de gênero, elas se manifestam de maneira mais pronunciada nas lutas pelos cargos mais altos e pelo espaço raro, principalmente em empresas.

Ao reconstruir a trajetória de algumas das mulheres inseridas no fluxo foi possível se constatar um certo grau de articulação entre dois aspectos da realidade: a dimensão institucional e a personalidade pessoal. Ou seja, acredita-se que ambos são fatores determinantes para a viabilização da realização de estudos de pós-graduação no exterior além, é claro, da interferência do momento histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1) *Sobre as trocas científicas:*

ALMEIDA, Ana Maria (2000), *L'État et les échanges scientifiques internationaux: notes sur la FAPESP à São Paulo*, Colloque Semaine Brésil 2000: échanges scientifiques et coopération franco-brésilienne, outubro, Paris, França.

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de (1999), *Físicos, Mésons e Política: A Dinâmica da Ciência na Sociedade*, Rio de Janeiro: Hucitec/MAST/CNPq.

BALBATCHEVSKY, Elizabeth (1995), *Atores e estratégias institucionais: a profissão acadêmica no Brasil*, São Paulo: USP (Tese de doutorado).

BEN-DAVID, Joseph e COLLINS, Randall (1966), *Social factors in the origins of a New Science: The Case of Psychology*, *American Sociological Review*, 31 (4): 451-65.

BEN-DAVID, Joseph (1971), *The Scientist's Role in Society*, Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

BENJAMIN, Walter. *Infância em Berlim por volta de 1900*. In. *Obras escolhidas II*, Brasiliense, 1987. Pp. 73-142.

BOURDIEU, Pierre (1998a), *Sobre as artimanhas da razão imperialista*, In: Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (orgs.) *Pierre Bourdieu: Escritos de Educação*, Petrópolis: Vozes.

_____ (1998b), *Método Científico e Hierarquia Social dos Objetos*, In: Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (orgs.) *Pierre Bourdieu: Escritos de Educação*, Petrópolis: Vozes.

BRASIL/CAPES (1995), *Intercâmbio DAAD/Brasil*, INFOCAPES, no. 1 e 2.

BRITO, Angela Xavier de (1996), *Estudos no exterior e construção do espaço de formação no Brasil*. In: NÓVOA, A., DEPAEPE, M., JOHANNINGMEIER, E.V.

CANÊDO, Leticia Bicalho (2000), *A gestão da transmissão da ordem política vista através de biografias coletivas comparadas*, projeto de pesquisa, CNPq.

CANÊDO, Leticia (2001), *Masculin, féminin et études univesitaires à l'étranger: les boursiers brésiliens de 1987 à 1998*, *Information sur les science sociales*, vol. 40 (4), décembre.

FERNANDES, Ana Maria (1989), *A construção da ciência no Brasil e a SPBC*, Brasília: Ed. Universidade de Brasília/ANPOCS/CNPq.

FORJAZ, Maria Cecília Spina (1989), *As Ciências Sociais na FAPESP*, São Paulo: IDESP.

GARCIA, João Carlos Vítor (1998), *Ciência e Interesse Nacional: o Almirante Álvaro Alberto Motta da Silva e a política científica e tecnológica brasileira entre 1945 e 1955*, São Paulo, USP (Tese de doutorado).

KOYRÉ, Alexandre (1991), *Estudos de história do pensamento científico*, Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Indicadores de Ciência e Tecnologia em São Paulo / equipe de 139 pesquisadores da USP, UNICAMP E ANPEI; coordenação Francisco Romeu Landi – São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1998. 144p. : il.

LOUREIRO, Maria Rita (1994), *A Internacionalização da Ciência Econômica no Brasil*, Revista de Economia Política, vol. 14, 3 (55).

————— (1997), *Os economistas no governo*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

MARINHO, M. J. da Cunha (1987), *A Profissionalização da Sociologia no Brasil*, Dados 30 (2): 223-233.

MICELI, Sérgio (1990), *A Desilusão Americana*, São Paulo: CNPq/IDESP/Editora Sumaré.

MOREL, Regina Lúcia de Moraes (1979), *Ciência e Estado: a política científica no Brasil*, São Paulo: T.A. Queiroz.

MOTOYAMA, Shozo (org.) (1999), *FAPESP, uma história de política científica e tecnológica*, São Paulo: FAPESP.

MOTOYAMA, Shozo et Garcia, João Carlos Vítor (1996), *O Almirante e o novo Prometeu: Álvaro Alberto e a C&T*, São Paulo: Edunesp/Centro Interunidade de História da Ciência e da Tecnologia.

MOTOYAMA, Shozo e Marilda Nagamini (1996), *CNPq e CNRS: duas histórias numa perspectiva comparada*, In: Hamburger, Amélia Império; Maria Amélia M. Dantes; Michel Paty; Patrick Petitjean (orgs.) (1996), *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*, São Paulo: Edusp/FAPESP.

NEVES, Abílio Baeta. *Metas da atual Gestão para a CAPES*, Infocapes Vol. 2, N.º 3, 1994.

SPAGNOLO, F. (1993), *Bolsistas Brasileiros no Exterior (I): características pessoais e profissionais*, INFOCAPES, Vol. 1, N.º 1, p. 7.

_____ (1994) *Bolsistas Brasileiros no Exterior (III): Avaliação das Condições de Estudo e de Trabalho*, INFOCAPES, Vol. 2, N.º 1, p. 10.

_____ *Bolsas de Estudo no Exterior: um Programa Estratégico e os Ajustes Necessários*. Boletim Informativo (Infocapes) Vol.3 N.º 3-4 julho/dezembro 1995

SPAGNOLO, F., GUNTHER, H. (1986), *Vinte anos de pós-graduação: o que fazem nossos mestres e doutores?*, Ciência e Cultura, 38 (10): 1643-1662.

VELLOSO, J., VELHO, L. e PRANDI, R. (1997), *Trajatórias, bolsas e perspectivas dos mestrados e doutorandos no país*, Universidade de Brasília (mimeo).

2) Sobre o sistema de ensino alemão e a formação de cientistas:

BAHRO, Horst, BECKER, Willi e GOERGEN, Pedro (1979), *Educação, Pesquisa e desenvolvimento: o sistema de ensino, ciência e pesquisa na República Federal da Alemanha*, Brasília: CAPES.

BRINT, Steven (1998), *Schools and Societies*, Ed. Pine Forge Press.

COLLINS, Randall (1994), "Prologue: The Rise of the Social Sciences", In: *Four Sociological Traditions*, pp. 03-46, Oxford: Oxford University Press.

3) Sobre as relações de gênero:

AGUIAR, Neuma (1986 -1990) *Mulheres na força de trabalho na América Latina: um ensaio bibliográfico*, Boletim Bibliográfico, N.º 10. ANPOCS, Ed. Cortez.

ARANGO D.S (orgs.). *Para uma História da Educação colonial*. Lisboa: Educa.

_____ (2000), *Transformações Institucionais e Características Sociais dos Estudantes Brasileiros na França*, Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, N.º 50: 145 -162.

ARDAILLON, Danielle, *O cotidiano de mulheres profissionais: o engodo do individualismo*, São Paulo :[s.n.], 1989.

BARROSO, Carmem e MELLO, Guiomar N. de (1977) O acesso da mulher ao ensino superior. *Cadernos de Pesquisa*, 15: 47-75.

BOURDIEU, Pierre (1997) *O espírito da família*. In: Razões práticas, Campinas, Papirus, pp.124-137.

_____ (1998A) *Os três estados do capital cultural*. In: Nogueira, M.A. & Catani, A. (orgs.) *Escritos de educação*. Petrópolis, Vozes, pp.10.

_____ (1999) *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

BRISOLLA, Sandra, *Formas de inserção da mulher no mercado de trabalho. O caso do Brasil*, Tese de Doutorado, UNICAMP.

BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bila (orgs.) (1994), *Novos olhares: Mulheres e relação de gênero no Brasil*, Ed. Fundação Carlos Chagas.

BRUSCHINI, Cristina e PINTO, C. R. (2001), *Tempos e Lugares de Gênero*. São Paulo.

C, Ismério (1995). *Mulher: a moral e o imaginário:1889 - 1930*. Porto Alegre EDIPUCRS.

CUNHA, Luis A. (1975), *A expansão do ensino superior: causas e conseqüências*, *Debate e Crítica*, 5: 27-58.

E, Acri (1985). *O gaúcho, usos e costumes*. Porto Alegre; Grafosul.

FERREIRA, T.L., *História da Educação Lusobrasileira*, São Paulo, Saraiva, 1966.

FUKUI, Lia (1977), *Estudos e pesquisas sobre família no Brasil*, *Boletim Bibliográfico*, n. 10. ANPOCS, Ed. Cortez.

HAHNER, J. E., *A mulher no Brasil*, Ed. Civilização Brasileira, 1978

HAMBURGER, Amélia Império et alli (1996), *A ciência nas relações Brasil-França*, São Paulo, EDUSP/FAPESP.

HEIBORN, M.L. e SORJ, Bila, (1990), *Estudos de Gênero no Brasil*, In: O que ler na ciência social brasileira (1970- 1995), Miceli, Sergio (org). São Paulo, Ed. Sumaré, pp. 183-222.

J.M, Pedro (1997). Mulheres do Sul. In: M. Del Priori & C. Bassanezi (orgs.) *História das mulheres no Brasil*.(pp.279-321) São Paulo; Contexto.

NETO, Ávila M.I.d'.(1994). *O autoritarismo e a mulher: o jogo de dominação macho-fêmea no Brasil*. Rio de Janeiro; Artes & Contos.

ROMANELLI, Geraldo (2000) *Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos*, In: Nogueira, M. A., Romanelli, G. e Zago, N. *Família & Escola*. São Paulo, Vozes.

SAFFIOTI, Heleieth Iara B., *A Mulher na Sociedade de Classes: mitos e realidade*, SP: Livraria Quatro Artes Ed., 1969.

SAMARA, Eni de Mesquita, *As Idéias e os Números do Gênero*, Argentina, Brasil e Chile no século XIX. SP: CEDHAL/USP, 1997.

SCOTT, Joan (1988), *Gender: A Useful Category of Historical Analysis*, in Joan Scott, *Gender and the Politics of History*, pp. 28-50. New York: Columbia University Press.

4) Sobre técnica de pesquisa

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio (1980), *O lado não respeitável da pesquisa de campo*, Comunicação apresentada à Reunião da ANPOCS (xerox).

CARDOSO, Ruth (1986), *Aventuras de Antropólogos em Campo ou Como escapar das armadilhas do método*, In: Ruth Cardoso (org.), *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CICCOUREL, Aaron (1980), *Teoria e Métodos em Pesquisa de Campo*, In: Guimarães, Alba Zaluar (org.), *Desvendando Máscaras Sociais*, Francisco Alves: Francisco Alves.

LODI, João Bosco, *A entrevista : teoria e pratica* , São Paulo :Pioneira, 1981.

GARRETT, Annette Marie, *A entrevista, seus princípios e métodos*, Rio de Janeiro :Agir, 1991.

REFERÊNCIA DOS SITES UTILIZADOS

Serviço de Intercâmbio Acadêmico DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst) <http://www.daad.de/rio> (Em Português) ou <http://www.daad.de> (Em Alemão)

Serviço de Orientação Universitária (Alemão e Inglês)

<http://www.hochschulkompass.hrk.de/>

Estudos e Profissões (Alemão e Inglês) <http://www.studienwahl.de/>

Informações diversificadas para os estudantes na Alemanha

<http://www.student-affairs.de>

Página do CNPq (Currículo Lattes) <http://www.cnpq.br>

ANEXOS

Anexo 1

Campos que constavam nas listagens obtidas junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

CNPq Nome	CPF	País de Nasc.	Data de Nasc.	Sexo	Modal. da Bolsa	Data de Início	Data de Término
CAPES Nome	Data Nasc.	UF	EC	Sexo	Inst. de Origem	Inst. de Destino	Cód. – Área de Destino
FAPESP Nome	Sexo	País de Destino	Data de Início	Data de Término	Data de Nasc	Inst. de Origem	Inst. de Destino

(Continuação)

Inst. de Origem	Inst. de Destino	País de Destino	Título do Projeto	Área	Sub-área	Especialidade
Área	Data de Início	Data de Término	País de Destino	Modal. da Bolsa	Título do projeto	Orientador
Área	Sub-área	Título do Projeto				

Legenda:

Nome: Nome completo do bolsista

Sexo: Masculino / Feminino

CPF: Número do Cadastro de Pessoa Física

Data de Nasc.: Data de Nascimento do bolsista

País de Nasc.: País de Nascimento do bolsista

UF: Unidade da Federação

EC: Estado Civil – Casado / Solteiro

País de Destino: País para o qual o bolsista está sendo enviado

Modal. Da Bolsa: Tipo de bolsa concedida (Mestrado, Doutorado etc.)

Inst. de Origem: Instituição de onde partiu o bolsista que foi para o exterior

Inst. de Destino: Instituição para a qual o bolsista está sendo enviado

Data de Início: Data inicial da concessão da bolsa

Data de Término: Data de término da bolsa

Título do Projeto: Título do projeto referente ao estudo no exterior

Orientador: Orientador da tese

Obs: Todas estas especificações, Cód. – Área de Destino, Área, Sub-área e Especialidade, sofrem variações de acordo com os respectivos órgãos que fomentam à pesquisa, para saber mais a respeito de suas especificações ver Anexos 20 e 21.

* Vale ressaltar que nas listagens nem todos os campos são preenchidos.

Seguem abaixo as tabelas referentes ao fluxo de bolsistas que foram do Brasil para a Alemanha financiados pelo CNPq:

Anexo 2

Número total de bolsistas na Alemanha no período de 1984 a 2000: Segundo o Ano por Sexo.

ANO	SEXO		TOTAL Anual
	MASC	FEM	
1984	1	0	1
1985	1	0	1
1986	3	2	5
1987	4	2	6
1988	13	3	16
1989	21	12	33
1990	24	11	35
1991	34	10	44
1992	35	17	52
1993	25	14	39
1994	23	9	32
1995	12	10	22
1996	8	3	11
1997	4	3	7
1998	6	1	7
1999	6	1	7
2000	1	2	3
TOTAL	221	100	
TOTALM/F	321		

Anexo 3

Número total de bolsistas na Alemanha no período de 1984 a 2000: Segundo o Ano por Sexo. Somente das Modalidades: Mestrado / Doutorado/ Doutorado Sanduíche/Pós Doutorado.

ANO	SEXO		TOTAL Anual
	MASC	FEM	
1984	1	0	1
1985	1	0	1
1986	3	2	5
1987	4	2	6
1988	13	3	16
1989	21	12	33
1990	24	11	35
1991	32	10	42

1992	33	16	49
1993	25	14	39
1994	21	9	30
1995	12	10	22
1996	8	1	9
1997	3	3	6
1998	5	1	6
1999	6	1	7
2000	0	2	2
TOTAL	212	97	
TOTAL M/F	309		

Anexo 4

Número total de bolsistas na Alemanha no período de 1984 a 2000: Segundo o Ano, Modalidade e Sexo.

ANO	MODAL.	SEXO		
		MASC	FEM	SOMA
1984	GME			
	GDE			
	SWE			
	PDE	1		1
TOTAL DE 1984		1	0	1
1985	GME			
	GDE			
	SWE			
	PDE	1		
TOTAL DE 1985		1	0	1
1986	GME			
	GDE	3	2	5
	SWE			
	PDE			
TOTAL DE 1986		3	2	5
1987	GME	1		1
	GDE	3	2	5
	SWE			
	PDE			
TOTAL DE 1987		4	2	6

1988	GME			
	GDE	12	3	15
	SWE			
	PDE	1		1
TOTAL DE 1988		13	3	16
1989	GME		2	2
	GDE	13	5	18
	SWE			
	PDE	8	5	13
TOTAL DE 1989		21	12	33
1990	GME	1		1
	GDE	17	10	27
	SWE	1		1
	PDE	5	1	6
TOTAL DE 1990		24	11	35
1991	GME			
	GDE	21	8	29
	SWE	2	1	3
	PDE	9	1	10
TOTAL DE 1991		32	10	42
1992	GME			
	GDE	21	11	32
	SWE	7	4	11
	PDE	5	1	6
TOTAL DE 1992		33	16	49
1993	GME			
	GDE	16	4	20
	SWE	6	7	13
	PDE	3	3	6
TOTAL DE 1993		25	14	39
1994	GME			
	GDE	12	5	17
	SWE	2	4	6
	PDE	7		7
TOTAL DE 1994		21	9	30
1995	GME			
	GDE	6	5	11
	SWE	3	4	7
	PDE	3	1	4
TOTAL DE 1995		12	10	22

1996	GME			
	GDE	3	1	4
	SWE	3		3
	PDE	2		2
TOTAL DE 1996		8	1	9
1997	GME			
	GDE	1	1	2
	SWE		1	1
	PDE	2	1	3
TOTAL DE 1997		3	3	6
1998	GME			
	GDE	2		2
	SWE			
	PDE	3	1	4
TOTAL DE 1998		5	1	6
1999	GME			
	GDE	3		3
	SWE			
	PDE	3	1	4
TOTAL DE 1999		6	1	7
2000	GME			
	GDE			
	SWE		1	1
	PDE		1	1
TOTAL DE 2000		0	2	2

Total por modalidades:			
Sexo	M	F	Soma
GME	2	2	4
GDE	133	57	190
SWE	24	22	46
PDE	53	16	69
Total M/F	212	97	309
Total	309		

Obs:

GME = Mestrado no exterior
GDE = Doutorado no exterior
SWE = Doutorado Sanduíche
PDE = Pós Doutorado no exterior

Anexo 5

Número total de bolsistas na Alemanha no período de 1984 a 2000: Segundo o Ano, Grande Área, Modalidade e Sexo.

Área:	Ciências Exatas e Da Terra - cod.1.00												Modal. Soma Total		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			M	F	Total
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total			
Ano													M	F	Total
1984			0			0			0			0	0	0	0
1985			0			0			0	1		1	1	0	1
1986			0			0			0			0	0	0	0
1987			0			0			0			0	0	0	0
1988			0	4	1	5			0			0	4	1	5
1989			0	7	1	8			0	5	2	7	12	3	15
1990			0	5	2	7	1		1	5	1	6	11	3	14
1991			0	5	1	6			0	2		2	7	1	8
1992			0	3	2	5	1	2	3	4	1	5	8	5	13
1993			0	4	3	7	2	1	3	1	2	3	7	6	13
1994			0	2		2	1		1	1		1	4	0	4
1995			0	3	2	5			0			0	3	2	5
1996			0	1		1			0			0	1	0	1
1997			0			0			0	2		2	2	0	2
1998			0	1		1			0	1	1	2	2	1	3
1999			0	1		1			0			0	1	0	1
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	0		36	12		5	3		22	7		63	22	
Total M/F	0			48			8			29			85		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod.	M	F	Total
Ciências Exatas e da Terra	1			
Matemática		1		1
Probabilidade e Estatística				0
Ciência da Computação		17	2	19
Astronomia			1	1
Física		22	7	29
Química		12	8	20
Geociências		9	4	13
Oceanografia		2		2
		63	22	85
		85		

Área:	Ciências Biológicas - cod.2.00														
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Modal. Soma Total		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1984			0			0			0			0	0	0	0
1985			0			0			0			0	0	0	0
1986			0		1	1			0			0	0	1	1
1987			0			0			0			0	0	0	0
1988			0			0			0			0	0	0	0
1989			0			0			0			0	0	0	0
1990			0	1	3	4			0			0	1	3	4
1991			0	2		2		1	1	1		1	3	1	4
1992			0	1	2	3		1	1	1		1	2	3	5
1993			0	1		1		3	3		1	1	1	4	5
1994			0			0			0			0	0	0	0
1995			0			0		3	3			0	0	3	3
1996			0			0	1		1			0	1	0	1
1997			0			0			0			0	0	0	0
1998			0			0			0			0	0	0	0
1999			0			0			0			0	0	0	0
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	0		5	6		1	8		2	1		8	15	
Total M/F	0			11			9			3			23		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod.	M	F	Total
Ciências Biológicas	2			
Ciências Biológicas I		2	5	7
Ciências Biológicas II		3	7	10
Ciências Biológicas III		1	3	4
Ecologia		2		2
		8	15	23
		23		

Área:	Engenharias- cod.3.00												Modal.		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Soma Total		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1984			0			0			0			0	0	0	0
1985			0			0			0			0	0	0	0
1986			0	1		1			0			0	1	0	1
1987			0	2	2	4			0			0	2	2	4
1988			0	1	1	2			0			0	1	1	2
1989			0	2	1	3			0			0	2	1	3
1990			0	5	1	6			0			0	5	1	6
1991			0	9	2	11	1		1	2		2	12	2	14
1992			0	8	1	9	3	1	4			0	11	2	13
1993			0	6	1	7	2		2	1		1	9	1	10
1994			0	6		6		2	2	1		1	7	2	9
1995			0	1	1	2	1	1	2	1		1	3	2	5
1996			0		1	1			0	1		1	1	1	2
1997			0		1	1		1	1			0	0	2	2
1998			0	1		1			0	1		1	2	0	2
1999			0	1		1			0			0	1	0	1
2000			0			0			0		1	1	0	1	1
Total	0	0		43	12		7	5		7	1		57	18	
Total M/F	0			55			12			8			75		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
Engenharias	3	M	F	Total
Engenharias I		7	5	12
Engenharias II		18	8	26
Engenharias III		22	4	26
Engenharias IV		10		10
Engenharias (outras)			1	1
		57	18	75
		75		

Área:	Ciências da Saúde- cod.4.00												Modal.		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Soma Total		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1984			0			0			0			0	0	0	0
1985			0			0			0			0	0	0	0
1986			0			0			0			0	0	0	0
1987			0			0			0			0	0	0	0
1988			0	1	1	2			0	1		1	2	1	3
1989		2	2		2	2			0	1		1	1	4	5
1990			0	2		2			0			0	2	0	2
1991			0	1	1	2			0	1	1	2	2	2	4
1992			0	2	3	5	1		1			0	3	3	6
1993			0	1		1			0			0	1	0	1
1994			0	2	3	5			0			0	2	3	5
1995			0			0			0			0	0	0	0
1996			0	1		1			0			0	1	0	1
1997			0			0			0			0	0	0	0
1998			0			0			0			0	0	0	0
1999			0			0			0			0	0	0	0
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	2		10	10		1	0		3	1		14	13	
Total M/F	2			20			1			4			27		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
Ciências da Saúde	4	M	F	Total
Medicina I		7	2	9
Medicina II				0
Medicina III				0
Odontologia		1	1	2
Farmácia		1	2	3
Enfermagem			1	1
Saúde Coletiva		1	1	2
Fisioterapia e Terapia Ocupacional			1	1
Educação Física		4	5	9
		14	13	27
		27		

Área:	Ciências Agrárias - cod.5.00														
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Modal. Soma Total		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1984			0			0			0			0	0	0	0
1985			0			0			0			0	0	0	0
1986			0			0			0			0	0	0	0
1987			0	1		1			0			0	1	0	1
1988			0	1		1			0			0	1	0	1
1989			0	3		3			0	1		1	4	0	4
1990			0	1	1	2			0			0	1	1	2
1991			0	3	1	4			0	2		2	5	1	6
1992			0	3	2	5			0			0	3	2	5
1993			0	2		2		1	1			0	2	1	3
1994			0	1		1			0	3		3	4	0	4
1995			0		1	1	1		1			0	1	1	2
1996			0	1		1	1		1			0	2	0	2
1997			0			0			0			0	0	0	0
1998			0			0			0	1		1	1	0	1
1999			0	1		1			0			0	1	0	1
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	0		17	5		2	1		7	0		26	6	
Total M/F	0			22			3			7			32		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
		M	F	Total
Ciências Agrárias	5			
Ciências Agrárias I		11	1	12
Zootecnia		5		5
Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca				0
Medicina Veterinária		9	2	11
Ciência e Tecnologia de Alimentos		1	3	4
		26	6	32
		32		

Área:	Ciências Sociais Aplicadas - cod.6.00												Modal.		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Soma Total		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1984			0			0			0			0	0	0	0
1985			0			0			0			0	0	0	0
1986			0			0			0			0	0	0	0
1987			0			0			0			0	0	0	0
1988			0	2		2			0			0	2	0	2
1989			0			0			0	1		1	0	1	1
1990	1		1			0			0			0	1	0	1
1991			0	1		1	1		1			0	2	0	2
1992			0		1	1	2		2			0	2	1	3
1993			0			0	1		1	1		1	2	0	2
1994			0			0	1		1	1		1	2	0	2
1995			0	1		1			0		1	1	1	1	2
1996			0			0			0	1		1	1	0	1
1997			0	1		1			0		1	1	1	1	2
1998			0			0			0			0	0	0	0
1999			0			0			0		1	1	0	1	1
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	1	0		5	1		5	0		3	4		14	5	
Total M/F	1			6			5			7			19		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod	M	F	Total
Ciências Sociais Aplicadas	6			
Direito		10		10
Administração				0
Turismo				0
Economia		3	1	4
Arquitetura e Urbanismo				0
Planejamento Urbano e Regional		1	2	3
Demografia				0
Ciências Sociais Aplicadas I			1	1
Serviço Social			1	1
Economia Doméstica				0
		14	5	19
		19		

Área:	Ciências Humanas - cod.7.00												Modal.		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Soma Total		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1984			0			0			0	1		1	1	0	1
1985			0			0			0			0	0	0	0
1986			0	1	1	2			0			0	1	1	2
1987			0			0			0			0	0	0	0
1988			0	2		2			0			0	2	0	2
1989			0	1	1	2			0	1	2	3	2	3	5
1990			0	3	3	6			0			0	3	3	6
1991			0		3	3			0	1		1	1	3	4
1992			0	3		3			0			0	3	0	3
1993			0	2		2	1	1	2			0	3	1	4
1994			0		1	1		2	2	1		1	1	3	4
1995			0	1	1	2	1		1	2		2	4	1	5
1996			0			0	1		1			0	1	0	1
1997			0			0			0			0	0	0	0
1998			0			0			0			0	0	0	0
1999			0			0			0	3		3	3	0	3
2000			0			0		1	1			0	0	1	1
Total	0	0		13	10		3	4		9	2		25	16	
Total M/F	0			23			7			11			41		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
Ciências Humanas	7	M	F	Total
Filosofia		12	3	15
Teologia		1		1
Sociologia		3	3	6
Antropologia		1		1
Arqueologia			1	1
História		3	3	6
Geografia		1	1	2
Psicologia			4	4
Educação		3	1	4
Ciência Política		1		1
		25	16	41
		41		

Área:	Lingüística, Letras e Artes - cod.8.00														
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Modal.		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	Soma Total		
Ano													M	F	Total
1984			0			0			0			0	0	0	0
1985			0			0			0			0	0	0	0
1986			0	1		1			0			0	1	0	1
1987	1		1			0			0			0	1	0	1
1988			0	1		1			0			0	1	0	1
1989			0			0			0			0	0	0	0
1990			0			0			0			0	0	0	0
1991			0			0			0			0	0	0	0
1992			0	1		1			0			0	1	0	1
1993			0			0		1	1			0	0	1	1
1994			0	1	1	2			0			0	1	1	2
1995			0			0			0			0	0	0	0
1996			0			0			0			0	0	0	0
1997			0			0			0			0	0	0	0
1998			0			0			0			0	0	0	0
1999			0			0			0			0	0	0	0
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	1	0		4	1		0	1		0	0		5	2	
Total M/F	1			5			1			0			7		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
Lingüística, Letras e Artes	8	M	F	Total
Lingüística e Letras		3	1	4
Artes		2	1	3
Música				0
		5	2	7
		7		

Seguem abaixo as tabelas referentes ao fluxo de bolsistas que foram do Brasil para a Alemanha financiados pela CAPES:

Anexo 6

Número total de bolsistas na Alemanha no período de 1987 a 2000: Segundo o Ano por Sexo.

ANO	SEXO		TOTAL Anual
	MASC	FEM	
1987	13	7	20
1988	20	7	27
1989	16	8	24
1990	22	10	32
1991	13	10	23
1992	15	11	26
1993	12	10	22
1994	18	7	25
1995	15	8	23
1996	17	11	28
1997	19	9	28
1998	111	37	148
1999	4	2	6
2000			0
TOTAL	295	137	
TOTALM/F	432		

Anexo 7

Número total de bolsistas na Alemanha no período de 1987 a 2000: Segundo o Ano por Sexo. Somente das Modalidades: Mestrado / Doutorado/ Doutorado Sanduíche/Pós Doutorado.

ANO	SEXO		TOTAL Anual
	MASC	FEM	
1987	7	6	13
1988	14	1	15
1989	11	6	17
1990	13	6	19
1991	13	9	22
1992	10	9	19
1993	11	9	20
1994	17	5	22
1995	14	6	20
1996	14	8	22
1997	16	7	23
1998	31	10	41

1999	4	2	6
2000			0
TOTAL	175	84	
TOTALM/F	259		

Anexo 8

Número total de bolsistas na Alemanha no período de 1987 a 2000: Segundo o Ano, Modalidade e Sexo.

ANO	MODAL.	SEXO		
		MASC	FEM	SOMA
1987	GME		1	1
	GDE	6	5	11
	SWE			
	PDE	1		1
TOTAL DE 1987		7	6	13
1988	GME	1		1
	GDE	11	1	12
	SWE	1		1
	PDE	1		1
TOTAL DE 1988		14	1	15
1989	GME		2	2
	GDE	9	4	13
	SWE	2		2
	PDE			
TOTAL DE 1989		11	6	17
1990	GME		2	2
	GDE	10	3	13
	SWE	1	1	2
	PDE	2		2
TOTAL DE 1990		13	6	19
1991	GME	1		1
	GDE	9	7	16
	SWE	1	2	3
	PDE	2		2
TOTAL DE 1991		13	9	22

1992	GME			
	GDE	9	8	17
	SWE		1	1
	PDE	1		1
TOTAL DE 1992		10	9	19
1993	GME			
	GDE	9	9	18
	SWE	2		2
	PDE			
TOTAL DE 1993		11	9	20
1994	GME			
	GDE	10	4	14
	SWE	5	1	6
	PDE	2		2
TOTAL DE 1994		17	5	22
1995	GME			
	GDE	9	5	14
	SWE	3	1	4
	PDE	2		2
TOTAL DE 1995		14	6	20
1996	GME		1	1
	GDE	5	1	6
	SWE	6	5	11
	PDE	3	1	4
TOTAL DE 1996		14	8	22
1997	GME			
	GDE	7	4	11
	SWE	4		4
	PDE	5	3	8
TOTAL DE 1997		16	7	23
1998	GME	2		2
	GDE	21	8	29
	SWE	2		2
	PDE	6	2	8
TOTAL DE 1998		31	10	41
1999	GME			
	GDE	2		2
	SWE	1	1	2
	PDE	1	1	2
TOTAL DE 1999		4	2	6

2000	GME			
	GDE			
	SWE			
	PDE			
TOTAL DE 2000				

Total por modalidades:			
Sexo	M	F	Soma
GME	4	6	10
GDE	117	59	176
SWE	28	12	40
PDE	26	7	33
Total M/F	175	84	259
Total	259		

Obs:

GME = Mestrado no exterior

GDE = Doutorado no exterior

SWE = Doutorado Sanduíche

PDE = Pós Doutorado no exterior

Anexo 9

Número total de bolsistas na Alemanha no período de 1987 a 2000: Segundo o Ano, Grande Área, Modalidade e Sexo.

Área:	Ciências Exatas e Da Terra - cod.1.00												Modal. Soma Total		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			M	F	Total
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total			
Ano													M	F	Total
1987			0	1		1			0			0	1	0	1
1988			0	2	1	3	1		1			0	3	1	4
1989			0	3	1	4	1		1			0	4	1	5
1990			0	1		1			0	1		1	2	0	2
1991			0	2		2			0			0	2	0	2
1992			0		1	1			0			0	0	1	1
1993			0	2	1	3			0			0	2	1	3
1994			0	1	2	3			0	1		1	2	2	4
1995			0	2		2		1	1			0	2	1	3
1996			0	1		1		1	1	1		1	2	1	3
1997			0	2	2	4	2		2	2		2	6	2	8
1998			0	5	2	7			0	2		2	7	2	9
1999			0	1		1			0			0	1	0	1
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	0		23	10		4	2		7	0		34	12	
Total M/F	0			33			6			7			46		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod.	M	F	Total
Ciências Exatas e da Terra	1			
Matemática		2		2
Probabilidade e Estatística				0
Ciência da Computação		5	1	6
Astronomia		2		2
Física		10	2	12
Química		4	8	12
Geociências		11	1	12
Oceanografia				0
		34	12	46
		46		

Área:	Ciências Biológicas - cod.2.00												Modal.		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Soma Total		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1987			0		1	1			0			0	0	1	1
1988			0	1		1			0	1		1	2	0	2
1989			0			0			0			0	0	0	0
1990			0			0			0			0	0	0	0
1991			0			0			0	1		1	1	0	1
1992			0	1	2	3		1	1			0	1	3	4
1993			0		2	2			0			0	0	2	2
1994			0		1	1	1	1	2			0	1	2	3
1995			0		1	1			0			0	0	1	1
1996			0	1	1	2	2	1	3			0	3	2	5
1997			0		1	1			0		1	1	0	2	2
1998			0	2	3	5	1		1			0	3	3	6
1999			0			0			0		1	1	0	1	1
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	0		5	12		4	3		2	2		11	17	
Total M/F	0			17			7			4			28		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod.	M	F	Total
Ciências Biológicas	2			
Ciências Biológicas I		4	7	11
Ciências Biológicas II		6	5	11
Ciências Biológicas III			1	1
Ecologia		1	4	5
		11	17	28
		28		

Área:	Engenharias- cod.3.00												Modal. Soma Total		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE					
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1987			0	3		3			0			0	3	0	3
1988			0	1		1			0			0	1	0	1
1989			0	1	1	2	1		1			0	2	1	3
1990			0	3		3	1		1	1		1	5	0	5
1991			0			0		1	1			0	0	1	1
1992			0	3	2	5			0			0	3	2	5
1993			0	2	3	5			0			0	2	3	5
1994			0	3		3			0	1		1	4	0	4
1995			0	3	1	4	1		1			0	4	1	5
1996			0	1		1	2	1	3		1	1	3	2	5
1997			0		2	2			0	1	2	3	1	4	5
1998			0	3		3	1		1	1	1	2	5	1	6
1999			0	1		1			0	1		1	2	0	2
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	0		24	9		6	2		5	4		35	15	
Total M/F	0			33			8			9			50		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
Engenharias	3	M	F	Total
Engenharias I		7	3	10
Engenharias II		11	6	17
Engenharias III		10	2	12
Engenharias IV		7	4	11
		35	15	50
		50		

Área:	Ciências da Saúde- cod.4.00												Modal.		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Soma Total		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1987			0			0			0			0	0	0	0
1988	1		1	1		1			0			0	2	0	2
1989		1	1	3	1	4			0			0	3	2	5
1990		1	1	2	1	3			0			0	2	2	4
1991	1		1	2	3	5			0			0	3	3	6
1992			0	1	1	2			0			0	1	1	2
1993			0	1	1	2			0			0	1	1	2
1994			0	1		1	1		1			0	2	0	2
1995			0	1	1	2			0	1		1	2	1	3
1996			0	1		1		1	1	1		1	2	1	3
1997			0			0			0			0	0	0	0
1998			0		2	2			0	1		1	1	2	3
1999			0			0	1		1			0	1	0	1
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	2	2		13	10		2	1		3	0		20	13	
Total M/F	4			23			3			3			33		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
Ciências da Saúde	4	M	F	Total
Medicina I		5	5	10
Medicina II		4		4
Medicina III		3	1	4
Odontologia		2	4	6
Farmácia		1	1	2
Enfermagem				0
Saúde Coletiva		2	2	4
Fisioterapia e Terapia Ocupacional				0
Educação Física		3		3
		20	13	33
		33		

Área:	Ciências Agrárias - cod.5.00												Modal. Soma Total		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE					
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1987			0		1	1			0			0	0	1	1
1988			0	1		1			0			0	1	0	1
1989			0	1		1			0			0	1	0	1
1990			0		1	1			0			0	0	1	1
1991			0			0			0	1		1	1	0	1
1992			0	2		2			0			0	2	0	2
1993			0		1	1			0			0	0	1	1
1994			0	2	1	3			0			0	2	1	3
1995			0	2		2			0			0	2	0	2
1996			0			0			0			0	0	0	0
1997			0	1		1			0			0	1	0	1
1998			0	2		2			0			0	2	0	2
1999			0			0			0			0	0	0	0
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	0		11	4		0	0		1	0		12	4	
Total M/F	0			15			0			1			16		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
	5	M	F	Total
Ciências Agrárias		2	1	3
Ciências Agrárias I			1	1
Zootecnia			1	1
Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca			1	1
Medicina Veterinária		7	1	8
Ciência e Tecnologia de Alimentos		3		3
		12	4	16
		16		

Área:	Ciências Sociais Aplicadas - cod.6.00														
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Modal. Soma Total		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1987		1	1	1		1			0			0	1	1	2
1988			0	1		1			0			0	1	0	1
1989			0			0			0			0	0	0	0
1990		1	1	1		1			0			0	1	1	2
1991			0	5		5			0			0	5	0	5
1992			0		1	1			0			0	0	1	1
1993			0	3		3			0			0	3	0	3
1994			0	1		1			0			0	1	0	1
1995			0			0			0			0	0	0	0
1996			0	1		1			0			0	1	0	1
1997			0			0			0			0	0	0	0
1998			0	2	1	3			0		1	1	2	2	4
1999			0			0			0			0	0	0	0
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	2		15	2		0	0		0	1		15	5	
Total M/F	2			17			0			1			20		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
Ciências Sociais Aplicadas	6	M	F	Total
Direito		6	1	7
Administração		3		3
Turismo				0
Economia		1		1
Arquitetura e Urbanismo		2	2	4
Planejamento Urbano e Regional		1		1
Demografia				0
Ciências Sociais Aplicadas I		2	2	4
Serviço Social				0
Economia Doméstica				0
		15	5	20
		20		

Área:	Ciências Humanas - cod.7.00														
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Modal.		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	Soma Total		
Ano													M	F	Total
1987			0	1	2	3			0	1		1	2	2	4
1988			0	4		4			0			0	4	0	4
1989			0	1		1			0			0	1	0	1
1990			0	2	1	3			0			0	2	1	3
1991			0	1	4	5			0			0	1	4	5
1992			0	1		1			0	1		1	2	0	2
1993			0		1	1	1		1			0	1	1	2
1994			0	3		3	2		2			0	5	0	5
1995			0	1	2	3			0	1		1	2	2	4
1996		1	1	1		1	1	1	2	1		1	3	2	5
1997			0	2		2	2		2	2		2	6	0	6
1998			0	6	1	7			0	2		2	8	1	9
1999			0			0		1	1			0	0	1	1
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	1		23	11		6	2		8	0		37	14	
Total M/F	1			34			8			8			51		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
Ciências Humanas	7	M	F	Total
Filosofia		17	3	20
Teologia				0
Sociologia		3		3
Antropologia			1	1
Arqueologia		1		1
História		7	2	9
Geografia		1	1	2
Psicologia		2	3	5
Educação		6	2	8
Ciência Política			2	2
		37	14	51
		51		

Área:	Linguística, Letras e Artes - cod.8.00												Modal.		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Soma Total		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1987			0			0			0			0	0	0	0
1988			0			0			0			0	0	0	0
1989		1	1		1	1			0			0	0	2	2
1990			0			0		1	1			0	0	1	1
1991			0			0		1	1			0	0	1	1
1992			0	1	1	2			0			0	1	1	2
1993			0	1		1	1		1			0	2	0	2
1994			0			0			0			0	0	0	0
1995			0			0	2		2			0	2	0	2
1996			0			0			0			0	0	0	0
1997			0	2		2			0			0	2	0	2
1998	2		2			0			0			0	2	0	2
1999			0			0			0			0	0	0	0
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	2	1		4	2		3	2		0	0		9	5	
Total M/F	3			6			5			0			14		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
Linguística, Letras e Artes	8	M	F	Total
Linguística e Letras		4	3	7
Artes		1		1
Música		4	2	6
		9	5	14
		14		

Seguem abaixo as tabelas referentes ao fluxo de bolsistas que foram do Brasil para a Alemanha financiados pela FAPESP:

Anexo 10

Número total de bolsistas na Alemanha no período de 1993 a 2000: Segundo o Ano por Sexo.

ANO	SEXO		TOTAL Anual
	MASC	FEM	
1993	9	2	11
1994	7	2	9
1995	10	6	16
1996	15	5	20
1997	10	6	16
1998	10	8	18
1999	6	1	7
2000	1		1
TOTAL	68	30	
TOTALM/F	98		

Anexo 11

Número total de bolsistas na Alemanha no período de 1993 a 2000: Segundo o Ano por Sexo. Somente da Modalidade: Pós - Doutorado.

ANO	SEXO		TOTAL Anual
	MASC	FEM	
1993	9	2	11
1994	7	2	9
1995	10	6	16
1996	14	5	19
1997	7	3	10
1998	8	5	13
1999	6	1	7
2000	1		1
TOTAL	62	24	
TOTALM/F	86		

Anexo 12

Número total de bolsistas na Alemanha no período de 1993 a 2000: Segundo o Ano, Grande Área, Modalidade e Sexo.

Área:	Ciências Exatas e Da Terra - cod.1.00												Modal. Soma Total		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			M	F	Total
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total			
Ano													M	F	Total
1993			0			0			0	3		3	3	0	3
1994			0			0			0	3		3	3	0	3
1995			0			0			0	4	2	6	4	2	6
1996			0			0			0	4	1	5	4	1	5
1997			0			0			0	1	2	3	1	2	3
1998			0			0			0	4	1	5	4	1	5
1999			0			0			0	3		3	3	0	3
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	0		0	0		0	0		22	6		22	6	
Total M/F	0			0			0			28			28		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
Ciências Exatas e da Terra	1	M	F	Total
Matemática	1.01	2	1	3
Probabilidade e Estatística	1.02			0
Ciência da Computação	1.03	1		1
Astronomia	1.04	1		1
Física	1.05	12	4	16
Química	1.06	4	1	5
Geociências	1.07	1		1
Oceanografia	1.08	1		1
		22	6	28
		28		

Área:	Ciências Biológicas - cod.2.00												Modal. Soma Total		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE					
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1993			0			0			0		1	1	0	1	1
1994			0			0			0	2	1	3	2	1	3
1995			0			0			0	2	1	3	2	1	3
1996			0			0			0	2	1	3	2	1	3
1997			0			0			0	2		2	2	0	2
1998			0			0			0	2	3	5	2	3	5
1999			0			0			0	2	1	3	2	1	3
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	0		0	0		0	0		12	8		12	8	
Total M/F	0			0			0			20			20		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
Ciências Biológicas	2	M	F	Total
Biologia Geral	2.01			0
Genética	2.02		1	1
Botânica	2.03	2	1	3
Zoologia	2.04	1	1	2
Ecologia	2.05			0
Morfologia	2.06			0
Fisiologia	2.07	1		1
Bioquímica	2.08	5	3	8
Biofísica	2.09			0
Farmacologia	2.10		1	1
Imunologia	2.11	2	1	3
Microbiologia	2.12	1		1
Parasitologia	2.13			0
		12	8	20
		20		

Área:	Engenharias- cod.3.00												Modal.		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Soma Total		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1993			0			0			0			0	0	0	0
1994			0			0			0			0	0	0	0
1995			0			0			0	1		1	1	0	1
1996			0			0			0	1	2	3	1	2	3
1997			0			0			0	1		1	1	0	1
1998			0			0			0	1		1	1	0	1
1999			0			0			0			0	0	0	0
2000			0			0			0	1		1	1	0	1
Total	0	0		0	0		0	0		5	2		5	2	
Total M/F	0			0			0			7			7		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
Engenharias	3	M	F	Total
Engenharia Civil	3.01			0
Engenharia de Minas	3.02			0
Engenharia de Materiais e Metalúrgica	3.03			0
Engenharia Elétrica	3.04	1		1
Engenharia Mecânica	3.05	1		1
Engenharia Química	3.06	2	1	3
Engenharia Sanitária	3.07			0
Engenharia de Produção	3.08	1		1
Engenharia Nuclear	3.09			0
Engenharia de Transportes	3.10			0
Engenharia Naval e Oceânica	3.11			0
Engenharia Aeroespacial	3.12		1	1
Engenharia Biomédica	3.13			0
Engenharias (outras)	3.14			0
		5	2	7
		7		

Área:	Ciências da Saúde- cod.4.00												Modal.		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Soma Total		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1993			0			0			0	2		2	2	0	2
1994			0			0			0	1		1	1	0	1
1995			0			0			0	1		1	1	0	1
1996			0			0			0	1		1	1	0	1
1997			0			0			0			0	0	0	0
1998			0			0			0	1		1	1	0	1
1999			0			0			0			0	0	0	0
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	0		0	0		0	0		6	0		6	0	
Total M/F	0			0			0			6			6		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod	M	F	Total
Ciências da Saúde	4			
Medicina	4.01	4		4
Odontologia	4.02	1		1
Farmácia	4.03			0
Enfermagem	4.04			0
Nutrição	4.05			0
Saúde Coletiva	4.06			0
Fonoaudiologia	4.07			0
Fisioterapia e Terapia Ocupacional	4.08			0
Educação Física	4.09	1		1
		6	0	6
		6		

Área:	Ciências Agrárias - cod.5.00														
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Modal.		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	Soma Total		
Ano													M	F	Total
1993			0			0			0	1		1	1	0	1
1994			0			0			0			0	0	0	0
1995			0			0			0		2	2	0	2	2
1996			0			0			0	1		1	1	0	1
1997			0			0			0			0	0	0	0
1998			0			0			0			0	0	0	0
1999			0			0			0	1		1	1	0	1
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	0		0	0		0	0		3	2		3	2	
Total M/F	0			0			0			5			5		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
		M	F	Total
Ciências Agrárias	5			
Agronomia	5.01	3		3
Recursos Florestais e Engenharia Florestal	5.02			0
Engenharia Agrícola	5.03			0
Zootecnia	5.04			0
Medicina Veterinária	5.05		2	2
Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca	5.06			0
Ciência Tecnologia de Alimentos	5.07			0
		3	2	5
		5		

Área:	Ciências Sociais Aplicadas - cod.6.00												Modal.		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Soma Total		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1993			0			0			0	2		2	2	0	2
1994			0			0			0			0	0	0	0
1995			0			0			0			0	0	0	0
1996			0			0			0	2	1	3	2	1	3
1997			0			0			0		1	1	0	1	1
1998			0			0			0		1	1	0	1	1
1999			0			0			0			0	0	0	0
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	0		0	0		0	0		4	3		4	3	
Total M/F	0			0			0			7			7		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod	M	F	Total
Ciências Sociais e Aplicadas	6			
Direito	6.01	1		1
Administração	6.02	1		1
Economia	6.03	1	1	2
Arquitetura e Urbanismo	6.04			0
Planejamento Urbano e Regional	6.05		1	1
Demografia	6.06			0
Ciência da Informação	6.07			0
Museologia	6.08			0
Comunicação	6.09	1	1	2
Serviço Social	6.10			0
Economia Doméstica	6.11			0
Desenho Industrial	6.12			0
Turismo	6.13			0
		4	3	7
		7		

Área:	Ciências Humanas - cod.7.00												Modal.		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Soma Total		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1993			0			0			0	1	1	2	1	1	2
1994			0			0			0	1	1	2	1	1	2
1995			0			0			0	2	1	3	2	1	3
1996			0			0			0	3		3	3	0	3
1997			0			0			0	1		1	1	0	1
1998			0			0			0			0	0	0	0
1999			0			0			0			0	0	0	0
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	0		0	0		0	0		8	3		8	3	
Total M/F	0			0			0			11			11		

Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod	M	F	Total
Ciências Humanas	7			
Filosofia	7.01	4		4
Sociologia	7.02			0
Antropologia	7.03			0
Arqueologia	7.04			0
História	7.05	1		1
Geografia	7.06			0
Psicologia	7.07	1	1	2
Educação	7.08	2	2	4
Ciência Política	7.09			0
Teologia	7.10			0
		8	3	11
		11		

Área:	Lingüística, Letras e Artes - cod.8.00												Modal.		
Modal:	GME			GDE			SWE			PDE			Soma Total		
Gênero:	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	total	M	F	Total
Ano													M	F	Total
1993			0			0			0			0	0	0	0
1994			0			0			0			0	0	0	0
1995			0			0			0			0	0	0	0
1996			0			0			0			0	0	0	0
1997			0			0			0	2		2	2	0	2
1998			0			0			0			0	0	0	0
1999			0			0			0			0	0	0	0
2000			0			0			0			0	0	0	0
Total	0	0		0	0		0	0		2	0		2	0	
Total M/F	0			0			0			2			2		

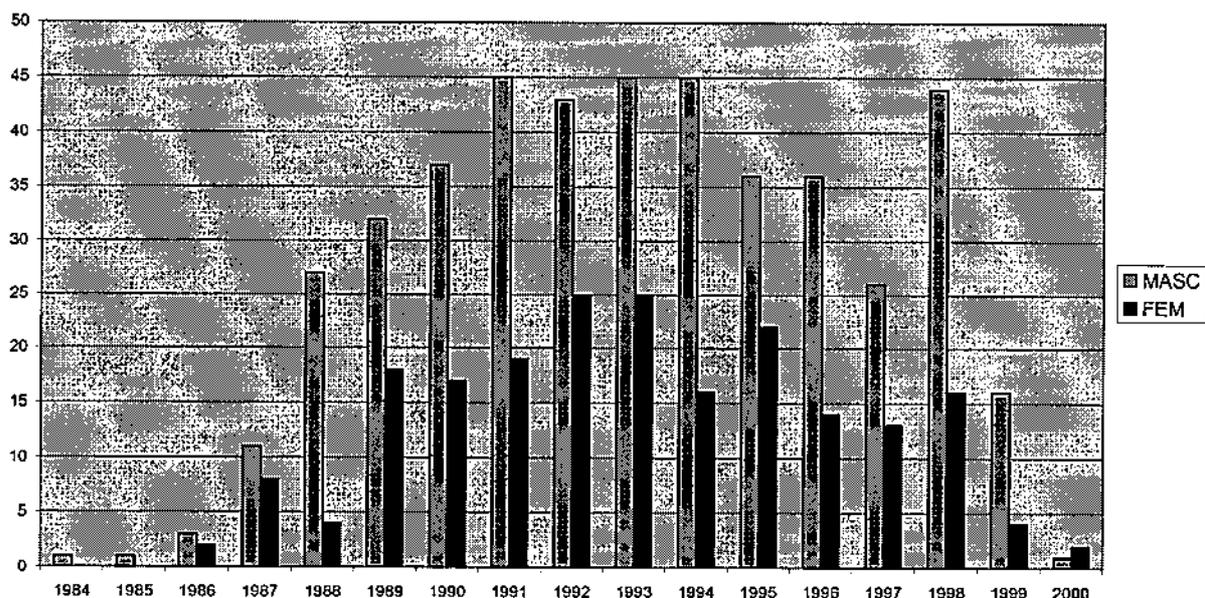
Os dados acima se distribuem nas áreas da seguinte maneira:

Área:	Cod			
Lingüística, Letras e Artes	8	M	F	Total
Lingüística	8.01			0
Letras	8.02	2		2
Artes	8.03			0
		2	0	2
		2		

Os Gráficos foram elaborados a partir das tabelas (expostas acima) referentes aos dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

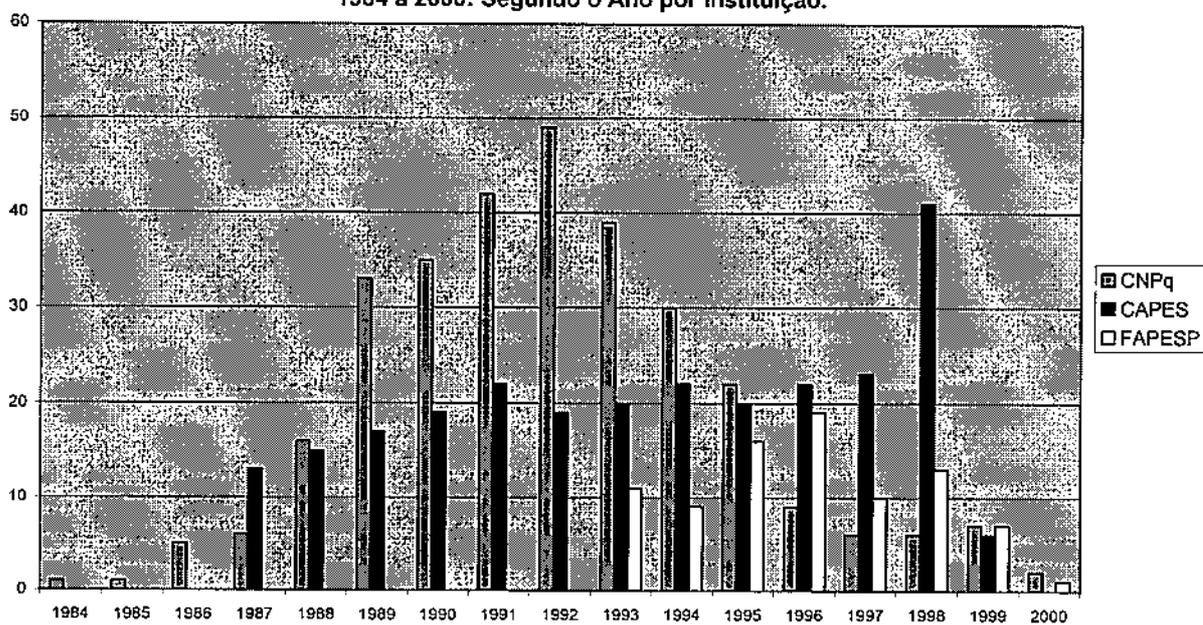
Anexo 13 - Segundo as listas que nos foram concedidas para a retirada dos dados referentes aos três órgãos de fomento a pesquisa estudados vale ressaltar que: O CNPq dispõe, para serem consultados, de arquivos que vão do ano de 1984 a 2000, já os arquivos do CAPES, os quais dispomos, vão de 1987 a 2000 e os da FAPESP somente de 1993 a 2000.

Número total de bolsistas do CNPq, CAPES e FAPESP na Alemanha no período de 1984 a 2000: Segundo os Anos por Sexo.



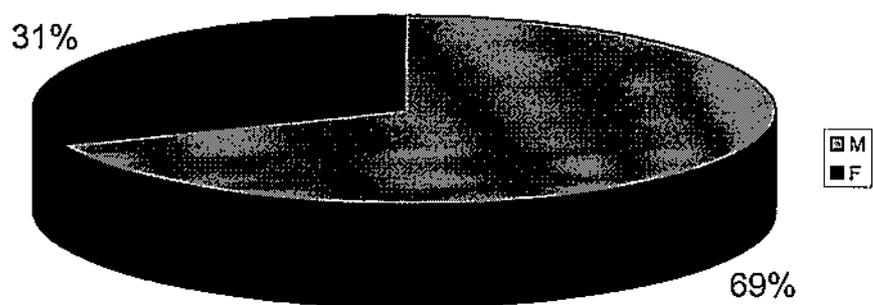
Anexo 14

Número total de bolsistas do CNPq, CAPES e FAPESP na Alemanha no período de 1984 a 2000: Segundo o Ano por Instituição.



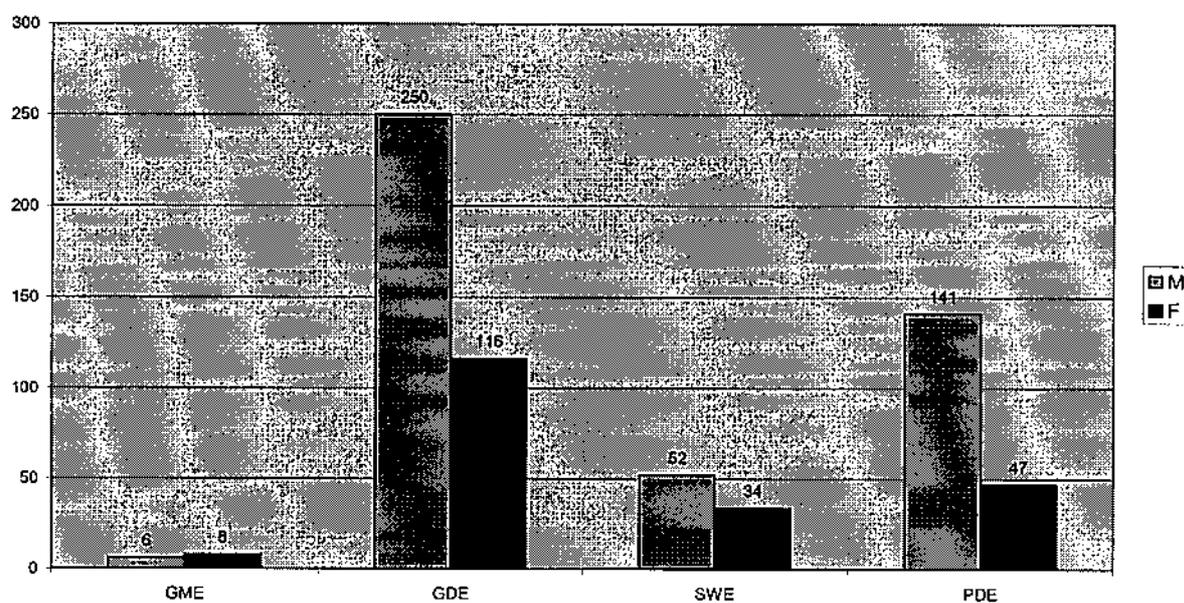
Anexo 15

Número total de bolsistas do CNPq, CAPES e FAPESP na Alemanha no período de 1984 a 2000: Segundo o Sexo.



Anexo 16

Número total de bolsistas do CNPq, CAPES e FAPESP na Alemanha no período de 1984 a 2000: Segundo a distribuição das Modalidades de bolsa por Sexo.

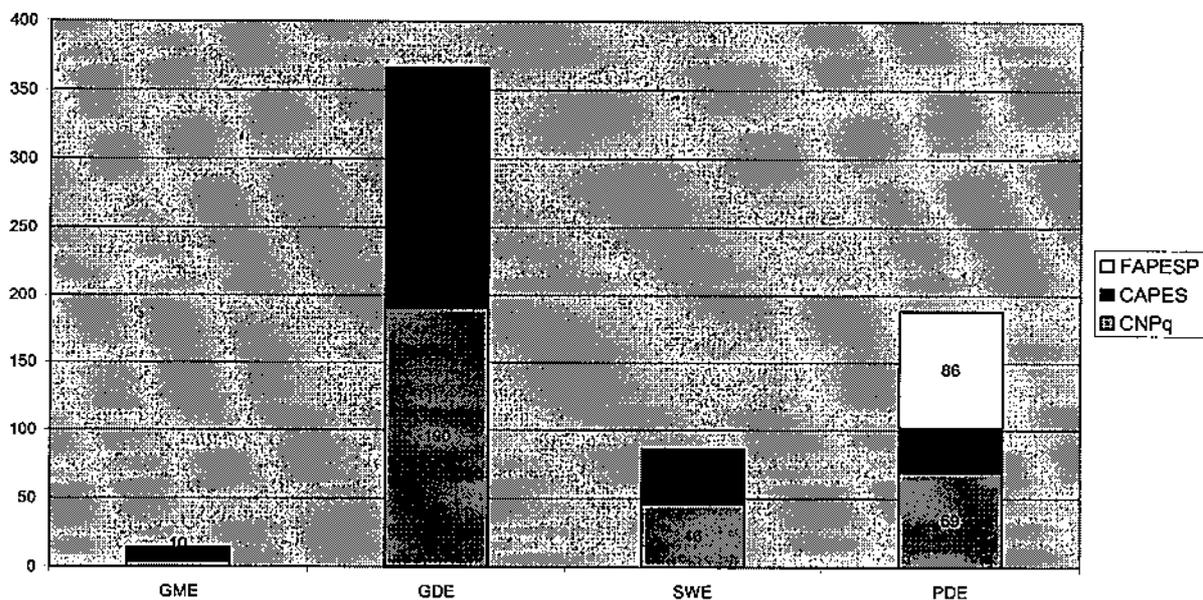


* Os números colocados no gráfico são os valores reais quanto a representatividade dos Homens (M) e das Mulheres (F) com relação as modalidades de bolsas estudadas.

GME = Mestrado no exterior
GDE = Doutorado no exterior
SWE = Doutorado Sanduíche
PDE = Pós Doutorado no exterior

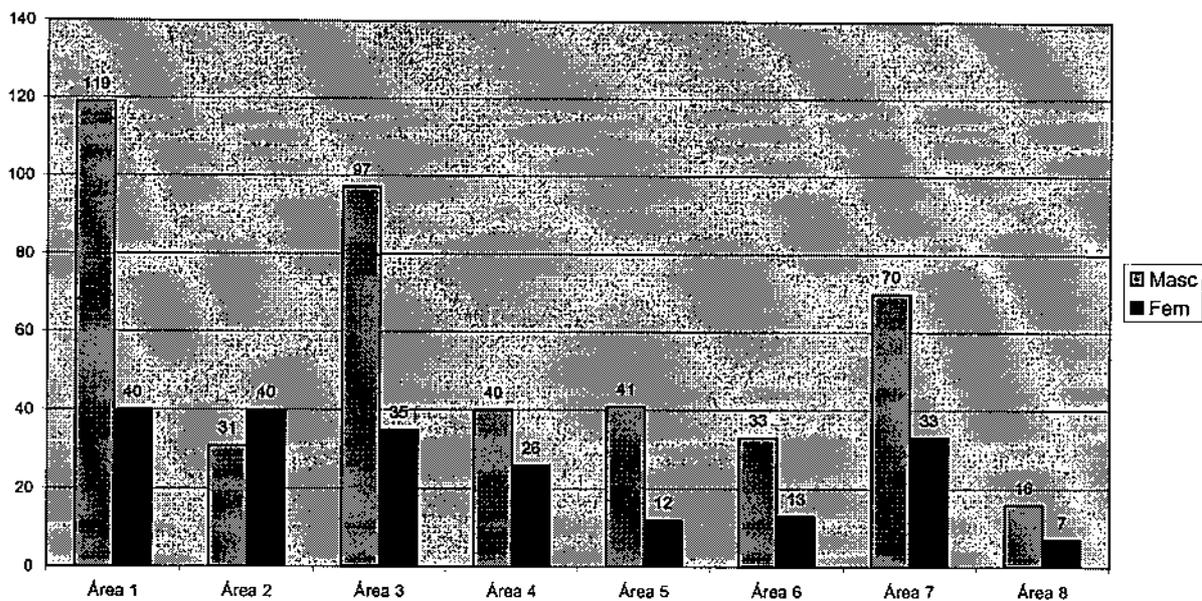
Anexo 17 - No período estudado, na listagem obtida junto a FAPESP consta somente estudantes de Pós-Doutorado.

Número total de bolsistas do CNPq, CAPES e FAPESP na Alemanha no período de 1984 a 2000: Segundo a distribuição das Modalidades de bolsa por Instituição.



Anexo 18

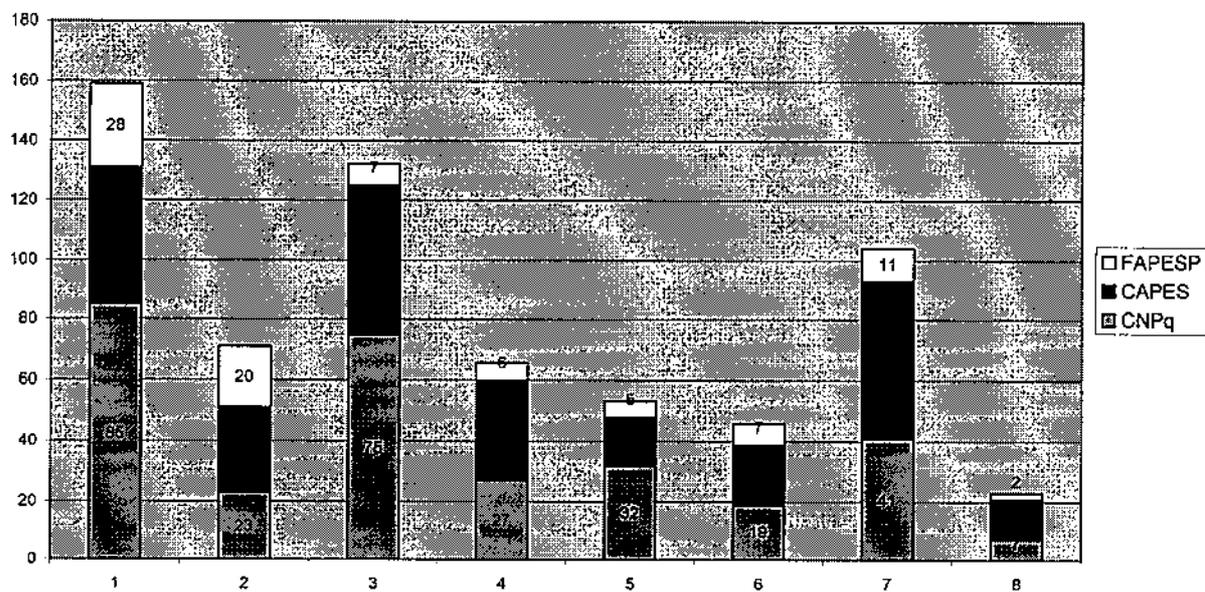
Número total de bolsistas do CNPq, CAPES e FAPESP na Alemanha no período de 1984 a 2000: Segundo a distribuição das Grande Área do conhecimento por Sexo.



- 1- Ciências Exatas e Da Terra
- 2- Ciências Biológicas
- 3- Engenharias
- 4- Ciências da Saúde
- 5- Ciências Agrárias
- 6- Ciências Sociais Aplicadas
- 7- Ciências Humanas
- 8- Lingüísticas, Letras e Artes

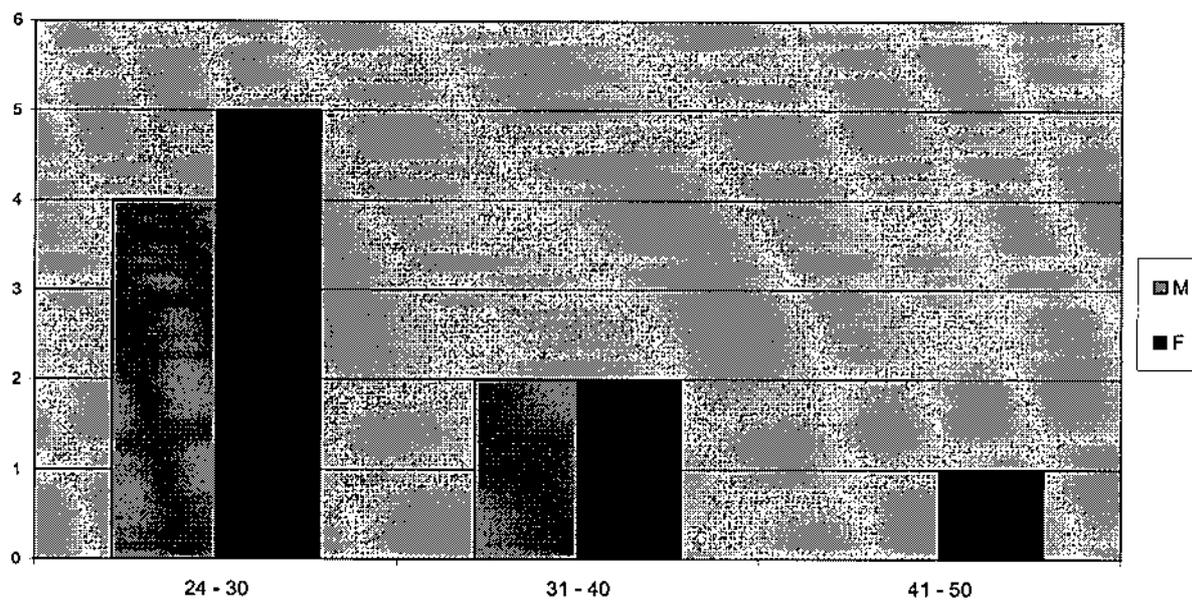
Anexo 19 – Para obter Maiores informações sobre a classificação feita das Grandes Áreas, Áreas e Sub-áreas do conhecimento, consultar anexos 29 e 30.

Número total de bolsistas do CNPq, CAPES e FAPESP na Alemanha no período de 1984 a 2000: Segundo a distribuição das Grande Área do conhecimento por Instituição.



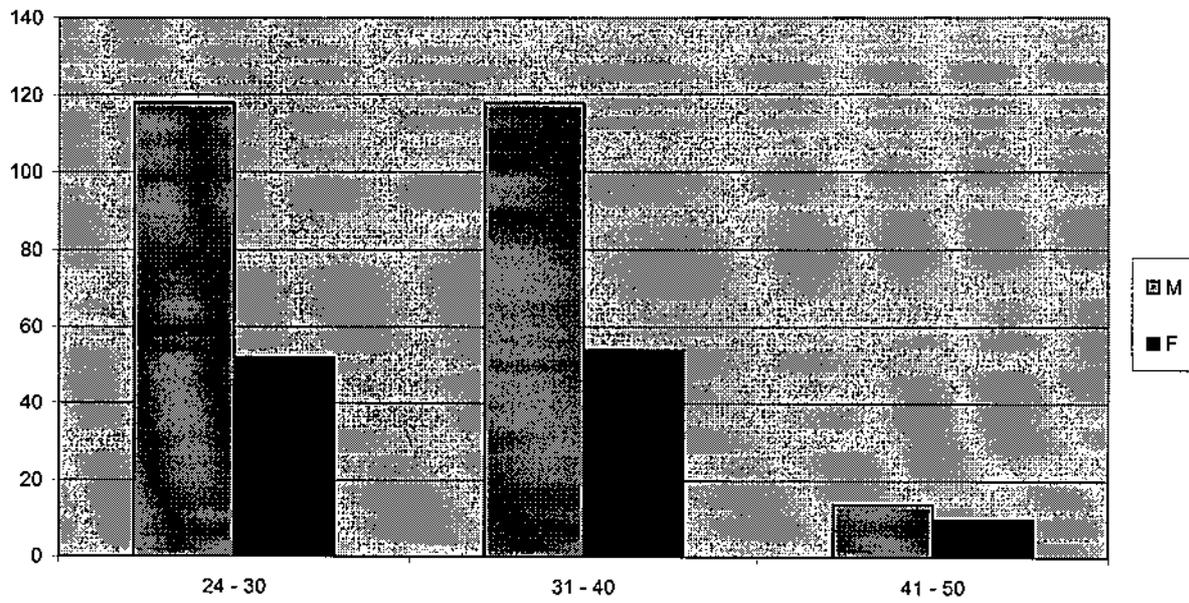
Anexo 20

Número total de bolsistas de Mestrado do CNPq e CAPES na Alemanha no período de 1984 a 2000:
Segundo as Idades e o Sexo.



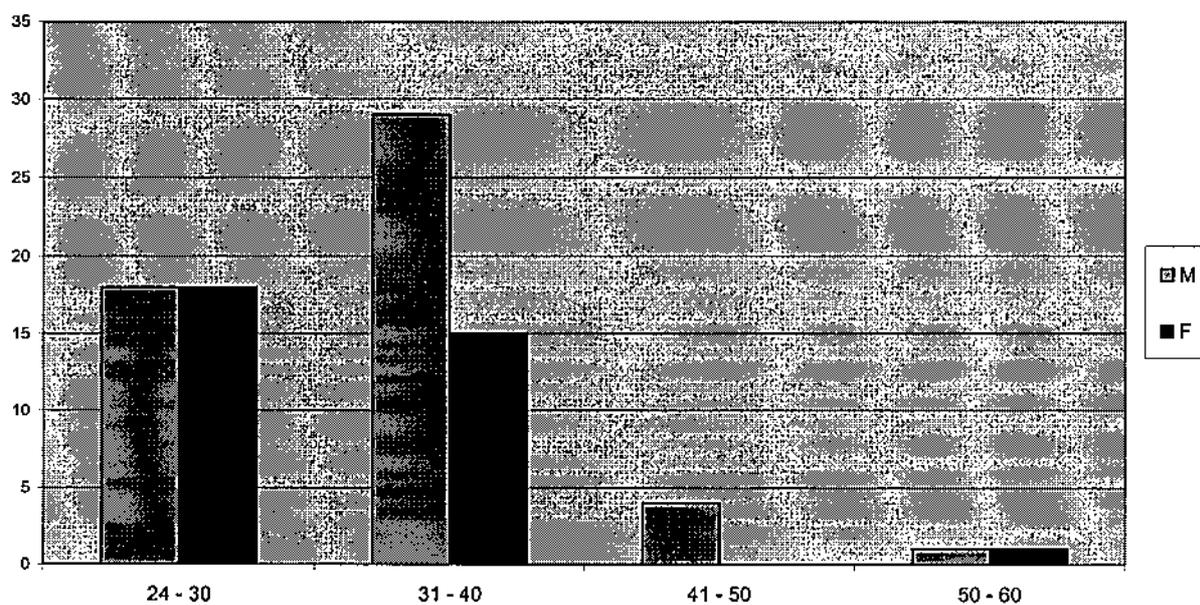
Anexo 21

Número total de bolsistas de Doutorado do CNPq e CAPES na Alemanha no período de 1984 a 2000: Segundo as Idades e o Sexo.



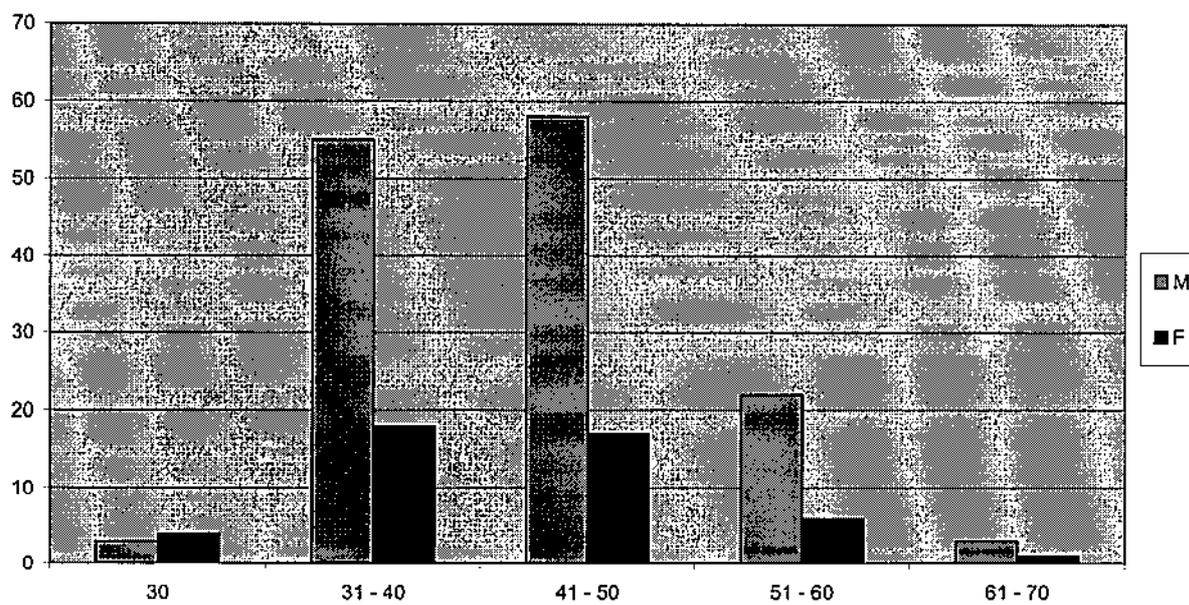
Anexo 22

Número total de bolsistas de Doutorado Sanduíche do CNPq e CAPES na Alemanha no período de 1984 a 2000: Segundo as Idades e o Sexo.



Anexo 23

Número total de bolsistas de Pós - Doutorado do CNPq, CAPES e FAPESP na Alemanha no período de 1984 a 2000: Segundo as Idades e o Sexo.



Tabelas referentes ao fluxo de bolsistas do CNPq, CAPES E FAPESP quanto as Instituições de Origem e de Destino e as Grandes Áreas do conhecimento. Os três maiores índices por Grandes Áreas do conhecimento.

Anexo 24

Dados Referentes ao CNPq	Área 1 - Ciências Exatas e da Terra
Instituições de Origem	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - 15 Bolsistas
	Universidade Estadual de Campinas - 9 Bolsistas
	Universidade de São Paulo - 4 Bolsistas
Instituições de Destino	Technische Universität Berlin e Universität Heidelberg - 8 Bolsistas
	Max-Planck-Institut e Universität Karlsruhe - 7 Bolsistas
	Universität Hamburg e Universität Stuttgart - 5 Bolsistas
Dados Referentes ao CNPq	Área 2 - Ciências Biológicas
Instituições de Origem	Universidade de São Paulo - 5 Bolsistas
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - 2 Bolsistas
	Universidade Federal de São Paulo - 2 Bolsistas
Instituições de Destino	Universität Munchen (Ludwig-Maximilians) - 4 Bolsistas
	Max-Planck-Institut, Universität Hamburg, Eberhard-Karls-Universität Tübingen e Freie Universität Berlin - 2 Bolsistas
Dados Referentes ao CNPq	Área 3 - Engenharias
Instituições de Origem	Universidade Federal do Rio de Janeiro - 5 Bolsistas
	Universidade de São Paulo - 4 Bolsistas
	Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Rio Grande do Sul - 3 Bolsistas
Instituições de Destino	Universität Stuttgart - 9 Bolsistas
	Rheinisch-Westfälische Technische Hochschule AACHEN - 8 Bolsistas
	Universität Bochum - 6 Bolsistas
Dados Referentes ao CNPq	Área 4 - Ciências da Saúde
Instituições de Origem	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - 2 Bolsistas
	Universidade de Uberlândia - 2 Bolsistas
	Prefeitura Municipal de Porto Alegre - 2 Bolsistas
Instituições de Destino	Universität Heidelberg - 3 Bolsistas
	Max-Planck-Institut, Universität Hannover, Albert-Ludwigs-Universität Freiburg, Universität Mannheim e Bonn (Rheinische Friedrich-Wilhelms) - 2 Bolsistas

Dados Referentes ao CNPq	Área 5 - Ciências Agrárias
Instituições de Origem	Universidade Estadual de Campinas - 2 Bolsistas
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - 2 Bolsistas
	Universidade Estadual de Londrina - 2 Bolsistas
Instituições de Destino	Tierärztliche Hochschule Hannover - 5 Bolsistas
	Georg-August-Universität zu Göttingen - 4 Bolsistas
	Technische Universität Berlin, Universität Hamburg, Universität Hannover, Universität Giessen (Justus-Liebig) - 2 Bolsistas

Dados Referentes ao CNPq	Área 6 - Ciências Sociais Aplicadas
Instituições de Origem	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - 2 Bolsistas
	Universidade Federal de Minas Gerais - 2 Bolsistas
Instituições de Destino	Universität zu Köln e Universität München (Ludwig-Maximilians) - 3 Bolsistas
	Technische Universität Berlin - 2 Bolsistas

Dados Referentes ao CNPq	Área 7 - Ciências Humanas
Instituições de Origem	Universidade de Brasília, Universidade de São Paulo e Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - 4 Bolsistas
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal de Santa Catarina - 3 Bolsistas
	Universidade do Rio Grande do Norte - 2 Bolsistas
Instituições de Destino	Freie Universität Berlin e Universität München (Ludwig-Maximilians) - 4 Bolsistas
	Universität Tübingen, Universität Frankfurt (Johann-Wolfgang-Goethe), Universität Bielefeld e Universität Konstanz - 3 Bolsistas

Dados Referentes ao CNPq	Área 8 - Lingüística, Letras e Artes
Instituições de Origem	Fundação de Educação Artística - 2 Bolsistas
Instituições de Destino	Universität Tübingen (Eberhard-Karls) e Staatliche Hochschule für Musik – Rheinland - 2 Bolsistas

Anexo 25

Dados Referentes a CAPES	Área 1 - Ciências Exatas e da Terra
Instituições de Origem	Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Estadual de Campinas - 6 Bolsistas
	Universidade de São Paulo e Universidade Federal do Rio de Janeiro - 4 Bolsistas
	Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal Fluminense - 2 Bolsistas
Instituições de Destino	Eberhard-Karls-Universität Tübingen - 5 Bolsistas
	Technische Universität Berlin, Max-Planck-Institut, Johann Wolfgang Goethe Universität Frankfurt e Friedrich-Alexander-Univ.Erlangen-Nürnberg - 3 Bolsistas

Dados Referentes a CAPES	Área 2 - Ciências Biológicas
Instituições de Origem	Universidade de São Paulo - 4 Bolsistas
	Universidade Federal do Rio de Janeiro - 3 Bolsistas
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Universidade de Brasília - 2 Bolsistas
Instituições de Destino	Eberhard-Karls-Universität Tübingen - 7 Bolsistas
	Freie Universität Berlin e Universität Bochum - 2 Bolsistas

Dados Referentes a CAPES	Área 3 - Engenharias
Instituições de Origem	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - 9 Bolsistas
	Universidade Federal do Rio de Janeiro - 7 Bolsistas
	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - 6 Bolsistas
Instituições de Destino	Universität Stuttgart - 7 Bolsistas
	Rheinisch-Westfälische Techn.Hochschu.Aachen - 5 Bolsistas
	Technische Universität - Berlin, Universität Hamburg e Universität Kaiserslautern - 3 Bolsistas

Dados Referentes a CAPES	Área 4 - Ciências da Saúde
Instituições de Origem	Universidade de São Paulo e Universidade Federal do Rio Grande do Sul - 6 Bolsistas
	Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal de Minas Gerais - 3 Bolsistas
	Universidade Federal de São Paulo e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) - 2 Bolsistas
Instituições de Destino	Freie Universität Berlin e Johannes-Gutenberg-Universität Mainz - 4 Bolsistas
	Medizinische Hochschule Hannover e Albert-Ludwigs-Universität Freiburg - 3 Bolsistas
	Universität Bonn e Universität Konstanz - 2 Bolsistas

Dados Referentes a CAPES	Área 5 - Ciências Agrárias
Instituições de Origem	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - 4 Bolsistas
	Universidade Federal de Santa Maria - 3 Bolsistas
	Universidade de São Paulo - 2 Bolsistas
Instituições de Destino	Tierärztliche Hochschule Hannover - 6 Bolsistas
	Medizinische Hochschule Hannover e Technische Universität - Berlin - 2 Bolsistas

Dados Referentes a CAPES	Área 6 - Ciências Sociais Aplicadas
Instituições de Origem	Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Paraná - 4 Bolsistas
	Universidade de São Paulo - 3 Bolsistas
Instituições de Destino	Universität Stuttgart - 3 Bolsistas
	Technische Universität - Berlin e Eberhard-Karls-Universität Tübingen - 2 Bolsistas
	Johann Wolfgang Goethe Universität Frankfurt e Westfälische Wilhelms-Universität Münster - 1 Bolsista

Dados Referentes a CAPES	Área 7 - Ciências Humanas
Instituições de Origem	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - 10 Bolsistas
	Universidade de São Paulo e Universidade Federal do Rio de Janeiro - 6 Bolsistas
	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Universidade de Brasília - 3 Bolsistas
Instituições de Destino	Freie Universität Berlin - 7 Bolsistas
	Westfälische Wilhelms-Universität Munster, Universität Hamburg, Universität Bielefeld e Eberhard-Karls-Universität Tübingen - 4 Bolsistas
	Universität Kassel - 3 Bolsistas

Dados Referentes a CAPES	Área 8 - Lingüística, Letras e Artes
Instituições de Origem	Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade de Brasília e Universidade de São Paulo - 3 Bolsistas
Instituições de Destino	Staatliche Hochschule Für Musik Karlsruhe - 12 Bolsistas
	Staatliche Hochschule Für Musik In Stuttgart - 4 Bolsistas
	Staatliche Hochschule Für Mus.Rheinland-Köln e Freie Universität Berlin - 2 Bolsistas

Anexo 26

Dados Referentes a FAPESP	Área 1 - Ciências Exatas e da Terra
Instituições de Origem	Universidade Estadual de Campinas - 10 Bolsistas
	Universidade de São Paulo - 6 Bolsistas
	Universidade Estadual Paulista - 2 Bolsistas
Instituições de Destino	Universität Karlsruhe - 3 Bolsistas
	Walter Schottky Institute e Hahn Meitner Institut - 2 Bolsistas

Dados Referentes a FAPESP	Área 2 - Ciências Biológicas
Instituições de Origem	Universidade de São Paulo - 6 Bolsistas
	Instituição Criança (Sssp) - 5 Bolsistas
	Escola Paulista de Medicina - 4 Bolsistas
Instituições de Destino	Max Planck Institut fur Immunbiologie e Max –Planck Institut fur Biophysikalsche Chemie e Universität Munchen - 3 Bolsistas
	Universität Heidelberg - 2 Bolsistas

Dados Referentes a FAPESP	Área 3 - Engenharias
Instituições de Origem	Centro de Tecnologia Avançada - 3 Bolsistas
	Universidade de São Paulo - 2 Bolsistas
Instituições de Destino	Deutsche Forschungsanstalt fur Luft und Raumfahrt - 2 Bolsistas

Dados Referentes a FAPESP	Área 4 - Ciências da Saúde
Instituições de Origem	Universidade de São Paulo - 2 Bolsistas
	Universidade Estadual de Campinas e Escola Paulista de Medicina - 1 Bolsista
Instituições de Destino	Universität Heidelberg - 2 Bolsistas

Dados Referentes a FAPESP	Área 5 - Ciências Agrárias
Instituições de Origem	Universidade de São Paulo - 4 Bolsistas
	Universidade Estadual de Campinas - 1 Bolsista
Instituições de Destino	O fluxo aqui se encontra mais heterogêneo

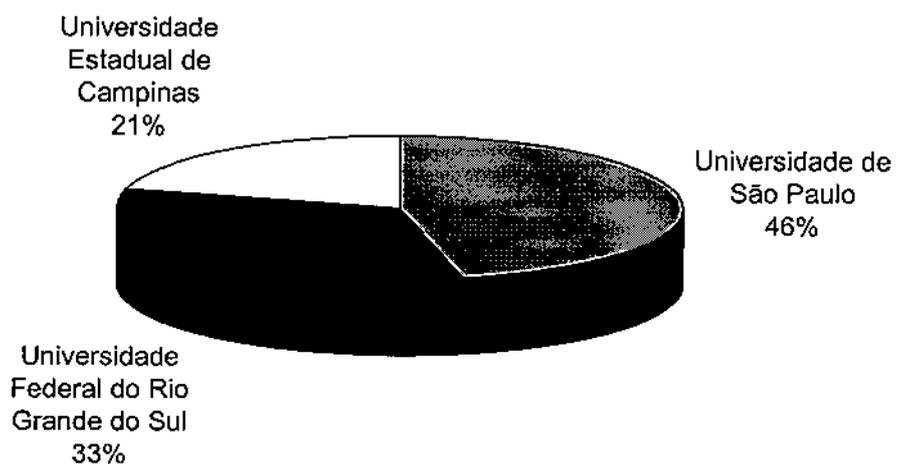
Dados Referentes a FAPESP	Área 6 - Ciências Sociais Aplicadas
Instituições de Origem	Universidade de São Paulo - 4 Bolsistas
	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - 2 Bolsistas
	Escola Paulista de Medicina - 1 Bolsista
Instituições de Destino	O fluxo aqui se encontra mais heterogêneo

Dados Referentes a FAPESP	Área 7 - Ciências Humanas
Instituições de Origem	Universidade de São Paulo - 4 Bolsistas
	Universidade Estadual de Campinas - 3 Bolsistas
	Escola Paulista de Medicina - 2 Bolsistas
Instituições de Destino	Freie Universitat Berlin - 4 Bolsistas

Dados Referentes a FAPESP	Área 8 - Lingüística, Letras e Artes
Instituições de Origem	Universidade de São Paulo - 1 Bolsista
Instituições de Destino	O fluxo aqui se encontra mais heterogêneo

Anexo 27 - Gráficos com o fluxo total de bolsistas do CNPq, CAPES E FAPESP referente as Instituições de Origem e de Destino.

Representação do fluxo de Origem dos bolsistas para a Alemanha segundo as universidades mais representadas em termos de envio de bolsistas do CNPq, CAPES e FAPESP no período de 1984 a 2000



Anexo 28

Representação do fluxo de Destino dos bolsistas para a Alemanha segundo as universidades mais representadas em termos de acolhimento de bolsistas do CNPq, CAPES e FAPESP no período de 1984 a 2000

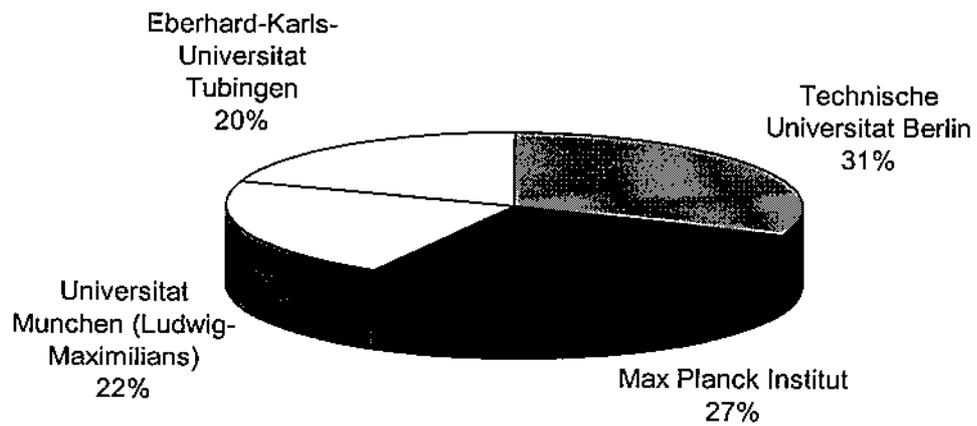


TABELA DE ÁREAS E SUB-ÁREAS DO CONHECIMENTO
--

(Anexo 29 - Referente a FAPESP)

<p>1.00.00.00-3 CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA</p> <p>1.01.99.00-4 Matemática 1.01.01.00-4 Álgebra 1.01.02.00-0 Análise 1.01.03.00-7 Geometria e Topologia 1.01.04.00-3 Matemática Aplicada</p> <p>1.02.99.00-9 Probabilidade e Estatística 1.02.01.00-9 Probabilidade 1.02.02.00-5 Estatística 1.02.03.00-1 Probabilidade e Estatística Aplicadas</p> <p>1.03.99.00-3 Ciência da Computação 1.03.01.00-3 Teoria da Computação 1.03.02.00-0 Matemática da Computação 1.03.03.00-6 Metodologia e Técnicas da Computação 1.03.04.00-2 Sistemas de Computação</p> <p>1.04.99.00-8 Astronomia 1.04.01.00-8 Astronomia de Posição e Mecânica Celeste 1.04.02.00-4 Astrofísica Estelar 1.04.03.00-0 Astrofísica do Meio Interestelar 1.04.04.00-7 Astrofísica Extragaláctica 1.04.05.00-3 Astronomia do Sistema Solar 1.04.06.00-0 Instrumentação Astronômica</p> <p>1.05.99.00-2 Física 1.05.01.00-2 Física Geral 1.05.02.00-9 Áreas Clássicas de Fenomenologia e suas Aplicações 1.05.03.00-5 Física das Partículas Elementares e Campos 1.05.04.00-1 Física Nuclear 1.05.05.00-8 Física Atômica e Molecular 1.05.06.00-4 Física dos Fluidos, Física de Plasmas e Descargas Elétricas 1.05.07.00-0 Física da Matéria Condensada</p> <p>1.06.99.00-7 Química 1.06.01.00-7 Química Orgânica 1.06.02.00-3 Química Inorgânica 1.06.03.00-0 Físico-química</p>	<p>1.06.04.00-6 Química Analítica</p> <p>1.07.99.00-1 Geociências 1.07.01.00-1 Geologia 1.07.02.00-8 Geofísica 1.07.03.00-4 Meteorologia 1.07.04.00-0 Geodésia 1.07.05.00-7 Geografia Física</p> <p>1.08.99.00-6 Oceanografia 1.08.01.00-6 Oceanografia Biológica 1.08.02.00-2 Oceanografia Física 1.08.03.00-9 Oceanografia Química 1.08.04.00-5 Oceanografia Geológica</p> <p>2.00.00.00-6 CIÊNCIAS BIOLÓGICAS</p> <p>2.01.99.00-7 Biologia Geral</p> <p>2.02.99.00-1 Genética 2.02.01.00-1 Genética Quantitativa 2.02.02.00-8 Genética Molecular e de Microorganismos 2.02.03.00-4 Genética Vegetal 2.02.04.00-0 Genética Animal 2.02.05.00-7 Genética Humana e Médica 2.02.06.00-3 Mutagenese</p> <p>2.03.99.00-6 Botânica 2.03.01.00-6 Paleobotânica 2.03.02.00-2 Morfologia Vegetal 2.03.03.00-9 Fisiologia Vegetal 2.03.04.00-5 Taxonomia Vegetal 2.03.05.00-1 Fitogeografia 2.03.06.00-8 Botânica Aplicada</p> <p>2.04.99.00-0 Zoologia 2.04.01.00-0 Paleozoologia 2.04.02.00-7 Morfologia dos Grupos Recentes 2.04.03.00-3 Fisiologia dos Grupos Recentes 2.04.04.00-0 Comportamento Animal 2.04.05.00-6 Taxonomia dos Grupos Recentes 2.04.06.00-2 Zoologia Aplicada</p>
---	--

TABELA DE ÁREAS E SUB-ÁREAS DO CONHECIMENTO

(Anexo 29 - Referente a FAPESP)

2.05.99.00-5 Ecologia	2.11.04.00-0 Imunologia Aplicada
2.05.01.00-5 Ecologia Teórica	2.12.99.00-5 Microbiologia
2.05.02.00-1 Ecologia de Ecossistemas	2.12.01.00-5 Biologia e Fisiologia dos Microorganismos
2.05.03.00-8 Ecologia Aplicada	2.12.02.00-1 Microbiologia Aplicada
2.06.99.00-0 Morfologia	2.13.99.00-0 Parasitologia
2.05.01.00-0 Citologia e Biologia Celular	2.13.01.00-0 Protozoologia de Parasitos
2.06.02.00-6 Embriologia	2.13.02.00-6 Helmintologia de Parasitos
2.06.03.00-2 Histologia	2.13.03.00-2 Entomologia e Malacologia de Parasitos e Vetores
2.06.04.00-9 Anatomia	2.14.99.00-4 Outros (Biologia)
2.07.99.00-4 Fisiologia	3.00.00.00-9 ENGENHARIAS
2.07.01.00-4 Fisiologia Geral	3.01.99.00-0 Engenharia Civil
2.07.02.00-0 Fisiologia de Órgãos e Sistemas	3.01.01.00-0 Construção Civil
2.07.03.00-7 Fisiologia do Esforço	3.01.02.00-6 Estruturas
2.07.04.00-3 Fisiologia Comparada	3.01.03.00-2 Geotécnica
2.08.99.00-9 Bioquímica	3.01.04.00-9 Engenharia Hidráulica
2.08.01.00-9 Química de Macromoléculas	3.01.05.00-5 Infra-estrutura de Transportes
2.08.02.00-5 Bioquímica de Microorganismos	3.02.99.00-4 Engenharia de Minas
2.08.03.00-1 Metabolismo e Bioenergética	3.02.01.00-4 Pesquisa Mineral
2.08.04.00-8 Biologia Molecular	3.02.02.00-0 Lavra
2.08.05.00-4 Enzimologia	3.02.03.00-7 Tratamento de Minérios
2.09.99.00-3 Biofísica	3.03.99.00-9 Engenharia de Materiais e Metalúrgica
2.09.01.00-3 Biofísica Molecular	3.03.01.00-9 Instalações e Equipamentos Metalúrgicos
2.09.02.00-0 Biofísica Celular	3.03.02.00-5 Metalurgia Extrativa
2.09.03.00-6 Biofísica de Processos e Sistemas	3.03.03.00-1 Metalurgia de Transformação
2.09.04.00-2 Radiologia e Fotobiologia	3.03.04.00-8 Metalurgia Física
2.10.99.00-6 Farmacologia	3.03.05.00-4 Materiais Não-metálicos
2.10.01.00-6 Farmacologia Geral	3.04.99.00-3 Engenharia Elétrica
2.10.02.00-2 Farmacologia Autônoma	3.04.01.00-3 Materiais Elétricos
2.10.03.00-9 Neuropsicofarmacologia	3.04.02.00-0 Medidas Elétricas, Magnéticas e Eletrônicas, Instrumentação
2.10.04.00-5 Farmacologia Cardiorenal	3.04.03.00-6 Circuitos Elétricos, Magnéticos e Eletrônicos
2.10.05.00-1 Farmacologia Bioquímica e Molecular	
2.10.06.00-8 Etnofarmacologia	
2.10.07.00-4 Toxicologia	
2.10.08.00-0 Farmacologia Clínica	
2.11.99.00-0 Imunologia	
2.11.01.00-0 Imunoquímica	
2.11.02.00-7 Imunologia Celular	
2.11.03.00-3 Imunogenética	

TABELA DE ÁREAS E SUB-ÁREAS DO CONHECIMENTO
--

(Anexo 29 - Referente a FAPESP)

3.04.04.00-2	Sistemas Elétricos de Potência		
3.04.05.00-9	Eletrônica Industrial, Sistemas e Controles Eletrônicos	3.11.01.00-3	Oceânica Hidrodinâmica de Navios e Sistemas Oceânicos
3.04.06.00-5	Telecomunicações	3.11.02.00-0	Estruturas Navais e Oceânicas
3.05.99.00-8	Engenharia Mecânica	3.11.03.00-6	Máquinas Marítimas
3.05.01.00-8	Fenômenos de Transportes	3.11.04.00-2	Projeto de Navios e de Sistemas Oceânicos
3.05.02.00-4	Engenharia Térmica	3.11.05.00-9	Tecnologia de Construção Naval e de Sistemas Oceânicos
3.05.03.00-0	Mecânica dos Sólidos		
3.05.04.00-7	Projetos de Máquinas		
3.05.05.00-3	Processos de Fabricação		
3.06.99.00-2	Engenharia Química	3.12.99.00-8	Engenharia Aeroespacial
3.06.01.00-2	Processos Industriais de Engenharia Química	3.12.01.00-8	Aerodinâmica
3.06.02.00-9	Operações Industriais e Equipamentos para Engenharia Química	3.12.02.00-4	Dinâmica de Vôo
3.06.03.00-5	Tecnologia Química	3.12.03.00-0	Estruturas Aeroespaciais
		3.12.04.00-7	Materiais e Processos para Engenharia Aeronáutica, Aeroespacial
		3.12.05.00-3	Propulsão Aeroespacial
		3.12.06.00-0	Sistemas Aeroespaciais
3.07.99.00-7	Engenharia Sanitária	3.13.99.00-2	Engenharia Biomédica
3.07.01.00-7	Recursos Hídricos	3.13.01.00-2	Bioengenharia
3.07.02.00-3	Tratamentos de Águas de Abastecimento e Residuárias	3.13.02.00-9	Engenharia Médica
3.07.03.00-0	Saneamento Básico		
3.07.04.00-6	Saneamento Ambiental	3.14.99.00-7	Outros (Engenharia)
3.08.99.00-1	Engenharia de Produção	4.00.00.00-1	CIÊNCIAS DA SAÚDE
3.08.01.00-1	Gerência de Produção	4.01.99.00-2	Medicina
3.08.02.00-8	Pesquisa Operacional	4.01.01.00-2	Clínica Médica
3.08.03.00-4	Engenharia do Produto	4.01.02.00-9	Cirurgia
3.08.04.00-0	Engenharia Econômica	4.01.03.00-5	Saúde Materno-infantil
3.09.99.00-6	Engenharia Nuclear	4.01.04.00-1	Psiquiatria
3.09.01.00-6	Aplicações de Radioisótopos	4.01.05.00-8	Anatomia Patológica e Patologia Clínica
3.09.02.00-2	Fusão Controlada	4.01.06.00-4	Radiologia Médica
3.09.03.00-9	Combustível Nuclear	4.01.07.00-0	Medicina Legal e Deontologia
3.09.04.00-5	Tecnologia dos Reatores	4.02.99.00-7	Odontologia
3.10.99.00-9	Engenharia de Transportes	4.02.01.00-7	Clínica Odontológica
3.10.01.00-9	Planejamento de Transportes	4.02.02.00-3	Cirurgia Buco-maxilo-facial
3.10.02.00-5	Veículos e Equipamentos de Controle	4.02.03.00-0	Ortodontia
3.10.03.00-1	Operações de Transportes	4.02.04.00-6	Odontopediatria
3.11.99.00-3	Engenharia Naval e	4.02.05.00-2	Periodontia
		4.02.06.00-9	Endodontia

TABELA DE ÁREAS E SUB-ÁREAS DO CONHECIMENTO
--

(Anexo 29 - Referente a FAPESP)

<p>4.02.07.00-5 Radiologia Odontológica 4.02.08.00-1 Odontologia Social e Preventiva 4.02.09.00-8 Materiais Odontológicos</p> <p>4.03.99.00-1 Farmácia 4.03.01.00-1 Farmacotecnia 4.03.02.00-8 Farmacognosia 4.03.03.00-4 Análise Toxicológica 4.03.04.00-0 Análise e Controle de Medicamentos 4.03.05.00-7 Bromatologia</p> <p>4.04.99.00-6 Enfermagem 4.04.01.00-6 Enfermagem Médico-cirúrgica 4.04.02.00-2 Enfermagem Obstétrica 4.04.03.00-9 Enfermagem Pediátrica 4.04.04.00-5 Enfermagem Psiquiátrica 4.04.05.00-1 Enfermagem de Doenças Contagiosas 4.04.06.00-8 Enfermagem de Saúde Pública</p> <p>4.05.99.00-0 Nutrição 4.05.01.00-0 Bioquímica da Nutrição 4.05.02.00-7 Dietética 4.05.03.00-3 Análise Nutricional de População 4.05.04.00-0 Desnutrição e Desenvolvimento Fisiológico</p> <p>4.06.99.00-5 Saúde Coletiva 4.06.01.00-5 Epidemiologia 4.06.02.00-1 Saúde Pública 4.06.03.00-8 Medicina Preventiva</p> <p>4.07.99.00-0 Fonoaudiologia</p> <p>4.08.99.00-4 Fisioterapia e Terapia Ocupacional</p> <p>4.09.99.00-9 Educação Física</p> <p>5.00.00.00-4 CIÊNCIAS AGRÁRIAS</p> <p>5.01.99.00-5 Agronomia 5.01.01.00-5 Ciência do Solo 5.01.02.00-1 Fitossanidade 5.01.03.00-8 Fitotecnia</p>	<p>5.01.04.00-4 Floricultura, Parques e Jardins 5.01.05.00-0 Agrometeorologia 5.01.06.00-7 Extensão Rural</p> <p>5.02.99.00-0 Recursos Florestais e Engenharia Florestal 5.02.01.00-0 Silvicultura 5.02.02.00-6 Manejo Florestal 5.02.03.00-2 Técnicas e Operações Florestais 5.02.04.00-9 Tecnologia e Utilização de Produtos Florestais 5.02.05.00-5 Conservação da Natureza 5.02.06.00-1 Energia de Biomassa Florestal</p> <p>5.03.99.00-4 Engenharia Agrícola 5.03.01.00-4 Máquinas e Implementos Agrícolas 5.03.02.00-0 Engenharia de Água e Solo 5.03.03.00-7 Engenharia de Processamento de Produtos Agrícolas 5.03.04.00-3 Construções Rurais e Ambiência 5.03.05.00-0 Energização Rural</p> <p>5.04.99.00-9 Zootecnia 5.04.01.00-9 Ecologia dos Animais Domésticos e Etologia 5.04.02.00-5 Genética e Melhoramento dos Animais Domésticos 5.04.03.00-1 Nutrição e Alimentação Animal 5.04.04.00-8 Pastagens e Forragicultura 5.04.05.00-4 Produção Animal</p> <p>5.05.99.00-3 Medicina Veterinária 5.05.01.00-3 Clínica e Cirurgia Animal 5.05.02.00-0 Medicina Veterinária Preventiva 5.05.03.00-6 Patologia Animal 5.05.04.00-2 Reprodução Animal 5.05.05.00-9 Inspeção de Produtos de Origem Animal</p>
---	--

TABELA DE ÁREAS E SUB-ÁREAS DO CONHECIMENTO
--

(Anexo 29 - Referente a FAPESP)

	Recursos Naturais
5.06.99.00-8 Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca	6.04.99.00-1 Arquitetura e Urbanismo
5.06.01.00-8 Recursos Pesqueiros Marinhos	6.04.01.00-1 Fundamentos de Arquitetura e Urbanismo
5.06.02.00-4 Recursos Pesqueiros de Águas Interiores	6.04.02.00-8 Projeto de Arquitetura e Urbanismo
5.06.03.00-0 Aquicultura	6.04.03.00-4 Tecnologia de Arquitetura e Urbanismo
5.06.04.00-7 Engenharia de Pesca	6.04.04.00-0 Paisagismo
5.07.99.00-2 Ciência e Tecnologia de Alimentos	6.05.99.00-6 Planejamento Urbano e Regional
5.07.01.00-2 Ciência de Alimentos	6.05.01.00-6 Fundamentos do Planejamento Urbano e Regional
5.07.02.00-9 Tecnologia de Alimentos	6.05.02.00-2 Métodos e Técnicas do Planejamento Urbano e Regional
5.07.03.00-5 Engenharia de Alimentos	6.05.03.00-9 Serviços Urbanos e Regionais
6.00.00.00-7 CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	6.06.99.00-0 Demografia
6.01.99.00-8 Direito	6.06.01.00-0 Distribuição Espacial
6.01.01.00-8 Teoria do Direito	6.06.02.00-7 Tendência Populacional
6.01.02.00-4 Direito Público	6.06.03.00-3 Componentes da Dinâmica Demográfica
6.01.03.00-0 Direito Privado	6.06.04.00-0 Nupcialidade e Família
6.01.04.00-7 Direitos Especiais	6.06.05.00-6 Demografia Histórica
6.02.99.00-2 Administração	6.06.06.00-2 Política Pública e População
6.02.01.00-2 Administração de Empresas	6.06.07.00-9 Fontes de Dados Demográficos
6.02.02.00-9 Administração Pública	6.07.99.00-5 Ciência da Informação
6.02.03.00-5 Administração de Setores Específicos	6.07.01.00-5 Teoria da Informação
6.02.04.00-1 Ciências Contábeis	6.07.02.00-1 Biblioteconomia
6.03.99.00-7 Economia	6.07.03.00-8 Arquivologia
6.03.01.00-7 Teoria Econômica	6.08.99.00-0 Museologia
6.03.02.00-3 Métodos Quantitativos em Economia	6.09.99.00-4 Comunicação
6.03.03.00-0 Economia Monetária e Fiscal	6.09.01.00-4 Teoria da Comunicação
6.03.04.00-6 Crescimento, Flutuações e Planejamento Econômico	6.09.02.00-0 Jornalismo e Editoração
6.03.05.00-2 Economia Internacional	6.09.03.00-7 Rádio e Televisão
6.03.06.00-9 Economia dos Recursos Humanos	6.09.04.00-3 Relações Públicas e Propaganda
6.03.07.00-5 Economia Industrial	
6.03.08.00-1 Economia do Bem-estar Social	
6.03.09.00-8 Economia Regional e Urbana	
6.03.10.00-6 Economias Agrária e dos	

TABELA DE ÁREAS E SUB-ÁREAS DO CONHECIMENTO

(Anexo 29 - Referente a FAPESP)

6.09.05.00-0	Comunicação Visual	7.05.99.00-9	História
6.10.99.00-7	Serviço Social	7.05.01.00-9	Teoria e Filosofia da História
6.10.01.00-7	Fundamentos do Serviço Social	7.05.02.00-5	História Antiga e Medieval
6.10.02.00-3	Serviço Social Aplicado	7.05.03.00-1	História Moderna e Contemporânea
6.11.99.00-1	Economia Doméstica	7.05.04.00-8	História da América
6.12.99.00-6	Desenho Industrial	7.05.05.00-4	História do Brasil
6.12.01.00-6	Programação Visual	7.05.06.00-0	História das Ciências
6.12.02.00-2	Desenho de Produto	7.06.99.00-3	Geografia
6.13.99.00-0	Turismo	7.06.01.00-3	Geografia Humana
		7.06.02.00-0	Geografia Regional
7.00.00.00-0	CIÊNCIAS HUMANAS	7.07.99.00-8	Psicologia
7.01.99.00-0	Filosofia	7.07.01.00-8	Fundamentos e Medidas da Psicologia
7.01.01.00-0	História da Filosofia	7.07.02.00-4	Psicologia Experimental
7.01.02.00-7	Metafísica	7.07.03.00-0	Psicologia Fisiológica
7.01.03.00-3	Lógica	7.07.04.00-7	Psicologia Comparativa
7.01.04.00-0	Ética	7.07.05.00-3	Psicologia Social
7.01.05.00-6	Epistemologia	7.07.06.00-0	Psicologia Cognitiva
7.01.06.00-2	Filosofia Brasileira	7.07.07.00-6	Psicologia do Desenvolvimento Humano
7.02.99.00-5	Sociologia	7.07.08.00-2	Psicologia do Ensino e da Aprendizagem
7.02.01.00-5	Fundamentos da Sociologia	7.07.09.00-9	Psicologia do Trabalho e Organizacional
7.02.02.00-1	Sociologia do Conhecimento	7.07.10.00-7	Tratamento e Prevenção Psicológica
7.02.03.00-8	Sociologia do Desenvolvimento	7.08.99.00-2	Educação
7.02.04.00-4	Sociologia Urbana	7.08.01.00-2	Fundamentos da Educação
7.02.05.00-0	Sociologia Rural	7.08.02.00-9	Administração Educacional
7.02.06.00-7	Sociologia da Saúde	7.08.03.00-5	Planejamento e Avaliação Educacional
7.02.07.00-3	Outras Sociologias Específicas	7.08.04.00-1	Ensino-aprendizagem
7.03.99.00-0	Antropologia	7.08.05.00-8	Currículo
7.03.01.00-0	Teoria Antropológica	7.08.06.00-4	Orientação e Aconselhamento
7.03.02.00-6	Etnologia Indígena	7.08.07.00-0	Tópicos Específicos de Educação
7.03.03.00-2	Antropologia Urbana	7.09.99.00-7	Ciência Política
7.03.04.00-9	Antropologia Rural	7.09.01.00-7	Teoria Política
7.03.05.00-5	Antropologia das Populações Afro-brasileiras	7.09.02.00-3	Estado e Governo
7.04.99.00-4	Arqueologia		
7.04.01.00-4	Teoria e Método em Arqueologia		
7.04.02.00-0	Arqueologia Pré-histórica		
7.04.03.00-7	Arqueologia Histórica		

TABELA DE ÁREAS E SUB-ÁREAS DO CONHECIMENTO
--

(Anexo 29 - Referente a FAPESP)

- 7.09.03.00-0 Comportamento Político
- 7.09.04.00-6 Políticas Públicas
- 7.09.05.00-2 Política Internacional

7.10.99.00-0 Teologia

- 7.10.01.00-0 História da Teologia
- 7.10.02.00-6 Teologia Moral
- 7.10.03.00-2 Teologia Sistemática
- 7.10.04.00-9 Teologia Pastoral

**8.00.00.00-2 LINGÜÍSTICA, LETRAS E
ARTES**

8.01.99.00-3 Linguística

- 8.01.01.00-3 Teoria e Análise Linguística
- 8.01.02.00-0 Filosofia da Linguagem
- 8.01.03.00-6 Linguística Histórica
- 8.01.04.00-2 Sociolinguística e Dialetologia
- 8.01.05.00-9 Psicolinguística
- 8.01.06.00-5 Linguística Aplicada

8.02.99.00-8 Letras

- 8.02.01.00-8 Língua Portuguesa
- 8.02.02.00-4 Línguas Estrangeiras Modernas
- 8.02.03.00-0 Línguas Clássicas
- 8.02.04.00-7 Línguas Indígenas
- 8.02.05.00-3 Teoria Literária
- 8.02.06.00-0 Literatura Brasileira
- 8.02.07.00-6 Outras Literaturas Vernáculas
- 8.02.08.00-2 Literaturas Estrangeiras Modernas
- 8.02.09.00-9 Literaturas Clássicas
- 8.02.10.00-7 Literatura Comparada

8.03.99.00-2 Artes

- 8.03.01.00-2 Fundamentos e Crítica das Artes
- 8.03.02.00-9 Artes Plásticas
- 8.03.03.00-5 Música
- 8.03.04.00-1 Dança
- 8.03.05.00-8 Teatro
- 8.03.06.00-4 Ópera
- 8.03.07.00-0 Fotografia
- 8.03.08.00-7 Cinema
- 8.03.09.00-3 Artes do Vídeo
- 8.03.10.00-1 Educação Artística



FUNDAÇÃO COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR
Coordenadoria Executiva das Atividades Colegiadas e de Consultorias

(Anexo 30 - Referente ao CAPES e ao CNPq)

10000003

CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA

10100008

MATEMÁTICA

- 10101004 **ÁLGEBRA**
- 10101012 **CONJUNTOS**
- 10101020 **LÓGICA MATEMÁTICA**
- 10101039 **TEORIA DOS NÚMEROS**
- 10101047 **GRUPO DE ÁLGEBRA NÃO COMUTATIVA**
- 10101055 **ÁLGEBRA COMUTATIVA**
- 10101063 **GEOMETRIA ALGÉBRICA**
- 10102000 **ANÁLISE**
- 10102019 **ANÁLISE COMPLEXA**
- 10102027 **ANÁLISE FUNCIONAL**
- 10102035 **ANÁLISE FUNCIONAL NÃO-LINEAR**
- 10102043 **EQUAÇÕES DIFERENCIAIS ORDINÁRIAS**
- 10102051 **EQUAÇÕES DIFERENCIAIS PARCIAIS**
- 10102060 **EQUAÇÕES DIFERENCIAIS FUNCIONAIS**
- 10103007 **GEOMETRIA E TOPOLOGIA**
- 10103015 **GEOMETRIA DIFERENCIAL**
- 10103023 **TOPOLOGIA ALGÉBRICA**
- 10103031 **TOPOLOGIA DAS VARIEDADES**
- 10103040 **SISTEMAS DINÂMICOS**
- 10103058 **TEORIA DAS SINGULARIDADES E TEORIA DAS CATÁSTROFES**
- 10103066 **TEORIA DAS FOLHEAÇÕES**
- 10104003 **MATEMÁTICA APLICADA**
- 10104011 **FÍSICA MATEMÁTICA**
- 10104020 **ANÁLISE NUMÉRICA**
- 10104038 **MATEMÁTICA DISCRETA E COMBINATÓRIA**

10200002

PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA

10201009

PROBABILIDADE

10201017 TEORIA GERAL E FUNDAMENTOS DA PROBABILIDADE
10201025 TEORIA GERAL E PROCESSOS ESTOCÁSTICOS
10201033 TEOREMAS DE LIMITE
10201041 PROCESSOS MARKOVIANOS
10201050 ANÁLISE ESTOCÁSTICA
10201068 PROCESSOS ESTOCÁSTICOS ESPECIAIS
10202005 ESTATÍSTICA
10202013 FUNDAMENTOS DA ESTATÍSTICA
10202021 INFERÊNCIA PARAMÉTRICA
10202030 INFERÊNCIA NÃO-PARAMÉTRICA
10202048 INFERÊNCIA EM PROCESSOS ESTOCÁSTICOS
10202056 ANÁLISE MULTIVARIADA
10202064 REGRESSÃO E CORRELAÇÃO
10202072 PLANEJAMENTO DE EXPERIMENTOS
10202080 ANÁLISE DE DADOS
10203001 PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA APLICADAS

10300007

CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

10301003 TEORIA DA COMPUTAÇÃO
10301011 COMPUTABILIDADE E MODELOS DE COMPUTAÇÃO
10301020 LINGUAGEM FORMAIS E AUTÔMATOS
10301038 ANÁLISE DE ALGORITMOS E COMPLEXIDADE DE COMPUTAÇÃO
10301046 LÓGICAS E SEMÂNTICA DE PROGRAMAS
10302000 MATEMÁTICA DA COMPUTAÇÃO
10302018 MATEMÁTICA SIMBÓLICA
10302026 MODELOS ANALÍTICOS E DE SIMULAÇÃO
10303006 METODOLOGIA E TÉCNICAS DA COMPUTAÇÃO
10303014 LINGUAGENS DE PROGRAMAÇÃO
10303022 ENGENHARIA DE SOFTWARE
10303030 BANCO DE DADOS
10303049 SISTEMAS DE INFORMAÇÃO
10303057 PROCESSAMENTO GRÁFICO (GRAPHICS)
10304002 SISTEMAS DE COMPUTAÇÃO
10304010 HARDWARE
10304029 ARQUITETURA DE SISTEMAS DE COMPUTAÇÃO
10304037 SOFTWARE BÁSICO
10304045 TELEINFORMÁTICA

10400001	ASTRONOMIA
10401008	ASTRONOMIA DE POSIÇÃO E MECÂNICA CELESTE
10401016	ASTRONOMIA FUNDAMENTAL
10401024	ASTRONOMIA DINÂMICA
10402004	ASTROFÍSICA ESTELAR
10403000	ASTROFÍSICA DO MEIO INTERESTELAR
10403019	MEIO INTERESTELAR
10403027	NEBULOSA
10404007	ASTROFÍSICA EXTRAGALÁTICA
10404015	GALÁXIAS
10404023	AGLOMERADOS DE GALÁXIAS
10404031	QUASARES
10404040	COSMOLOGIA
10405003	ASTROFÍSICA DO SISTEMA SOLAR
10405011	FÍSICA SOLAR
10405020	MOVIMENTO DA TERRA
10405038	SISTEMA PLANETÁRIO
10406000	INSTRUMENTAÇÃO ASTRONÔMICA
10406018	ASTRONOMIA ÓTICA
10406026	RADIOASTRONOMIA
10406034	ASTRONOMIA ESPACIAL
10406042	PROCESSAMENTO DE DADOS ASTRONÔMICOS

10500006	FÍSICA
10501002	FÍSICA GERAL
10501010	MÉTODOS MATEMÁTICOS DA FÍSICA
10501029	FÍSICA CLÁSSICA E FÍSICA QUÂNTICA; MECÂNICA E CAMPOS
10501037	RELATIVIDADE E GRAVITAÇÃO
10501045	FÍSICA ESTATÍSTICA E TERMODINÂMICA
10501053	METROLOGIA, TÉCNICAS GERAIS DE LABORATÓRIO E SISTEMA DE INSTRUMENTAÇÃO
10501061	INSTRUMENTAÇÃO ESPECÍFICA DE USO GERAL EM FÍSICA
10502009	ÁREAS CLÁSSICAS DE FENOMENOLOGIA E SUAS APLICAÇÕES
10502017	ELETRICIDADE E MAGNETISMO; CAMPOS E PARTÍCULAS CARREGADAS
10502025	ÓTICA
10502033	ACÚSTICA
10502041	TRANSFERÊNCIA DE CALOR, PROCESSOS TÉRMICOS E TERMODINÂMICOS

10502050 MECÂNICA, ELASTICIDADE E REOLOGIA
10502068 DINÂMICA DOS FLUÍDOS
10503005 FÍSICA DAS PARTÍCULAS ELEMENTARES E CAMPOS
10503013 TEORIA GERAL DE PARTÍCULAS E CAMPOS
10503021 TEORIAS ESPECÍFICAS E MODELOS DE INTERAÇÃO; SISTEMÁTICA DE
PARTÍCULAS; RAIOS CÓSMICOS
10503030 REAÇÕES ESPECÍFICAS E FENOMIOLOGIA DE PARTÍCULAS
10503048 PROPRIEDADES DE PARTÍCULAS ESPECÍFICAS E RESSONÂNCIAS
10504001 FÍSICA NUCLEAR
10504010 ESTRUTURA NUCLEAR
10504028 DESINTEGRAÇÃO NUCLEAR E RADIOATIVIDADE
10504036 REAÇÕES NUCLEARES E ESPALHAMENTO GERAL
10504044 REAÇÕES NUCLEARES E ESPALHAMENTO (REAÇÕES ESPECÍFICAS)
10504052 PROPRIEDADES DE NÚCLEOS ESPECÍFICOS
10504060 MÉTODOS EXPERIMENTAIS E INSTRUMENTAÇÃO PARA PARTÍCULAS
ELEMENTARES E FÍSICA NUCLEAR
10505008 FÍSICA ATÔMICA E MOLECULAR
10505016 ESTRUTURA ELETRÔNICA DE ÁTOMOS E MOLÉCULAS; TEORIA
10505024 ESPECTROS ATÔMICOS E INTEGRAÇÃO DE FÓTONS
10505032 ESPECTROS MOLECULARES E INTERAÇÕES DE FÓTONS COM MOLÉCULAS
10505040 PROCESSOS DE COLISÃO E INTERAÇÕES DE ÁTOMOS E MOLÉCULAS
10505059 INF. SOBRE ÁTOMOS. E MOLÉCULAS OBTIDOS EXPERIMENTALMENTE;
INSTRUMENTAÇÃO E TÉCNICAS
10505067 ESTUDOS DE ÁTOMOS E MOLÉCULAS ESPECIAIS
10506004 FÍSICA DOS FLUÍDOS, FÍSICA DE PLASMAS E DESCARGAS ELÉTRICAS
10506012 CINÉTICA. E TEORIA DE TRANSPORTE DE FLUÍDOS; PROPRIEDADES FÍSICAS DE
GASES
10506020 FÍSICA DE PLASMAS E DESCARGAS ELÉTRICAS
10507000 FÍSICA DA MATÉRIA CONDENSADA
10507019 ESTRUTURA DE LÍQUIDOS E SÓLIDOS; CRISTALOGRAFIA
10507027 PROPRIEDADES MECÂNICAS E ACÚSTICAS DA MATÉRIA CONDENSADA
10507035 DINÂMICA DA REDE E ESTATÍSTICA DE CRISTAIS
10507043 EQUAÇÃO DE ESTADO, EQUILÍBRIO DE FASES E TRANSIÇÕES DE FASE
10507051 PROPRIEDADES TÉRMICAS DA MATÉRIA CONDENSADA
10507060 PROPRIEDADES DE TRANSPORTES DE MATÉRIA CONDENSADA (NÃO
ELETRÔNICAS)
10507078 CAMPOS QUÂNTICOS E SÓLIDOS, HÉLIO, LÍQUIDO, SÓLIDO
10507086 SUPERFÍCIES E INTERFACES; PELÍCULAS E FILAMENTOS
10507094 ESTADOS ELETRÔNICOS

10507108 TRANSP. ELETRÔNICOS E PROPRIEDADES ELÉTRICAS DE SUPERFÍCIES;
INTERFACES E PELÍCULAS

10507116 ESTRUTURAS ELETRÔNICAS E PROPRIEDADES ELÉTRICAS DE SUPERFÍCIES;
INTERFACES E PELÍCULAS

10507124 SUPERCONDUTIVIDADE

10507132 MATERIAIS MAGNÉTICOS E PROPRIEDADES MAGNÉTICAS

10507140 RESSONÂNCIA MAGNÉTICA E RELAXAMENTO NA MATÉRIA CONDENSADA; EFEITO
MOSBAUER; CORR. ANG. PERTUBADA

10507159 MATERIAIS DIELÉTRICOS E PROPRIEDADES DIELÉTRICAS

10507167 PROPRIEDADES ÓTICAS E ESPECTROSCÓPICAS DA MATÉRIA CONDENSADA;
OUTRAS INTERAÇÕES DA MATÉRIA COM RAD. E PART.

10507175 EMISSÃO ELETRÔNICA E IÔNICA POR LÍQUIDOS E SÓLIDOS; FENÔMENOS DE
IMPACTO

10600000

QUÍMICA

10601007 QUÍMICA ORGÂNICA

10601015 ESTRUTURA, CONFORMAÇÃO E ESTEREOQUÍMICA

10601023 SÍNTESE ORGÂNICA

10601031 FÍSICO-QUÍMICA ORGÂNICA

10601040 FOTOQUÍMICA ORGÂNICA

10601058 QUÍMICA DOS PRODUTOS NATURAIS

10601066 EVOLUÇÃO, SISTEMÁTICA E ECOLOGIA QUÍMICA

10601074 POLÍMEROS E COLOIDES

10602003 QUÍMICA INORGÂNICA

10602011 CAMPOS DE COORDENAÇÃO

10602020 NÃO-METAIS E SEUS COMPOSTOS

10602038 COMPOSTOS ORGANO-METÁLICOS

10602046 DETERMINAÇÃO DE ESTRUTURA DE COMPOSTOS INORGÂNICOS

10602054 FOTO-QUÍMICA INORGÂNICA

10602062 FÍSICO-QUÍMICA INORGÂNICA

10602070 QUÍMICA BIO-INORGÂNICA

10603000 FÍSICO-QUÍMICA

10603018 CINÉTICA QUÍMICA E CATÁLISE

10603026 ELETROQUÍMICA

10603034 ESPECTROSCOPIA

10603042 QUÍMICA DE INTERFACES

10603050 QUÍMICA DO ESTADO CONDENSADO

10603069 QUÍMICA NUCLEAR E RADIOQUÍMICA

10603077	QUÍMICA TEÓRICA
10603085	TERMODINÂMICA QUÍMICA
10604006	QUÍMICA ANALÍTICA
10604014	SEPARAÇÃO
10604022	MÉTODOS ÓTICOS DE ANÁLISE
10604030	ELETROANALÍTICA
10604049	GRAVIMETRIA
10604057	TITIMETRIA
10604065	INSTRUMENTAÇÃO ANALÍTICA
10604073	ANÁLISE DE TRAÇOS E QUÍMICA AMBIENTAL

10700005

GEOCIÊNCIAS

10701001	GEOLOGIA
10701010	MINERALOGIA
10701028	PETROLOGIA
10701036	GEOQUÍMICA
10701044	GEOLOGIA REGIONAL
10701052	GEOTECTONICA
10701060	GEOCRONOLOGIA
10701079	CARTOGRAFIA GEOLÓGICA
10701087	METALOGENIA
10701095	HIDROGEOLOGIA
10701109	PROSPECÇÃO MINERAL
10701117	SEDIMENTOLOGIA
10701125	PALEONTOLOGIA ESTRATIGRÁFICA
10701133	ESTRATIGRAFIA
10701141	GEOLOGIA AMBIENTAL
10702008	GEOFÍSICA
10702016	GEOMAGNETISMO
10702024	SISMOLOGIA
10702032	GEOTERMIA E FLUXO TÉRMICO
10702040	PROPRIEDADES FÍSICAS DAS ROCHAS
10702059	GEOFÍSICA NUCLEAR
10702067	SENSORIAMENTO REMOTO
10702075	AERONOMIA
10702083	DESENVOLVIMENTO DE INSTRUMENTAÇÃO GEOFÍSICA
10702091	GEOFÍSICA APLICADA
10702105	GRAVIMETRIA

10703004 METEOROLOGIA
10703012 METEOROLOGIA DINÂMICA
10703020 METEOROLOGIA SINÓTICA
10703039 METEOROLOGIA FÍSICA
10703047 QUÍMICA DA ATMOSFERA
10703055 INSTRUMENTAÇÃO METEOROLÓGICA
10703063 CLIMATOLOGIA
10703071 MICROMETEOROLOGIA
10703080 SENSORIAMENTO REMOTO DA ATMOSFERA
10703098 METEOROLOGIA APLICADA
10704000 GEODÉSIA
10704019 GEODÉSIA FÍSICA
10704027 GEODÉSIA GEOMÉTRICA
10704035 GEODÉSIA CELESTE
10704043 FOTOGRAMETRIA
10704051 CARTOGRAFIA BÁSICA
10705007 GEOGRAFIA FÍSICA
10705015 GEOMORFOLOGIA
10705023 CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA
10705031 PEDOLOGIA
10705040 HIDROGEOGRAFIA
10705058 GEOECOLOGIA
10705066 FOTOGEOGRAFIA (FÍSICO-ECOLÓGICA)
10705074 GEOCARTOGRAFIA

10800000

OCEANOGRAFIA

10801014 INTERAÇÃO ENTRE OS ORGANISMOS MARINHOS E OS PARÂMETROS AMBIENTAIS
10802002 OCEANOGRAFIA FÍSICA
10802010 VARIÁVEIS FÍSICAS DA ÁGUA DO MAR
10802029 MOVIMENTO DA ÁGUA DO MAR
10802037 ORIGEM DAS MASSAS DE ÁGUA
10802045 INTERAÇÃO DO OCEANO COM O LEITO DO MAR
10802053 INTERAÇÃO DO OCEANO COM A ATMOSFERA
10803009 OCEANOGRAFIA QUÍMICA
10803017 PROPRIEDADES QUÍMICAS DA ÁGUA DO MAR
10803025 INTERAÇÕES QUÍMICO-BIOLÓGICAS E QUÍMICO-GEOLÓGICAS DAS SUBSTÂNCIAS QUÍMICAS DA ÁGUA DO MAR
10804005 OCEANOGRAFIA GEOLÓGICA

10804013 GEOMORFOLOGIA SUBMARINA
10804021 SEDIMENTOLOGIA MARINHA
10804030 GEOFÍSICA MARINHA
10804048 GEOQUÍMICA MARINHA

20000006

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS I

10801006 OCEANOGRAFIA BIOLÓGICA
20100000 BIOLOGIA GERAL
20200005 GENÉTICA
20201001 GENÉTICA QUANTITATIVA
20202008 GENÉTICA MOLECULAR E DE MICROORGANISMOS
20203004 GENÉTICA VEGETAL
20204000 GENÉTICA ANIMAL
20205007 GENÉTICA HUMANA E MÉDICA
20206003 MUTAGÊNESE
20300000 BOTÂNICA
20301006 PALEOBOTÂNICA
20302002 MORFOLOGIA VEGETAL
20302010 MORFOLOGIA EXTERNA
20302029 CITOLOGIA VEGETAL
20302037 ANATOMIA VEGETAL
20302045 PALINOLOGIA
20303009 FISILOGIA VEGETAL
20303017 NUTRIÇÃO E CRESCIMENTO VEGETAL
20303025 REPRODUÇÃO VEGETAL
20303033 ECOFISIOLOGIA VEGETAL
20304005 TAXONOMIA VEGETAL
20304013 TAXONOMIA DE CRIPTOGAMOS
20304021 TAXONOMIA DE FANEROGAMOS
20305001 FITOGEOGRAFIA
20306008 BOTÂNICA APLICADA
20400004 ZOOLOGIA
20401000 PALEOZOOLOGIA
20402007 MORFOLOGIA DOS GRUPOS RECENTES
20403003 FISILOGIA DOS GRUPOS RECENTES

20404000	COMPORTAMENTO ANIMAL
20405006	TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES
20406002	ZOOLOGIA APLICADA
20406010	CONSERVAÇÃO DAS ESPÉCIES ANIMAIS
20406029	UTILIZAÇÃO DOS ANIMAIS
20406037	CONTROLE POPULACIONAL DE ANIMAIS

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS II

20600003	MORFOLOGIA
20601000	CITOLOGIA E BIOLOGIA CELULAR
20602006	EMBRIOLOGIA
20603002	HISTOLOGIA
20604009	ANATOMIA
20604017	ANATOMIA HUMANA
20604025	ANATOMIA ANIMAL
20700008	FISIOLOGIA
20701004	FISIOLOGIA GERAL
20702000	FISIOLOGIA DE ÓRGÃOS E SISTEMAS
20702019	NEUROFISIOLOGIA
20702027	FISIOLOGIA CARDIOVASCULAR
20702035	FISIOLOGIA DA RESPIRAÇÃO
20702043	FISIOLOGIA RENAL
20702051	FISIOLOGIA ENDÓCRINA
20702060	FISIOLOGIA DA DIGESTÃO
20702078	CINESIOLOGIA
20703007	FISIOLOGIA DO ESFORÇO
20704003	FISIOLOGIA COMPARADA
20800002	BIOQUÍMICA
20801009	QUÍMICA DE MACROMOLÉCULAS
20801017	PROTEÍNAS
20801025	LIPÍDEOS
20801033	GLICÍDEOS
20802005	BIOQUÍMICA DOS MICROORGANISMOS
20803001	METABOLISMO E BIOENERGÉTICA
20804008	BIOLOGIA MOLECULAR
20805004	ENZIMOLOGIA
20900007	BIOFÍSICA
20901003	BIOFÍSICA MOLECULAR

20902000	BIOFÍSICA CELULAR
20903006	BIOFÍSICA DE PROCESSOS E SISTEMAS
20904002	RADIOLOGIA E FOTOBIOLOGIA
21000000	FARMACOLOGIA
21001006	FARMACOLOGIA GERAL
21001014	FARMACOCINÉTICA
21001022	BIODISPONIBILIDADE
21002002	FARMACOLOGIA AUTONÔMICA
21003009	NEUROPSICOFARMACOLOGIA
21004005	FARMACOLOGIA CARDIO-RENAL
21005001	FARMACOLOGIA BIOQUÍMICA E MOLECULAR
21006008	ETNOFARMACOLOGIA
21007004	TOXICOLOGIA
21008000	FARMACOLOGIA CLÍNICA

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS III

21100004	IMUNOLOGIA
21101000	IMUNOQUÍMICA
21102007	IMUNOLOGIA CELULAR
21103003	IMUNOGENÉTICA
21104000	IMUNOLOGIA APLICADA
21200009	MICROBIOLOGIA
21201005	BIOLOGIA E FISILOGIA DOS MICROORGANISMOS
21201013	VIROLOGIA
21201021	BACTEROLOGIA
21201030	MICOLOGIA
21202001	MICROBIOLOGIA APLICADA
21202010	MICROBIOLOGIA MEDICA
21202028	MICROBIOLOGIA INDUSTRIAL E DE FERMENTAÇÃO
21300003	PARASITOLOGIA
21301000	PROTOZOOLOGIA DE PARASITOS
21301018	PROTOZOOLOGIA PARASITARIA HUMANA
21301026	PROTOZOOLOGIA PARASITARIA ANIMAL
21302006	HELMINTOLOGIA DE PARASITOS
21302014	HELMINTOLOGIA HUMANA
21302022	HELMINTOLOGIA ANIMAL
21303002	ENTOMOLOGIA E MALACOLOGIA DE PARASITOS E VETORES

20500009

ECOLOGIA

20501005 ECOLOGIA TEÓRICA
20502001 ECOLOGIA DE ECOSISTEMAS
20503008 ECOLOGIA APLICADA

ENGENHARIAS

30000009

ENGENHARIAS I

30100003 ENGENHARIA CIVIL
30101000 CONSTRUÇÃO CIVIL
30101018 MATERIAIS E COMPONENTES DE CONSTRUÇÃO
30101026 PROCESSOS CONSTRUTIVOS
30101034 INSTALAÇÕES PREDIAIS
30102006 ESTRUTURAS
30102014 ESTRUTURAS DE CONCRETO
30102022 ESTRUTURAS DE MADEIRAS
30102030 ESTRUTURAS METÁLICAS
30102049 MECÂNICA DAS ESTRUTURAS
30103002 GEOTÉCNICA
30103010 FUNDAÇÕES E ESCAVAÇÕES
30103029 MECÂNICA DAS ROCHAS
30103037 MECÂNICA DOS SOLOS
30103045 OBRAS DE TERRA E ENROCAMENTO
30103053 PAVIMENTOS
30104009 ENGENHARIA HIDRÁULICA
30104017 HIDRÁULICA
30104025 HIDROLOGIA
30105005 INFRA-ESTRUTURA DE TRANSPORTES
30105013 AEROPORTOS, PROJETO E CONSTRUÇÃO
30105021 FERROVIAS, PROJETOS E CONSTRUÇÃO
30105030 PORTOS E VIAS NAVEGÁVEIS, PROJETO E CONSTRUÇÃO
30105048 RODOVIAS, PROJETO E CONSTRUÇÃO
30700000 ENGENHARIA SANITÁRIA
30701007 RECURSOS HÍDRICOS
30701015 PLANEJAMENTO INTEGRADO DOS RECURSOS HÍDRICOS
30701023 TECNOLOGIA E PROBLEMAS SANITÁRIOS DE IRRIGAÇÃO
30701031 ÁGUAS SUBTERRÂNEAS E POÇOS PROFUNDOS

30701040 CONTROLE DE ENCHENTES E DE BARRAGENS
30701058 SEDIMENTOLOGIA
30702003 TRATAMENTO DE ÁGUAS DE ABASTECIMENTO E RESIDUÁRIAS
30702011 QUÍMICA SANITÁRIA
30702020 PROCESSOS SIMPLIFICADOS DE TRATAMENTO DE ÁGUAS
30702038 TÉCNICAS CONVENCIONAIS DE TRATAMENTO DE ÁGUAS
30702046 TÉCNICAS AVANÇADAS DE TRATAMENTO DE ÁGUAS
30702054 ESTUDOS E CARACTERIZAÇÃO DE EFLUENTES INDUSTRIAIS
30702062 LAY-OUT DE PROCESSOS INDUSTRIAIS
30702070 RESÍDUOS RADIOATIVOS
30703000 SANEAMENTO BÁSICO
30703018 TÉCNICAS DE ABASTECIMENTO DA ÁGUA
30703026 DRENAGEM DE ÁGUAS RESIDUÁRIAS
30703034 DRENAGEM URBANA DE ÁGUAS PLUVIAIS
30703042 RESÍDUOS SÓLIDOS, DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS
30703050 LIMPEZA PÚBLICA
30703069 INSTALAÇÕES HIDRÁULICO-SANITÁRIAS
30704006 SANEAMENTO AMBIENTAL
30704014 ECOLOGIA APLICADA A ENGENHARIA SANITÁRIA
30704022 MICROBIOLOGIA APLICADA E ENGENHARIA SANITÁRIA
30704030 PARASITOLOGIA APLICADA A ENGENHARIA SANITÁRIA
30704049 QUALIDADE DO AR, DAS ÁGUAS E DO SOLO
30704057 CONTROLE DA POLUIÇÃO
30704065 LEGISLAÇÃO AMBIENTAL
31000002 ENGENHARIA DE TRANSPORTES
31001009 PLANEJAMENTO DE TRANSPORTES
31001017 PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA DE TRANSPORTE
31001025 ECONOMIA DOS TRANSPORTES
31002005 VEÍCULOS E EQUIPAMENTOS DE CONTROLE
31002013 VIAS DE TRANSPORTE
31002021 VEÍCULOS DE TRANSPORTES
31002030 ESTAÇÃO DE TRANSPORTE
31002048 EQUIPAMENTOS AUXILIARES E CONTROLES
31003001 OPERAÇÕES DE TRANSPORTES
31003010 ENGENHARIA DE TRÁFEGO
31003028 CAPACIDADE DE VIAS DE TRANSPORTE
31003036 OPERAÇÃO DE SISTEMAS DE TRANSPORTE

ENGENHARIAS II

30200008	ENGENHARIA DE MINAS
30201004	PESQUISA MINERAL
30201012	CARACTERIZAÇÃO DO MINÉRIO
30201020	DIMENSIONAMENTO DE JAZIDAS
30202000	LAVRA
30202019	LAVRA A CÉU ABERTO
30202027	LAVRA DE MINA SUBTERRÂNEA
30202035	EQUIPAMENTOS DE LAVRA
30203007	TRATAMENTO DE MINÉRIOS
30203015	MÉTODOS DE CONCENTRAÇÃO E ENRIQUECIMENTOS DE MINÉRIOS
30203023	EQUIPAMENTOS DE BENEFICIAMENTO DE MINÉRIOS
30300002	ENGENHARIA DE MATERIAIS E METALÚRGICA
30301009	INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS METALÚRGICOS
30301017	INSTALAÇÕES METALÚRGICAS
30301025	EQUIPAMENTOS METALÚRGICOS
30302005	METALURGIA EXTRATIVA
30302013	AGLOMERAÇÃO
30302021	ELETROMETALURGIA
30302030	HIDROMETALURGIA
30302048	PIROMETALURGIA
30302056	TRATAMENTO DE MINÉRIOS
30303001	METALURGIA DE TRANSFORMAÇÃO
30303010	CONFORMAÇÃO MECÂNICA
30303028	FUNDIÇÃO
30303036	METALURGIA DE PÓ
30303044	RECOBRIMENTOS
30303052	SOLDAGEM
30303060	TRATAMENTO TÉRMICOS, MECÂNICOS E QUÍMICOS
30303079	USINAGEM
30304008	METALURGIA FÍSICA
30304016	ESTRUTURA DOS METAIS E LIGAS
30304024	PROPRIEDADES FÍSICAS DOS METAIS E LIGAS
30304032	PROPRIEDADES MECÂNICAS DOS METAIS E LIGAS
30304040	TRANSFORMAÇÃO DE FASES
30304059	CORROSÃO
30305004	MATERIAIS NÃO METÁLICOS
30305012	EXTRAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE MATERIAIS

30305020	CERÂMICOS
30305039	MATERIAIS CONJUGADOS NÃO METÁLICOS
30305047	POLÍMEROS, APLICADOS
30600006	ENGENHARIA QUÍMICA
30601002	PROCESSOS INDUSTRIAIS DE ENGENHARIA QUÍMICA
30601010	PROCESSOS BIOQUÍMICOS
30601029	PROCESSOS ORGÂNICOS
30601037	PROCESSOS INORGÂNICOS
30602009	OPERAÇÕES INDUSTRIAIS E EQUIPAMENTOS PARA ENG. QUÍMICA
30602017	REATORES QUÍMICOS
30602025	OPERAÇÕES CARACTERÍSTICAS DE PROCESSOS BIOQUÍMICOS
30602033	OPERAÇÕES DE SEPARAÇÃO E MISTURA
30603005	TECNOLOGIA QUÍMICA
30603013	BALANÇOS GLOBAIS DE MATÉRIA E ENERGIA
30603021	ÁGUA
30603030	ÁLCOOL
30603048	ALIMENTOS
30603056	BORRACHAS
30603064	CARVÃO
30603072	CERÂMICA
30603080	CIMENTO
30603099	COURO
30603102	DETERGENTES
30603110	FERTILIZANTES
30603129	MEDICAMENTOS
30603137	METAIS NÃO-FERROSOS
30603145	ÓLEOS
30603153	PAPEL E CELULOSE
30603161	PETRÓLEO E PETROQUÍMICA
30603170	POLÍMEROS
30603188	PRODUTOS NATURAIS
30603196	TÊXTEIS
30603200	TRATAMENTOS E APROVEITAMENTO DE REJEITOS
30603218	XISTO
30900000	ENGENHARIA NUCLEAR
30901006	APLICAÇÕES DE RADIOISÓTOPOS
30901014	PRODUÇÃO DE RADIOISÓTOPOS
30901022	APLICAÇÕES INDUSTRIAIS DE RADIOISÓTOPOS
30901030	INSTRUMENTAÇÃO PARA MEDIDA E CONTROLE DE RADIAÇÃO

30902002	FUSÃO CONTROLADA
30902010	PROCESSOS INDUSTRIAIS DA FUSÃO CONTROLADA
30902029	PROBLEMAS TECNOLÓGICOS DA FUSÃO CONTROLADA
30903009	COMBUSTÍVEL NUCLEAR
30903017	EXTRAÇÃO DE COMBUSTÍVEL NUCLEAR
30903025	CONVERSÃO, ENRIQUECIMENTO E FABRICAÇÃO DE COMBUSTÍVEL NUCLEAR
30903033	REPROCESSAMENTO DO COMBUSTÍVEL NUCLEAR
30903041	REJEITOS DE COMBUSTÍVEL NUCLEAR
30904005	TECNOLOGIA DOS REATORES
30904013	NÚCLEO DO REATOR
30904021	MATERIAIS NUCLEARES E BLINDAGEM DE REATORES
30904030	TRANSFERENCIA DE CALOR EM REATORES
30904048	GERAÇÃO E INTEGRAÇÃO COM SISTEMAS ELÉTRICOS EM REATORES
30904056	INSTRUMENTAÇÃO PARA OPERAÇÃO E CONTROLE DE REATORES
30904064	SEGURANÇA, LOCALIZAÇÃO E LICENCIAMENTO DE REATORES
30904072	ASPECTOS ECONÔMICOS DE REATORES

ENGENHARIAS III

30500001	ENGENHARIA MECÂNICA
30501008	FENÔMENOS DE TRANSPORTE
30501016	TRANSFERENCIA DE CALOR
30501024	MECÂNICA DOS FLUÍDOS
30501032	DINÂMICA DOS GASES
30501040	PRINCÍPIOS VARIACIONAIS E MÉTODOS NUMÉRICOS
30502004	ENGENHARIA TÉRMICA
30502012	TERMODINÂMICA
30502020	CONTROLE AMBIENTAL
30502039	APROVEITAMENTO DA ENERGIA
30503000	MECÂNICA DOS SÓLIDOS
30503019	MECÂNICA DOS CORPOS SÓLIDOS, ELÁSTICOS E PLÁSTICOS
30503027	DINÂMICA DOS CORPOS RÍGIDOS, ELÁSTICOS E PLÁSTICOS
30503035	ANÁLISE DE TENSÕES
30503043	TERMOELASTICIDADE
30504007	PROJETOS DE MÁQUINAS
30504015	TEORIA DOS MECANISMOS
30504023	ESTÁTICA E DINÂMICA APLICADA
30504031	ELEMENTOS DE MÁQUINAS
30504040	FUNDAMENTOS GERAIS DE PROJETOS DAS MÁQUINAS

30504058	MÁQUINAS, MOTORES E EQUIPAMENTOS
30504066	MÉTODOS DE SÍNTESE E OTIMIZAÇÃO APLICADOS AO PROJETO MECÂNICO
30504074	CONTROLE DE SISTEMAS MECÂNICOS
30504082	APROVEITAMENTO DE ENERGIA
30505003	PROCESSOS DE FABRICAÇÃO
30505011	MATRIZES E FERRAMENTAS
30505020	MÁQUINAS DE USINAGEM E CONFORMAÇÃO
30505038	CONTROLE NUMÉRICO
30505046	ROBOTIZAÇÃO
30505054	PROCESSOS DE FABRICAÇÃO, SELEÇÃO ECONÔMICA
30800005	ENGENHARIA DE PRODUÇÃO
30801001	GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
30801010	PLANEJAMENTO DE INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS
30801028	PLANEJAMENTO, PROJETO E CONTROLE DE SIST. DE PRODUÇÃO
30801036	HIGIENE E SEGURANÇA DO TRABALHO
30801044	SUPRIMENTOS
30801052	GARANTIA DE CONTROLE DE QUALIDADE
30802008	PESQUISA OPERACIONAL
30802016	PROCESSOS ESTOCÁSTICOS E DA FILAS
30802024	PROGRAMAÇÃO LINEAR, NÃO-LINEAR, MISTA E DINÂMICA
30802032	SÉRIES TEMPORAIS
30802040	TEORIA DOS GRAFOS
30802059	TEORIA DOS JOGOS
30803004	ENGENHARIA DO PRODUTO
30803012	ERGONOMIA
30803020	METODOLOGIA DE PROJETO DO PRODUTO
30803039	PROCESSOS DE TRABALHO
30803047	GERÊNCIA DO PROJETO E DO PRODUTO
30803055	DESENVOLVIMENTO DE PRODUTO
30804000	ENGENHARIA ECONÔMICA
30804019	ESTUDO DE MERCADO
30804027	LOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL
30804035	ANÁLISE DE CUSTOS
30804043	ECONOMIA DE TECNOLOGIA
30804051	VIDA ECONÔMICA DOS EQUIPAMENTOS
30804060	AVALIAÇÃO DE PROJETOS
31100007	ENGENHARIA NAVAL E OCEÂNICA
31101003	HIDRODINÂMICA DE NAVIOS E SISTEMAS OCEÂNICOS
31101011	RESISTÊNCIA HIDRODINÂMICA

31101020 PROPULSÃO DE NAVIOS
31102000 ESTRUTURAS NAVAIS E OCEÂNICAS
31102018 ANÁLISE TEÓRICA E EXPERIMENTAL DE ESTRUTURA
31102026 DINÂMICA ESTRUTURAL NAVAL E OCEÂNICA
31102034 SÍNTESE ESTRUTURAL NAVAL E OCEÂNICA
31103006 MÁQUINAS MARÍTIMAS
31103014 ANÁLISE DE SISTEMAS PROPULSORES
31103022 CONTROLE E AUTOMAÇÃO DE SISTEMAS PROPULSORES
31103030 EQUIPAMENTOS AUXILIARES DO SISTEMA PROPULSIVO
31103049 MOTOR DE PROPULSÃO
31104002 PROJETO DE NAVIOS E DE SISTEMAS OCEÂNICOS
31104010 PROJETOS DE NAVIOS
31104029 PROJETOS DE SISTEMAS OCEÂNICOS FIXOS E SEMI-FIXOS
31104037 PROJETOS DE EMBARCAÇÕES NÃO-CONVENCIONAIS
31105009 TECNOLOGIA DE CONSTRUÇÃO NAVAL E DE SISTEMAS OCEÂNICOS
31105017 MÉTODOS DE FABRICAÇÃO DE NAVIOS E SISTEMAS OCEÂNICOS
31105025 SOLDAGEM DE ESTRUTURAS NAVAIS E OCEÂNICOS
31105033 CUSTOS DE CONSTRUÇÃO NAVAL
31105041 NORMALIZAÇÃO E CERTIFICAÇÃO DE QUALIDADE DE NAVIOS
31200001 ENGENHARIA AEROESPACIAL
31201008 AERODINÂMICA
31201016 AERODINÂMICA DE AERONAVES ESPACIAIS
31201024 AERODINÂMICA DOS PROCESSOS GEODÉSICOS E INTERPLANETÁRIOS
31202004 DINÂMICA DE VÔO
31202012 TRAJETÓRIAS E ORBITAS
31202020 ESTABILIDADE E CONTROLE
31203000 ESTRUTURAS AEROESPACIAIS
31203019 AEROELASTICIDADE
31203027 FADIGA
31203035 PROJETO DE ESTRUTURAS AEROESPACIAIS
31204007 MATERIAIS E PROCESSOS PARA ENGENHARIA AERONÁUTICA E AEROESPACIAL
31205003 PROPULSÃO AEROESPACIAL
31205011 COMBUSTÃO E ESCOAMENTO COM REAÇÕES QUÍMICAS
31205020 PROPULSÃO DE FOGUETES
31205038 MÁQUINAS DE FLUXO
31205046 MOTORES ALTERNATIVOS
31206000 SISTEMAS AEROESPACIAIS
31206018 AVIÕES
31206026 FOGUETES

31206034 HELICÓPTEROS
31206042 HOVERCRAFT
31206050 SATÉLITES E OUTROS DISPOSITIVOS AEROESPACIAIS
31206069 NORMALIZAÇÃO E CERTIDÃO DE QUALIDADE DE AERONAVES E COMPONENTES
31206077 MANUTENÇÃO DE SISTEMAS AEROESPACIAIS
PLANEJAMENTO ENERGÉTICO

ENGENHARIAS IV

30400007 ENGENHARIA ELÉTRICA
30401003 MATERIAIS ELÉTRICOS
30401011 MATERIAIS CONDUTORES
30401020 MATERIAIS E COMPONENTES SEMICONDUTORES
30401038 MATERIAIS E DISPOSITIVOS SUPERCONDUTORES
30401046 MATERIAIS DIELÉTRICOS, PIESOELÉTRICOS E FERROELÉTRICOS
30401054 MATERIAIS E COMPONENTES ELETROÓPTICOS E MAGNETOÓPTICOS E MATERIAIS FOTOELÉTRICOS
30401062 MATERIAIS E DISPOSITIVOS MAGNÉTICOS
30402000 MEDIDAS ELÉTRICAS, MAGNÉTICAS E ELETRÔNICAS, INSTRUMENTAÇÃO
30402018 MEDIDAS ELÉTRICAS
30402026 MEDIDAS MAGNÉTICAS
30402034 INSTRUMENTAÇÃO ELETROMECCÂNICA
30402042 INSTRUMENTAÇÃO ELETRÔNICA
30402050 SISTEMAS ELETRÔNICOS DE MEDIDAS E DE CONTROLE
30403006 CIRCUITOS ELÉTRICOS, MAGNÉTICOS E ELETRÔNICOS
30403014 TEORIA GERAL DOS CIRCUITOS ELÉTRICOS
30403022 CIRCUITOS LINEARES E NÃO-LINEARES
30403030 CIRCUITOS ELETRÔNICOS
30403049 CIRCUITOS MAGNÉTICOS, MAGNÉTICOS, ELETROMAGNÉTICOS
30404002 SISTEMAS ELÉTRICOS DE POTÊNCIA
30404010 GERAÇÃO DA ENERGIA ELÉTRICA
30404029 TRANSMISSÃO ENERGIA ELÉTRICA, DISTRIBUIÇÃO DA ENERGIA ELÉTRICA
30404037 CONVERSÃO E RETIFICAÇÃO DA ENERGIA ELÉTRICA
30404045 MEDIÇÃO CONTROLE, CORREÇÃO E PROTEÇÃO DE SISTEMAS ELÉTRICOS DE POTÊNCIA
30404053 MÁQUINAS ELÉTRICAS E DISPOSITIVOS DE POTÊNCIA
30404061 INSTALAÇÕES ELÉTRICAS PREDIAIS E INDUSTRIAIS
30405009 ELETRÔNICA INDUSTRIAL, SISTEMAS E CONTROLES ELETRÔNICOS
30405017 ELETRÔNICA INDUSTRIAL

30405025 AUTOMAÇÃO ELETRÔNICA DE PROCESSOS ELÉTRICOS E INDUSTRIAIS
30405033 CONTROLE DE PROCESSOS ELETRÔNICOS, RETROALIMENTAÇÃO
30406005 TELECOMUNICAÇÕES
30406013 TEORIA ELETROMAG. MICROONDAS, PROPAGAÇÃO DE ONDAS, ANTENAS
30406021 RADIONAVEGAÇÃO E RADIOASTRONOMIA
30406030 SISTEMAS DE TELECOMUNICAÇÕES
31300006 ENGENHARIA BIOMÉDICA
31301002 BIOENGENHARIA
31301010 PROCESSAMENTO DE SINAIS BIOLÓGICOS
31301029 MODELAGEM DE FENÔMENOS BIOLÓGICOS
31301037 MODELAGEM DE SISTEMAS BIOLÓGICOS
31302009 ENGENHARIA MEDICA
31302017 BIOMATERIAIS E MATERIAIS BIOCOMPATÍVEIS
31302025 TRANSDUTORES PARA APLICAÇÕES BIOMÉDICAS
31302033 INSTRUMENTAÇÃO ODONTOLÓGICA E MÉDICO-HOSPITALAR
31302041 TECNOLOGIA DE PRÓTESES

40000001

CIÊNCIAS DA SAÚDE

MEDICINA I

MEDICINA

40101010 ANGIOLOGIA
40101045 CANCEROLOGIA
40101002 CLÍNICA MEDICA
40101100 CARDIOLOGIA
40101029 DERMATOLOGIA
40101061 ENDOCRINOLOGIA
40101118 GASTROENTEROLOGIA
40101134 NEFROLOGIA
40101126 PNEUMOLOGIA

MEDICINA II

40101096 DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS
40101053 HEMATOLOGIA
40101142 REUMATOLOGIA
40101037 ALERGOLOGIA E IMUNOLOGIA CLÍNICA

40101070 NEUROLOGIA
40103005 SAÚDE MATERNO-INFANTIL
40500004 NUTRIÇÃO
40501000 BIOQUÍMICA DA NUTRIÇÃO
40502007 DIETÉTICA
40503003 ANÁLISE NUTRICIONAL DE POPULAÇÃO
40504000 DESNUTRIÇÃO E DESENVOLVIMENTO FISIOLÓGICO
40101088 PEDIATRIA
40104001 PSIQUIATRIA
40105008 ANATOMIA PATOLÓGICA E PATOLOGIA CLÍNICA
40106004 RADIOLOGIA MÉDICA
40107000 MEDICINA LEGAL E DEONTOLOGIA

MEDICINA III

40101150 GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA
40101177 OFTALMOLOGIA
40101186 ORTOPEDIA
40102009 CIRURGIA
40102017 CIRURGIA PLÁSTICA E RESTAURADORA
40102025 CIRURGIA OTORRINOLARINGOLÓGICA
40102033 CIRURGIA OFTALMOLÓGICA
40102041 CIRURGIA CARDIOVASCULAR
40102050 CIRURGIA TORÁXICA
40102068 CIRURGIA GASTROENTEROLOGIA
40102076 CIRURGIA PEDIÁTRICA
40102084 NEUROCIRURGIA
40102092 CIRURGIA UROLÓGICA
40102106 CIRURGIA PROCTOLÓGICA
40102114 CIRURGIA ORTOPÉDICA
40102122 CIRURGIA TRAUMATOLÓGICA
40102130 ANESTESIOLOGIA
40102149 CIRURGIA EXPERIMENTAL
40700003 FONOAUDIOLOGIA
40101169 FISIATRIA

40200000 ODONTOLOGIA
40201007 CLÍNICA ODONTOLÓGICA

40202003 CIRURGIA BUCO-MAXILO-FACIAL
40203000 ORTODONTIA
40204006 ODONTOPEDIATRIA
40205002 PERIODONTIA
40206009 ENDODONTIA
40207005 RADIOLOGIA ODONTOLÓGICA
40208001 ODONTOLOGIA SOCIAL E PREVENTIVA
40209008 MATERIAIS ODONTOLÓGICOS

40300005 FARMÁCIA

40301001 FARMACOTECNIA
40302008 FARMACOGNOSIA
40303004 ANÁLISE TOXICOLÓGICA
40304000 ANÁLISE E CONTROLE E MEDICAMENTOS
40305007 BROMATOLOGIA

40400000 ENFERMAGEM

40401006 ENFERMAGEM MÉDICO-CIRÚRGICA
40402002 ENFERMAGEM OBSTÉTRICA
40403009 ENFERMAGEM PEDIÁTRICA
40404005 ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA
40405001 ENFERMAGEM DE DOENÇAS CONTAGIOSAS
40406008 ENFERMAGEM DE SAÚDE PÚBLICA

40600009 SAÚDE COLETIVA

40601005 EPIDEMIOLOGIA
40602001 SAÚDE PÚBLICA
40603008 MEDICINA PREVENTIVA

40800008 FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL

40900002 EDUCAÇÃO FÍSICA

50000004

CIÊNCIAS AGRÁRIAS

CIÊNCIAS AGRÁRIAS I

50100009	AGRONOMIA
50101005	CIÊNCIA DO SOLO
50101013	GÊNESE, MORFOLOGIA E CLASSIFICAÇÃO DOS SOLOS
50101021	FÍSICA DO SOLO
50101030	QUÍMICA DO SOLO
50101048	MICROBIOLOGIA E BIOQUÍMICA DO SOLO
50101056	FERTILIDADE DO SOLO E ADUBAÇÃO
50101064	MANEJO E CONSERVAÇÃO DO SOLO
50102001	FITOSSANIDADE
50102010	FITOPATOLOGIA
50102028	ENTOMOLOGIA AGRÍCOLA
50102036	PARASITOLOGIA AGRÍCOLA
50102044	MICROBIOLOGIA AGRÍCOLA
50102052	DEFESA FITOSSANITÁRIA
50103008	FITOTECNIA
50103016	MANEJO E TRATOS CULTURAIS
50103024	MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA
50103032	PRODUÇÃO E BENEFICIAMENTO DE SEMENTES
50103040	PRODUÇÃO DE MUDAS
50103059	MELHORAMENTO VEGETAL
50103067	FISIOLOGIA DE PLANTAS CULTIVADAS
50103075	MATOLOGIA
50104004	FLORICULTURA, PARQUES E JARDINS
50104012	FLORICULTURA
50104020	PARQUES E JARDINS
50104039	ARBORIZAÇÃO DE VIAS PÚBLICAS
50105000	AGROMETEROLOGIA
50106007	EXTENSÃO RURAL
50200003	RECURSOS FLORESTAIS E ENGENHARIA FLORESTAL
50201000	SILVICULTURA
50201018	DENDROLOGIA
50201026	FLORESTAMENTO E REFLORESTAMENTO
50201034	GENÉTICA E MELHORAMENTO FLORESTAL
50201042	SEMENTES FLORESTAIS

50201050	NUTRIÇÃO FLORESTAL
50201069	FISIOLOGIA FLORESTAL
50201077	SOLOS FLORESTAIS
50201085	PROTEÇÃO FLORESTAL
50202006	MANEJO FLORESTAL
50202014	ECONOMIA FLORESTAL
50202022	POLÍTICA E LEGISLAÇÃO FLORESTAL
50202030	ADMINISTRAÇÃO FLORESTAL
50202049	DENDROMETRIA E INVENTÁRIO FLORESTAL
50202057	FOTOINTERPRETAÇÃO FLORESTAL
50202065	ORDENAMENTO FLORESTAL
50203002	TÉCNICAS E OPERAÇÕES FLORESTAIS
50203010	EXPLORAÇÃO FLORESTAL
50203029	MECANIZAÇÃO FLORESTAL
50204009	TECNOLOGIA E UTILIZAÇÃO DE PRODUTOS FLORESTAIS
50204017	ANATOMIA E IDENTIFICAÇÃO DE PRODUTOS FLORESTAIS
50204025	PROPRIEDADES FÍSICO-MECÂNICAS DA MADEIRA
50204033	RELAÇÕES ÁGUA-MADEIRA E SECAGEM
50204041	TRATAMENTO DA MADEIRA
50204050	PROCESSAMENTO MECÂNICO DA MADEIRA
50204068	QUÍMICA DA MADEIRA
50204076	RESINAS DE MADEIRAS
50204084	TECNOLOGIA DE CELULOSE E PAPEL
50204092	TECNOLOGIA DE CHAPAS
50205005	CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
50205013	HIDROLOGIA FLORESTAL
50205021	CONSERVAÇÃO DE ÁREAS SILVESTRES
50205030	CONSERVAÇÃO DE BACIAS HIDROGRÁFICAS
50205048	RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS
50206001	ENERGIA DE BIOMASSA FLORESTAL
50300008	ENGENHARIA AGRÍCOLA
50301004	MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS
50302000	ENGENHARIA DE ÁGUA E SOLO
50302019	IRRIGAÇÃO E DRENAGEM
50302027	CONSERVAÇÃO DE SOLO E ÁGUA
50303007	ENGENHARIA DE PROCESSAMENTO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS
50303015	PRE-PROCESSAMENTO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS
50303023	ARMAZENAMENTO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS
50303031	TRANSFERÊNCIA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS

50304003 CONSTRUÇÕES RURAIS E AMBIÊNCIA
50304011 ASSENTAMENTO RURAL
50304020 ENGENHARIA DE CONSTRUÇÕES RURAIS
50304038 SANEAMENTO RURAL
50305000 ENERGIZAÇÃO RURAL

50400002

ZOOTECNIA

50401009 ECOLOGIA DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS E ETOLOGIA
50402005 GENÉTICA E MELHORAMENTO DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS
50403001 NUTRIÇÃO E ALIMENTAÇÃO ANIMAL
50403010 EXIGÊNCIAS NUTRICIONAIS DOS ANIMAIS
50403028 AVALIAÇÃO DE ALIMENTOS PARA ANIMAIS
50403036 CONSERVAÇÃO DE ALIMENTOS PARA ANIMAIS
50404008 PASTAGEM E FORRAGICULTURA
50404016 AVALIAÇÃO, PRODUÇÃO E CONSERVAÇÃO DE FORRAGENS
50404024 MANEJO E CONSERVAÇÃO DE PASTAGENS
50404032 FISIOLOGIA DE PLANTAS FORRAGEIRAS
50404040 MELHORAMENTO DE PLANTAS FORRAGEIRAS E PRODUÇÃO DE SEMENTES
50404059 TOXICOLOGIA E PLANTAS TOXICAS
50405004 PRODUÇÃO ANIMAL
50405012 CRIAÇÃO DE ANIMAIS
50405020 MANEJO DE ANIMAIS
50405039 INSTALAÇÕES PARA PRODUÇÃO ANIMAL

50600001

RECURSOS PESQUEIROS E ENGENHARIA DE PESCA

50601008 RECURSOS PESQUEIROS MARINHOS
50601016 FATORES ABIÓTICOS DO MAR
50601024 AVALIAÇÃO DE ESTOQUE PESQUEIROS MARINHOS
50601032 EXPLORAÇÃO PESQUEIRA MARINHA
50601040 MANEJO E CONSERVAÇÃO DE RECURSOS PESQUEIROS MARINHOS
50602004 RECURSOS PESQUEIROS DE ÁGUAS INTERIORES
50602012 FATORES ABIÓTICOS DE ÁGUAS INTERIORES
50602020 AVALIAÇÃO DE ESTOQUES PESQUEIROS DE ÁGUAS INTERIORES
50602039 EXPLORAÇÃO PESQUEIRA DE ÁGUAS INTERIORES
50602047 MANEJO E CONSERV. DE RECURSOS PESQUEIROS DE ÁGUA INTERIORES
50603000 AQUICULTURA
50603019 MARICULTURA

50603027 CARCINOCULTURA
50603035 OSTREICULTURA
50603043 PISCICULTURA
50604007 ENGENHARIA DE PESCA

50500007 MEDICINA VETERINÁRIA

50501003 CLÍNICA E CIRURGIA ANIMAL
50501011 ANESTESIOLOGIA ANIMAL
50501020 TÉCNICA CIRÚRGICA ANIMAL
50501038 RADIOLOGIA DE ANIMAIS
50501046 FARMACOLOGIA E TERAPÊUTICA ANIMAL
50501054 OBSTETRÍCIA ANIMAL
50501062 CLÍNICA VETERINÁRIA
50501070 CLÍNICA CIRÚRGICA ANIMAL
50501089 TOXICOLOGIA ANIMAL
50502000 MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA
50502018 EPIDEMIOLOGIA ANIMAL
50502026 SANEAMENTO APLICADO À SAÚDE DO HOMEM
50502034 DOENÇAS INFECCIOSAS DE ANIMAIS
50502042 DOENÇAS PARASITÁRIAS DE ANIMAIS
50502050 SAÚDE ANIMAL (PROGRAMAS SANITÁRIOS)
50503006 PATOLOGIA ANIMAL
50503014 PATOLOGIA AVIÁRIA
50503022 ANATOMIA PATOLÓGICA ANIMAL
50503030 PATOLOGIA CLÍNICA ANIMAL
50504002 REPRODUÇÃO ANIMAL
50504010 GINECOLOGIA E ANDROLOGIA ANIMAL
50504029 INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL ANIMAL
50504037 FISIOPATOLOGIA DA REPRODUÇÃO ANIMAL
50505009 INSPEÇÃO DE PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL

50700006 CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS

50701002 CIÊNCIA DE ALIMENTOS
50701010 VALOR NUTRITIVO DE ALIMENTOS
50701029 QUÍMICA, FÍSICA, FÍSICO-QUÍMICA, BIOQUÍMICA DOS ALIMENTOS E DAS MATÉRIAS-PRIMAS ALIMENTÍCIAS
50701037 MICROBIOLOGIA DE ALIMENTOS

50701045 FISILOGIA PÓS-COLHEITA
50701053 TOXICIDADE E RESÍDUOS DE PESTICIDAS EM ALIMENTOS
50701061 AVALIAÇÃO E CONTROLE DE QUALIDADE DE ALIMENTOS
50701070 PADRÕES, LEGISLAÇÃO E FISCALIZAÇÃO DE ALIMENTOS
50702009 TECNOLOGIA DE ALIMENTOS
50702017 TECNOLOGIA DE PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL
50702025 TECNOLOGIA DE PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL
50702033 TECNOLOGIA DAS BEBIDAS
50702041 TECNOLOGIA DE ALIMENTOS DIETÉTICOS E NUTRICIONAIS
50702050 APROVEITAMENTO DE SUBPRODUTOS
50702068 EMBALAGENS DE PRODUTOS ALIMENTARES
50703005 ENGENHARIA DE ALIMENTOS
50703013 INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS DE PRODUÇÃO DE ALIMENTOS
50703021 ARMAZENAMENTO DE ALIMENTOS

60000007

CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

DIREITO

60100001

60101008 TEORIA DO DIREITO
60101016 TEORIA GERAL DO DIREITO
60101024 TEORIA GERAL DO PROCESSO
60101032 TEORIA DO ESTADO
60101040 HISTÓRIA DO DIREITO
60101059 FILOSOFIA DO DIREITO
60101067 LÓGICA JURÍDICA
60101075 SOCIOLOGIA JURÍDICA
60101083 ANTROPOLOGIA JURÍDICA
60102004 DIREITO PÚBLICO
60102012 DIREITO TRIBUTÁRIO
60102020 DIREITO PENAL
60102039 DIREITO PROCESSUAL PENAL
60102047 DIREITO PROCESSUAL CIVIL
60102055 DIREITO CONSTITUCIONAL
60102063 DIREITO ADMINISTRATIVO
60102071 DIREITO INTERNACIONAL PÚBLICO
60103000 DIREITO PRIVADO
60103019 DIREITO CIVIL

60103027 DIREITO COMERCIAL
60103035 DIREITO DO TRABALHO
60103043 DIREITO INTERNACIONAL PRIVADO
60104007 DIREITOS ESPECIAIS

60200006 ADMINISTRAÇÃO

60201002 ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
60201010 ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO
60201029 ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA
60201037 MERCADOLOGIA
60201045 NEGÓCIOS INTERNACIONAIS
60201053 ADMINISTRAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS
60202009 ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
60202017 CONTABILIDADE E FINANÇAS PÚBLICAS
60202025 ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS
60202033 POLÍTICA E PLANEJAMENTO GOVERNAMENTAIS
60202041 ADMINISTRAÇÃO DE PESSOAL
60203005 ADMINISTRAÇÃO DE SETORES ESPECÍFICOS
60204001 CIÊNCIAS CONTÁBEIS

61300004 TURISMO

60300000 ECONOMIA

60301007 TEORIA ECONÔMICA
60301015 ECONOMIA GERAL
60301023 TEORIA GERAL DA ECONOMIA
60301031 HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO
60301040 HISTÓRIA ECONÔMICA
60301058 SISTEMAS ECONÔMICOS
60302003 MÉTODOS QUANTITATIVOS EM ECONOMIA
60302011 MÉTODOS E MODELOS MATEMÁTICOS, ECONOMÉTRICOS E ESTATÍSTICOS
60302020 ESTATÍSTICA SÓCIO-ECONÔMICA
60302038 CONTABILIDADE NACIONAL
60302046 ECONOMIA MATEMÁTICA
60303000 ECONOMIA MONETÁRIA E FISCAL
60303018 TEORIA MONETÁRIA E FINANCEIRA
60303026 INSTITUIÇÕES MONETÁRIAS E FINANCEIRAS DO BRASIL

60303034 FINANÇAS PÚBLICAS INTERNAS
60303042 POLÍTICA FISCAL DO BRASIL
60304006 CRESCIMENTO, FLUTUAÇÕES E PLANEJAMENTO ECONÔMICO
60304014 CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO
60304022 TEORIA E POLÍTICA DE PLANEJAMENTO ECONÔMICO
60304030 FLUTUAÇÕES CÍCLICAS E PROJEÇÕES ECONÔMICAS
60304049 INFLAÇÃO
60305002 ECONOMIA INTERNACIONAL
60305010 TEORIA DO COMERCIO INTERNACIONAL
60305029 RELAÇÕES DO COMÉRCIO, POLÍTICA COMERCIAL, INTEGRAÇÃO ECONÔMICA
60305037 BALANÇO DE PAGAMENTO, FINANÇAS INTERNACIONAIS
60305045 INVESTIMENTOS INTERNACIONAIS E AJUDA EXTERNA
60306009 ECONOMIA DOS RECURSOS HUMANOS
60306017 TREINAMENTO E ALOCAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA, OFERTA MÃO-DE-OBRA, FORÇA DE TRABALHO
60306025 MERCADO DE TRABALHO, POLÍTICA DO GOVERNO
60306033 SINDICATOS, DISSÍDIOS COLET., RELAÇÕES EMPREGO (EMP./EMPREGADOR)
60306041 CAPITAL HUMANO
60306050 DEMOGRAFIA ECONÔMICA
60307005 ECONOMIA INDUSTRIAL
60307013 ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL E ESTUDOS INDUSTRIAIS
60307021 MUDANÇA TECNOLÓGICA
60308001 ECONOMIA DO BEM-ESTAR SOCIAL
60308010 ECONOMIA DOS PROGRAMAS DE BEM-ESTAR SOCIAL
60308028 ECONOMIA DO CONSUMIDOR
60309008 ECONOMIA REGIONAL E URBANA
60309016 ECONOMIA REGIONAL
60309024 ECONOMIA URBANA
60309032 RENDA E TRIBUTAÇÃO
60310006 ECONOMIAS AGRÁRIA E DOS RECURSOS NATURAIS
60310014 ECONOMIA AGRÁRIA
60310022 ECONOMIA DOS RECURSOS NATURAIS

60400005

ARQUITETURA E URBANISMO

60401001 FUNDAMENTOS DE ARQUITETURA E URBANISMO
60401010 HISTÓRIA DA ARQUITETURA E URBANISMO
60401028 TEORIA DA ARQUITETURA
60401036 HISTÓRIA DO URBANISMO

60401044 TEORIA DO URBANISMO
60402008 PROJETO DE ARQUITETURA E URBANISMO
60402016 PLANEJAMENTO E PROJETOS DA EDIFICAÇÃO
60402024 PLANEJAMENTO E PROJETO DO ESPAÇO URBANO
60402032 PLANEJAMENTO E PROJETO DO EQUIPAMENTO
60403004 TECNOLOGIA DE ARQUITETURA E URBANISMO
60403012 ADEQUAÇÃO AMBIENTAL
60404000 PAISAGISMO
60404019 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO PAISAGISMO
60404027 CONCEITUAÇÃO DE PAISAGISMO E METODOLOGIA DO PAISAGISMO
60404035 ESTUDOS DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EXTERIOR
60404043 PROJETOS DE ESPAÇOS LIVRES URBANOS

60500000 PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

60501006 FUNDAMENTOS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
60501014 TEORIA DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
60501022 TEORIA DA URBANIZAÇÃO
60501030 POLÍTICA URBANA
60501049 HISTÓRIA URBANA
60502002 MÉTODOS E TÉCNICAS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
60502010 INFORMAÇÃO, CADASTRO E MAPEAMENTO
60502029 TÉCNICA DE PREVISÃO URBANA E REGIONAL
60502037 TÉCNICAS DE ANÁLISE E AVALIAÇÃO URBANA E REGIONAL
60502045 TÉCNICAS DE PLANEJAMENTO E PROJETO URBANOS E REGIONAIS
60503009 SERVIÇOS URBANOS E REGIONAIS
60503017 ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL E URBANA
60503025 ESTUDOS DA HABITAÇÃO
60503033 ASPECTOS SOCIAIS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
60503041 ASPECTOS ECONÔMICOS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
60503050 ASPECTOS FÍSICO-AMBIENTAIS DO PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
60503068 SERVIÇOS COMUNITÁRIOS
60503076 INFRA-ESTRUTURAS URBANAS E REGIONAIS
60503084 TRANSPORTE E TRAFEGO URBANO E REGIONAL
60503092 LEGISLAÇÃO URBANA E REGIONAL

60600004 DEMOGRAFIA

60601000 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

60601019 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL GERAL
60601027 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL URBANA
60601035 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL RURAL
60602007 TENDÊNCIA POPULACIONAL
60602015 TENDÊNCIAS PASSADAS
60602023 TAXAS E ESTIMATIVAS CORRENTES
60602031 PROJEÇÕES
60603003 COMPONENTES DA DINÂMICA DEMOGRÁFICA
60603011 FECUNDIDADE
60603020 MORTALIDADE
60603038 MIGRAÇÃO
60604000 NUPCIALIDADE E FAMÍLIA
60604018 CASAMENTO E DIVORCIO
60604026 FAMÍLIA E REPRODUÇÃO
60605006 DEMOGRAFIA HISTÓRICA
60605014 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL
60605022 NATALIDADE, MORTALIDADE, MIGRAÇÃO
60605030 NUPCIALIDADE E FAMÍLIA
60605049 MÉTODOS E TÉCNICAS DE DEMOGRAFIA HISTÓRICA
60606002 POLÍTICA PÚBLICA E POPULAÇÃO
60606010 POLÍTICA POPULACIONAL
60606029 POLÍTICAS DE REDISTRIBUIÇÃO DE POPULAÇÃO
60606037 POLÍTICAS DE PLANEJAMENTO FAMILIAR
60607009 FONTES DE DADOS DEMOGRÁFICOS

CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I

60700009 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
60701005 TEORIA DA INFORMAÇÃO
60701013 TEORIA GERAL DA INFORMAÇÃO
60701021 PROCESSOS DA COMUNICAÇÃO
60701030 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO
60702001 BIBLIOTECONOMIA
60702010 TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO
60702028 MÉTODOS QUANTITATIVOS, BIBLIOMETRIA
60702036 TÉCNICAS DE RECUPERAÇÃO DE INFORMAÇÃO
60702044 PROCESSOS DE DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO
60703008 ARQUIVOLOGIA
60703016 ORGANIZAÇÃO DE ARQUIVOS

60800003 MUSEOLOGIA
60900008 COMUNICAÇÃO
60901004 TEORIA DA COMUNICAÇÃO
60902000 JORNALISMO E EDITORAÇÃO
60902019 TEORIA E ÉTICA DO JORNALISMO
60902027 ORGANIZAÇÃO EDITORIAL DE JORNAIS
60902035 ORGANIZAÇÃO COMERCIAL DE JORNAIS
60902043 JORNALISMO ESPECIALIZADO (COMUNITÁRIO, RURAL, EMPRESARIAL E CIENTÍFICO)
60903007 RÁDIO E TELEVISÃO
60903015 RADIODIFUSÃO
60903023 VIDEODIFUSÃO
60904003 RELAÇÕES PÚBLICAS E PROPAGANDA
60905000 COMUNICAÇÃO VISUAL

61000000 SERVIÇO SOCIAL

61001007 FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL
61002003 SERVIÇO SOCIAL APLICADO
61002011 SERVIÇO SOCIAL DO TRABALHO
61002020 SERVIÇO SOCIAL DA EDUCAÇÃO
61002038 SERVIÇO SOCIAL DO MENOR
61002046 SERVIÇO SOCIAL DA SAÚDE
61002054 SERVIÇO SOCIAL DA HABITAÇÃO

61100005 ECONOMIA DOMÉSTICA

61200000 DESENHO INDUSTRIAL
61201006 PROGRAMAÇÃO VISUAL
61202002 DESENHO DE PRODUTO

70000000 CIÊNCIAS HUMANAS

70100004 FILOSOFIA

70101000 HISTÓRIA DA FILOSOFIA
70102007 METAFÍSICA
70103003 LÓGICA

70104000 ÉTICA
70105006 EPISTEMOLOGIA
70106002 FILOSOFIA BRASILEIRA

71000003 TEOLOGIA
71001000 HISTÓRIA DA TEOLOGIA
71002006 TEOLOGIA MORAL
71003002 TEOLOGIA SISTEMÁTICA
71004009 TEOLOGIA PASTORAL

70200009 SOCIOLOGIA
70201005 FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA
70201013 TEORIA SOCIOLÓGICA
70201021 HISTÓRIA DA SOCIOLOGIA
70202001 SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO
70203008 SOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO
70204004 SOCIOLOGIA URBANA
70205000 SOCIOLOGIA RURAL
70206007 SOCIOLOGIA DA SAÚDE
70207003 OUTRAS SOCIOLOGIAS ESPECÍFICAS

70300003 ANTROPOLOGIA
70301000 TEORIA ANTROPOLÓGICA
70302006 ETNOLOGIA INDÍGENA
70303002 ANTROPOLOGIA URBANA
70304009 ANTROPOLOGIA RURAL
70305005 ANTROPOLOGIA DAS POPULAÇÕES AFRO-BRASILEIRAS

70400008 ARQUEOLOGIA
70401004 TEORIA E MÉTODO EM ARQUEOLOGIA
70402000 ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA
70403007 ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

70500002 HISTÓRIA

70501009 TEORIA E FILOSOFIA DA HISTÓRIA
70502005 HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL
70503001 HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA
70504008 HISTÓRIA DA AMÉRICA
70504016 HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS
70504024 HISTÓRIA LATINO-AMERICANA
70505004 HISTÓRIA DO BRASIL
70505012 HISTÓRIA DO BRASIL COLÔNIA
70505020 HISTÓRIA DO BRASIL IMPÉRIO
70505039 HISTÓRIA DO BRASIL REPÚBLICA
70505047 HISTÓRIA REGIONAL DO BRASIL
70506000 HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

70600007

GEOGRAFIA

70601003 GEOGRAFIA HUMANA
70601011 GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO
70601020 GEOGRAFIA AGRARIA
70601038 GEOGRAFIA URBANA
70601046 GEOGRAFIA ECONÔMICA
70601054 GEOGRAFIA POLÍTICA
70602000 GEOGRAFIA REGIONAL
70602018 TEORIA DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL
70602026 REGIONALIZAÇÃO
70602034 ANÁLISE REGIONAL

70700001

PSICOLOGIA

70701008 FUNDAMENTOS E MEDIDAS DA PSICOLOGIA
70701016 HISTÓRIA, TEORIAS E SISTEMAS EM PSICOLOGIA
70701024 METODOLOGIA, INSTRUMENTAÇÃO E EQUIPAMENTO EM PSICOLOGIA
70701032 CONSTRUÇÃO E VALIDADE DE TESTES, ESCALAS E OUTRAS MEDIDAS
PSICOLÓGICAS
70701040 TÉCNICA DE PROCESSAMENTO ESTATÍSTICO, MATEMÁTICO E COMPUTACIONAL
EM PSICOLOGIA
70702004 PSICOLOGIA EXPERIMENTAL
70702012 PROCESSOS PERCEPTUAIS E MOTORES
70702020 PROCESSOS DE APRENDIZAGEM, MEMÓRIA E MOTIVAÇÃO
70702039 PROCESSOS COGNITIVOS E ATENCIONAIS

70702047 ESTADOS SUBJETIVOS E EMOÇÃO
70703000 PSICOLOGIA FISIOLÓGICA
70703019 NEUROLOGIA, ELETROFISIOLOGIA E COMPORTAMENTO
70703027 PROCESSOS PSICO-FISIOLÓGICOS
70703035 ESTIMULAÇÃO ELÉTRICA E COM DROGAS: COMPORTAMENTO
70703043 PSICOBIOLOGIA
70704007 PSICOLOGIA COMPARATIVA
70704015 ESTUDOS NATURALÍSTICOS DO COMPORTAMENTO ANIMAL
70704023 MECANISMOS INSTINTIVOS E PROCESSOS SOCIAIS EM ANIMAIS
70705003 PSICOLOGIA SOCIAL
70705011 RELAÇÕES INTERPESSOAIS
70705020 PROCESSOS GRUPAIS E DE COMUNICAÇÃO
70705038 PAPEIS E ESTRUTURAS SOCIAIS: INDIVÍDUO
70706000 PSICOLOGIA COGNITIVA
70707006 PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO
70707014 PROCESSOS PERCEPTUAIS E COGNITIVOS: DESENVOLVIMENTO
70707022 DESENVOLVIMENTO SOCIAL E DA PERSONALIDADE
70708002 PSICOLOGIA DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM
70708010 PLANEJAMENTO INSTITUCIONAL
70708029 PROGRAMAÇÃO DE CONDIÇÕES DE ENSINO
70708037 TREINAMENTO DE PESSOAL
70708045 APRENDIZAGEM E DESEMPENHO ACADÉMICOS
70708053 ENSINO E APRENDIZAGEM NA SALA DE AULA
70709009 PSICOLOGIA DO TRABALHO E ORGANIZACIONAL
70709017 ANÁLISE INSTITUCIONAL
70709025 RECRUTAMENTO E SELEÇÃO DE PESSOAL
70709033 TREINAMENTO E AVALIAÇÃO
70709041 FATORES HUMANOS NO TRABALHO
70709050 PLANEJAMENTO AMBIENTAL E COMPORTAMENTO HUMANO
70710007 TRATAMENTO E PREVENÇÃO PSICOLÓGICA
70710015 INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA
70710023 PROGRAMAS DE ATENDIMENTO COMUNITÁRIO
70710031 TREINAMENTO E REABILITAÇÃO
70710040 DESVIOS DA CONDUTA
70710058 DISTÚRBIOS DA LINGUAGEM
70710066 DISTÚRBIOS PSICOSSOMÁTICOS

70800006

EDUCAÇÃO

70801002 **FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO**
70801010 **FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**
70801029 **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**
70801037 **SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO**
70801045 **ANTROPOLOGIA EDUCACIONAL**
70801053 **ECONOMIA DA EDUCAÇÃO**
70801061 **PSICOLOGIA EDUCACIONAL**
70802009 **ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL**
70802017 **ADMINISTRAÇÃO DE SISTEMAS EDUCACIONAIS**
70802025 **ADMINISTRAÇÃO DE UNIDADE EDUCATIVAS**
70803005 **PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO EDUCACIONAL**
70803013 **POLÍTICA EDUCACIONAL**
70803021 **PLANEJAMENTO EDUCACIONAL**
70803030 **AVALIAÇÃO DE SISTEMAS, INSTITUIÇÕES, PLANOS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS**
70804001 **ENSINO-APRENDIZAGEM**
70804010 **TEORIAS DA INSTRUÇÃO**
70804028 **MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**
70804036 **TECNOLOGIA EDUCACIONAL**
70804044 **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM**
70805008 **CURRÍCULO**
70805016 **TEORIA GERAL DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO CURRICULAR**
70805024 **CURRÍCULOS ESPECÍFICOS PARA NÍVEIS E TIPOS DE EDUCAÇÃO**
70806004 **ORIENTAÇÃO E ACONSELHAMENTO**
70806012 **ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL**
70806020 **ORIENTAÇÃO VOCACIONAL**
70807000 **TÓPICOS ESPECÍFICOS DE EDUCAÇÃO**
70807019 **EDUCAÇÃO DE ADULTOS**
70807027 **EDUCAÇÃO PERMANENTE**
70807035 **EDUCAÇÃO RURAL**
70807043 **EDUCAÇÃO EM PERIFERIAS URBANAS**
70807051 **EDUCAÇÃO ESPECIAL**
70807060 **EDUCAÇÃO PRE-ESCOLAR**
70807078 **ENSINO PROFISSIONALIZANTE**

70900000

CIÊNCIA POLÍTICA

70901007 **TEORIA POLÍTICA**
70901015 **TEORIA POLÍTICA CLÁSSICA**
70901023 **TEORIA POLÍTICA MEDIEVAL**

70901031 TEORIA POLÍTICA MODERNA
70901040 TEORIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA
70902003 ESTADO E GOVERNO
70902011 ESTRUTURA E TRANSFORMAÇÃO DO ESTADO
70902020 SISTEMAS GOVERNAMENTAIS COMPARADOS
70902038 RELAÇÕES INTERGOVERNAMENTAIS
70902046 ESTUDOS DO PODER LOCAL
70902054 INSTITUIÇÕES GOVERNAMENTAIS ESPECÍFICAS
70903000 COMPORTAMENTO POLÍTICO
70903018 ESTUDOS ELEITORAIS E PARTIDOS POLÍTICOS
70903026 ATITUDE E IDEOLOGIAS POLÍTICAS
70903034 CONFLITOS E COALIZÕES POLÍTICAS
70903042 COMPORTAMENTO LEGISLATIVO
70903050 CLASSES SOCIAIS E GRUPOS DE INTERESSE
70904006 POLÍTICAS PÚBLICAS
70904014 ANÁLISE DO PROCESSO DECISÓRIO
70904022 ANÁLISE INSTITUCIONAL
70904030 TÉCNICAS DE ANTECIPAÇÃO
70905002 POLÍTICA INTERNACIONAL
70905010 POLÍTICA EXTERNA DO BRASIL
70905029 ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS
70905037 INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL, CONFLITO, GUERRA E PAZ
70905045 RELAÇÕES INTERNACIONAIS, BILATERAIS E MULTILATERAIS

80000002

LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTES

80100007

LINGÜÍSTICA E LETRAS

80101003 TEORIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA
80102000 FISIOLOGIA DA LINGUAGEM
80103006 LINGÜÍSTICA HISTÓRICA
80104002 SOCIOLINGÜÍSTICA E DIALETOLOGIA
80105009 PSICOLINGÜÍSTICA
80106005 LINGÜÍSTICA APLICADA
80201008 LÍNGUA PORTUGUESA
80202004 LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
80203000 LÍNGUAS CLÁSSICAS
80204007 LÍNGUAS INDÍGENAS

80308023	ROTEIRO E DIREÇÃO CINEMATOGRAFICOS
80308031	TÉCNICAS DE REGISTRO E PROCESSAMENTO DE FILMES
80308040	INTERPRETAÇÃO CINEMATOGRAFICA
80309003	ARTES DO VÍDEO
80310001	EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

90000000

OUTROS

90100000

MULTIDISCIPLINAR

Anexo 31

Banco de Currículos: referente as cinco mulheres entrevistadas, montado com o intuito de facilitar a visualização da trajetória profissional da população estudada.

Currículo – Mulheres Entrevistadas				
Dados Pessoais				
Nome (Fictício)	Sexo	Idade	Idioma Fluente	Titulação Máxima
1	F	35	Alemão e Inglês	Pós-Doutorado
2	F	45	Alemão e Inglês	Livre Docência
3	F	40	Alemão e Inglês	Pós-Doutorado
4	F	37	Inglês e Espanhol (Alemão razoável)	Pós-Doutorado
5	F	50	Alemão, Inglês e Espanhol	Pós-Doutorado

Currículo – Mulheres Entrevistadas				
Dados Referentes ao Exterior: Alemanha				
Nome (Fictício)	Área		Local de Trabalho	
	G. Área	Área	Instituição de Origem	Instituição de Destino
1	Engenharias III	Engenharia Mecânica	Universidade de São Paulo - USP	Ruhr Universität Bochum, RUB, Alemanha
2	Ciências da Saúde	Educação Física	Universidade Federal de Viçosa	Justus Liebig Universität Giessen
3	Ciências Exatas	Química Farmacêutica	Universidade de Brasília	Johann Wolfgang Goethe Universität Frankfurt - JWGUF
4	Ciências Biológicas II	Biologia Molecular	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Gesellschaft Fur Biotechnologische Forshung - GBF
5	Ciências Sociais Aplicadas I	Comunicação e Semiótica	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Technische Universität Berlim - T.U.B

Currículo – Mulheres Entrevistadas

Dados Referentes ao Exterior: Alemanha					
Nome (Fictício)	Modalidade	Ano de Início	Ano de Término	Trabalho	
				Orientador	Título do Projeto
1	Doutorado	1992	1997	Michael Pohl	Modificação da superfície de aço ferrítico-austeníticos ao cromo e níquel através da introdução de nitrogênio.
2	Doutorado	1989	1993	Ute Wasmund Bodenstedt	Avaliação do crescimento físico e desempenho físico de crianças e adolescentes.
3	Doutorado	1987	1990	Hermann Hoffmann	Elektrochemisches Verhalten von 5-Brom-5-Nitro-1,3-Dioxan und verwandten Verbindungen.
4	Doutorado	1990	1994	John E.G. McCarthy	Translational Control in Yeast: the Roles of mRNA Leader Sequence and Structure.
5	Doutorado	1992	1998	Roland Posner	Semiótica do medicamento, o medicamento nos contextos de doença e saúde.

Todas as entrevistadas receberam bolsa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico / DF

Currículo – Mulheres Entrevistadas

Nome (Fictício)	Vínculo Atual	Situação Profissional		
		Cargo Atual	Último Cargo Administrativo	Data
1	Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR	Pesquisa e Desenvolvimento		
2	Universidade de São Paulo - USP	Professor Doutor	Direção e Administração, Escola de Educação Física, Departamento de Esportes	1996
3	Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP	Professor MS-3		
4	Universidade de São Paulo - USP	Professor Doutor		
5	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC / SP	Pesquisadora	Diretora de Centro de Pesquisa: Centro de Estudos em Ciências Cognitivas e Semióticas	2001

Currículo – Mulheres Entrevistadas		Situação Profissional (continuação)	
Nome (Fictício)	Grupo de Pesquisa Atual	Líder do Grupo e Instituição	
1	Processamento Avançado de Ligas Metálicas	Maurizio Ferrante - UFSCAR	
2	Desempenho Desportivo	Maria Augusta Peduti Dal'Molin Kiss; Maria Tereza Silveira Bohme - USP	
3			
4			
5			

Currículo – Mulheres Entrevistadas		Publicações no Brasil					
Nome (Fictício)	Total Brasil	N.º de Artigos	Data do 1º artigo	N.º de Livros	Data do 1º Livro	Anais de eventos	N.º de capítulos
1	15	3	1997	1	2001	11	
2	140	30	1986			87	3
3	47	5	1994			40	
4	6					6	
5	1	1	2000				

Currículo – Mulheres Entrevistadas		Publicações no Exterior					
Nome (Fictício)	Total Exterior	N.º de Artigos	Data do 1º artigo	N.º de Livros	Data do 1º Livro	Anais de eventos	N.º de capítulos
1	15	11	1998	1	1997	3	
2	16	3	1999			13	
3	9	7	1988			2	
4	14	6	1993			8	
5	9	6	1992	1	1998	2	

Currículo – Mulheres Entrevistadas				
Nome (Fictício)	Graduação			
	Área	Instituição	Início	Término
1	Engenharia de Materiais e Metalúrgica	Universidade de São Paulo - USP	1985	1989
2	Educação Física	Universidade de São Paulo - USP	1975	1977
3	Química	Universidade de Brasília - UNB	1980	1983
4	Ciências Biológicas	Universidade Estadual de Londrina - UEL	1982	1985
5	Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC / SP	1971	1975

Currículo – Mulheres Entrevistadas				
Nome (Fictício)	Mestrado			
	Área	Instituição	Início	Término
1	Engenharia Metalúrgica	Universidade de São Paulo - USP	1990	1991
2	Educação Física	Universidade de São Paulo - USP	1982	1985
3	Química	Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP	1984	1986
4	Genética e Biologia Molecular	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS	1986	1990
5	Comunicação e Semiótica	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC / SP	1985	1989

Currículo – Mulheres Entrevistadas				
Nome (Fictício)	País	Orientador	Mestrado (continuação)	
				Teve bolsa?
1	Brasil	Angelo Fernando Padilha	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico / DF	
2	Brasil	Maria Augusta Peduti Dal Molin Kiss	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	
3	Brasil	Luiz Manuel Aleixo	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico / DF	
4	Brasil	Diógenes Santiago Santos	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	
5	Brasil	Lucrecia D'Aléssio Ferrara		

Currículo – Mulheres Entrevistadas			
Nome (Fictício)	Área	Pós Doutorado	
		Instituição	Início Término
1	Fundição, Tratamento Térmico, Mecânicos e Químicos, Estrutura dos Metais e Ligas	Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR	1999
2	Transformação de Fases	Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR	1998 1999
3	Ela fez 3 especializações depois da graduação: 2 Administração esportiva SP e 1 na UFRRJ Ciência da Performance humana.	Universidade de São Paulo - USP	1999 1999
4	Fez Livre Docência - Educação Física	Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP	1995 1996
5	Química Analítica - Análise e Controle de Medicamentos	University of Rochester - U.R.	1995 1996
	Controle de Expressão Gênica	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo	1999 2000
	Semiótica, Medicina, Neorologia		

Currículo – Mulheres Entrevistadas		
Nome (Fictício)	País	Pós Doutorado (continuação)
		Teve bolsa?
1	Brasil	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
2	Brasil	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico / DF
3	Brasil	
4	Estados Unidos	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico / DF
5	Brasil	National Institutes Of Health
		Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

Anexo 32

Tabelas das entrevistas realizadas visando uma melhor visualização e organização do quadro de questões objetivadas na proposta do roteiro de trabalho. (Os números do lado esquerdo da tabela, que vão de 1 a 5, correspondem as mulheres entrevistadas)

Questão 1 - Escolha pelo país e o contato com a estrutura alemã de formação	
1	a) Curiosidade em ir morar fora. b) Coincidiu de um professor da faculdade ter contato com a Alemanha e surgir a oportunidade.
2	a) Sempre teve vontade de sair do país, principalmente rumo a Europa. b) Procurou a Alemanha devido a tradição da mesma na área de esporte. c) Escreveu um projeto e o DAAD a auxiliou com o contato na Alemanha. Após ter o contato lá, conseguiu bolsa da Capes / DAAD.
3	a) Política da Universidade de Brasília: o Mestrado e ou Doutorado devem ser feitos fora de lá para que você possa ser contratada por eles. b) Quer encontrar na Alemanha o que perdeu lá, uma vez que ela é alemã mas veio para o Brasil "forçada" pelo pai. c) Sua mãe por trabalhar na embaixada tinha muito contato com pesquisadores estrangeiros e a ajudou no contato. Ela queria algo na área de química ambiental e conseguiu, porém no meio do caminho o professor que ia orientá-la faleceu, dessa maneira, ela conseguiu um professor somente na área de química farmacêutica e aceitou o desafio.
4	a) A Alemanha tinha um convênio com um instituto de pesquisa de Joinville e abriu-se uma oportunidade para que as pessoas de Porto Alegre (o caso dela) fossem trabalhar na Alemanha intermediadas por tal convênio. b) O momento político na época em que ela foi conseguiu sua bolsa era do governo Sarney, que por sua vez, colocou a biotecnologia como área prioritária e dessa forma, segundo a entrevistada, ficou mais fácil para se conseguir bolsa. c) Fez Goethe no Brasil e segundo ela, por esse motivo (ter aprendido a língua) foi uma das poucas pessoas a aceitar ir para a Alemanha. d) Seu orientador é inglês mais havia ido para Alemanha fazer o pós-doutorado e foi contratado, ficou lá 15 anos. e) Foi num seminário realizado em Porto Alegre que ela teve contato com um professor do instituto de Joinville e que essa oportunidade surgiu.
5	a) Sempre teve vontade de sair do país. b) A partir do incentivo de seu orientador da PUC – SP, que já havia feito seu doutorado lá e que portanto podia lhe dar dicas, ela mandou um projeto para a Alemanha.

Questão 2 - Vivência em outra cultura e outro sistema universitário	
1	<ul style="list-style-type: none"> a) Fase de adaptação: Ou você ama ou odeia - demorou mais ou menos 1 ano e meio sua adaptação. b) Teve um namorado lá. c) Procurava freqüentar lugares onde as pessoas tinham os mesmos interesses que ela. d) Sua aparência física, segundo ela, a ajudou em sua socialização. (loirinha, clara)
2	<ul style="list-style-type: none"> a) Casada com descendente de alemão, segundo ela não teve problema em se adaptar com a cultura. b) Qualidade de vida muito melhor, segundo ela não é a loucura que é aqui. c) Foi muito bem recebida, não teve problema de relacionamento.
3	<ul style="list-style-type: none"> a) Ela sempre procurava os brasileiro para se relacionar por ter maior identificação com eles, lá teve namorados e o apoio da família que lá reside. b) Ela disse que fazia uma outra idéia da Alemanha, no trabalho todos se chamavam pelo sobrenome, faltava o calor humano do brasileiro, segundo ela, o seu crescimento foi muito mais no nível pessoal do que profissional. c) Segundo ela, nossa formação acadêmica, a brasileira, é muito boa pois tudo que ela desenvolveu lá conseguiu continuar aqui. Só o sistema universitário é que se difere, por exemplo lá um doutores não saem habilitados para dar aula como os do Brasil, eles ainda tem que prestar outros exames.
4	<ul style="list-style-type: none"> a) Ela foi sozinha e falava pouco alemão, mas em seu instituto de pesquisa falavam também o inglês. Mesmo assim continuou a fazer o curso de Alemão lá. b) Depois de três meses seu namorado foi para lá também. c) Se adaptou bem, seus colegas de laboratório eram de culturas bem diversificadas e todos procuravam sair juntos.
5	<ul style="list-style-type: none"> a) Além da língua, outra dificuldade a ser enfrentada por ela foi o fato de ter ido para Berlim e lá na época a dificuldade de comprar imóvel era grande, por isso, ela se mudou várias vezes de residência. (oferta de imóvel pouca e cara). b) Segundo ela o alemão é uma língua iper lógica e isso a ajudou a ser enquanto pessoa mais lógica. O convívio lá com professores e pesquisadores foi ótimo, tanto que até hoje ela continua com seus contatos indo sempre para lá.

Questão 3 - Contribuições do estudo no exterior para a carreira	
1	<ul style="list-style-type: none"> a) Método de trabalho, a maneira como os alemães exercem o trabalho. b) Hábitos de trabalho e metodologia.
2	<ul style="list-style-type: none"> a) As disciplinas que cursou lá, segundo ela, contribuíram no sentido dela atualizar-se com relação a linguagem científica da área. b) Ver o tipo de trabalho, como o Alemão pensa, age, a sistematização do trabalho, isso sempre contribui muito para mim, lá tive foi um crescer constante neste sentido.
3	<ul style="list-style-type: none"> a) Segundo ela, seu crescimento foi mais a nível pessoal, ela disse que poderia plenamente ter realizado a sua tese no Brasil. Segundo ela todas as dificuldades que passou lá a fizera passar qualquer coisa aqui.
4	<ul style="list-style-type: none"> a) Segundo ela, o que foi desenvolvido por ela na Alemanha, não seria possível de ser feito aqui no tempo em que foi realizado lá. b) Por continuar na mesma área, ela trabalha aqui usando a mesma forma de trabalho que aprendeu lá. c) Pelo fato de ser um país desenvolvido a Alemanha proporcionou, segundo ela um grande avanço em seu trabalho, não pelo país, mas sim pelo desenvolvimento que ele tem na área em questão. d) Aprendeu novos métodos de trabalho e conheceu pessoalmente autores que apenas lia em textos.
5	<ul style="list-style-type: none"> a) Aprendeu lá a fazer pesquisa e trabalhos acadêmicos, como as maiores indústrias farmacêuticas se encontram na Alemanha, lá ela teve acesso a um material muito vasto para seu trabalho, o que aqui não teria possibilidade de adquirir com tamanha riqueza.

Questão 4 - O que o fato de ser mulher contribuiu (ou não) para a experiência no exterior	
1	<ul style="list-style-type: none"> a) No curso de Alemão que realizou na Alemanha a maioria eram mulheres. b) Não sentiu nenhuma interferência pelo fato de ser mulher, uma vez que quando foi para lá nos estudos iniciais a maioria eram mulheres. c) Na faculdade (no Brasil) por ser uma das únicas mulheres no curso era muito bem tratada, muito bajulada.
2	<ul style="list-style-type: none"> a) Ela disse que foi recebida como estrangeira mas de igual para igual. b) O que ela achou interessante foi o fato de sua orientadora ser super feminista ela fez a seguinte observação: Eu acho que não é que falte espaço para as mulheres na carreira universitária, o que acho é que as mulheres ficam pelo caminho, mas quem quer continuar, os espaços estão aí, somos minoria, mas pelo fato de eu ser mulher não enfrentei problema algum.
3	<ul style="list-style-type: none"> a) Ela sofreu duas discriminações: Por estar na área de exatas e por ser de um país em desenvolvimento. b) Você tem que mostrar que sabe caso contrário é colocada de lado. c) Um de seus professores falava que lugar de mulher é na cozinha, em seu instituto basicamente só tinham homens. d) Segundo ela a discriminação que sofreu durou um ano, mas depois ela conseguiu até ser líder de grupo e organizar o laboratório que trabalhava. e) Conta ela que na Alemanha as indústrias só empregam o necessário, por lei, de mulheres para trabalhar, pois dizem que as mulheres devido ao cuidado com a casa e os filhos vão ter que faltar mais. f) Aqui ela nunca se sentiu discriminada por ser mulher, mas lá sim.
4	<ul style="list-style-type: none"> a) Aqui no Brasil grande parte das professoras (na área dela) são mulheres, mas na Alemanha não, ela acha que é porque eles são mais tradicionais, não sentiu nenhuma dificuldade por ser mulher.
5	<ul style="list-style-type: none"> a) Não pelo contrário, foi muito bem acolhida e tratada como colega, teve respeito e consideração de muitas colegas. b) Segundo ela, sua aparência mais alemã (loira, alta) contribuiu para ser melhor acolhida.

Questão 5 - Considerações sobre a organização familiar das bolsistas

1	a) Foi sozinha e arrumou um namorado lá, o que terminou por lá mesmo. Foi e voltou sozinha.
2	a) Quando foi já era casada e tinha dois filhos. b) Disse que sem o apoio do marido jamais poderia ter ido, pois ele ficou com os filhos para que ela pudesse ir para Alemanha primeiro e arrumar toda a situação dela por lá para que depois toda a família pudesse ir também. c) Seus filhos um menino (3 anos) e uma menina (5 anos) ficaram com seu marido no Brasil e depois todos foram pra lá.
3	a) Ela foi solteira lá chegou até a namorar. b) O que para ela foi importante foi o fato de ter parentes lá e de sua irmã ter ficado grávida e ter tido neném enquanto ela estava lá e isso foi muito gratificante para ela, poder acompanhar o crescimento do sobrinho.
4	a) Foi sozinha e depois de três meses seu namorado brasileiro foi morar com ela, até hoje eles namoram.
5	a) Foi com seu filho ainda pequeno para lá. Permaneceu solteira segundo o que me relatou.

Anexo 33

ENTREVISTA n°1

Descrição

Hoje, dia 12/04/2002 as 10:30h da manhã saí de casa rumo a cidade de São Carlos onde realizarei a primeira entrevista com uma das pesquisadoras selecionadas. A viagem foi feita em uma hora e meia até a Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

Cheguei lá por volta de 13:00h da tarde, meu horário estava marcado para as 14:00h. Procurei o lugar combinado e fiquei aguardando. Quando foi 14:30h a Profa. A ser entrevistada (quem eu esperava) chegou. A entrevista foi feita no laboratório que ela trabalha, em meio a muitos equipamentos e com a presença de um outro pesquisador que ali trabalhava, lendo seus estudos. O lugar estava calmo e silencioso. Na sala só tinham dois computadores, três mesas para estudos pessoais e muitas máquinas utilizadas para os estudos de desenvolvidos na área de mecânica.

Logo que me viu a entrevistada disse "Ah, esqueci de pegar as fotos" (pedi para todas as entrevistas trazerem fotos da viagem para a Alemanha em nosso encontro).

Entrando na sala de trabalho da entrevistada, nos sentamos em sua mesa, uma ao lado da outra, gravei a entrevista e fiz anotações, pois ela falava extremamente baixo e fiquei com medo de não compreender bem o que foi gravado depois.

A entrevista demorou uma hora exata, saí de lá 15:30h. Ela foi super gentil, pediu até que eu mandasse se possível para ela via e-mail o trabalho com os bolsistas que foram para a Alemanha, prometi enviar o artigo que estou escrevendo depois de pronto.

QUALIFICAÇÃO (Ver Anexo 31 – Currículo detalhado)

Sexo: F

Idade: 35 anos

Data de nascimento: Ano de 1967

Tipo de formação: Engenharia de Materiais e Metalúrgica

Titulação máxima: Pós-Doutorado

Emprego Atual: Pesquisa e desenvolvimento na Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

Graduação Instituição e Área: Universidade de São Paulo – USP / Engenharia de Materiais e Metalúrgica

Mestrado Instituição e Área: Universidade de São Paulo – USP / Engenharia de Materiais e Metalúrgica

Doutorado Instituição e Área: Ruhr Universitat Bochum, RUB, Alemanha / Engenharia Mecânica Ênfase em Materiais

Pós Doutorado Instituição e Área: Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR / Fundição, Tratamento Térmico, Mecânicos e Químicos, Estrutura dos Metais e Ligas

Local onde foi realizada a entrevista: Departamento de Engenharia de Materiais (DEMa) da UFSCar, via Washington Luís, km 235.

Laboratório do Prof. Maurizio Ferrante.

Data: 12/04/2002

Nome da Pesquisadora entrevistada: O nome fictício será dado de acordo com a ordem das entrevistas. Esta foi a primeira entrevistada, portanto o nome dela será 1.

Gravação feita na entrevista (Transcrição, Tematização e Análise):

Processo de mobilidade geográfica

" Olha eu nasci em São Paulo, então estudei a vida inteira lá. Meus pais moram na região da Lapa e eu estudei o primário no alto da Lapa...e o colegial fiz...entre a Vila Madalena e Pompéia."

Escolaridade

"E toda minha vida foi em escola pública. Meus pais moram na região da Lapa e eu estudei o primário no alto da Lapa...e o colegial fiz...entre a Vila Madalena e Pompéia."

Primeira parte do primário foi em uma escola a Segunda parte foi em outra escola. Depois no final do segundo colegial eu ganhei uma bolsa para fazer cursinho no ETAPA. Aí fiz o terceiro colegial e o cursinho o terceiro colegial de manhã e o cursinho a tarde, e...prestei vestibular no ano de 84, 85 entrei na poli, na USP, me formei em 89, em 90, 91 fiz o meu mestrado e em 92 eu fui fazer o doutorado na Alemanha fiquei até é...doutorado eu fiz até Abril de 97. Em 98 voltei pro o Brasil e vim trabalhar aqui em São Carlos onde eu to até agora."

Você chegou a fazer curso de línguas durante sua escolarização?

"Eu fiz...bom paralelo a escola sempre o Inglês a partir da 5ª série até o colegial quando, assim já...já julgava que tinha um inglês mais ou menos bom, na época de faculdade aí eu resolvi fazer Alemão, fiz dois anos de curso de Alemão e aí coincidiu de ter um professor da faculdade que tinha contato com universidades na Alemanha tal, e aí acabei indo para fazer meu doutorado lá."

Os dois cursos foram pagos?

"É, o curso de Inglês meus pais sempre pagaram tal e o curso de Alemão é eu pagava com dinheiro de estágio, né, durante a faculdade...a partir do terceiro ano de faculdade eu fiz é... sempre fiz estágio."

Estando numa área onde a maioria são homens como você se sente, você sente alguma dificuldade quanto ao fato de ser mulher? Teve alguma dificuldade?

" Não, a faculdade eu achei divertido porque todo mundo te tratava super bem (risadas) era aquela coisa assim né, são poucas mulheres, eu era...bom, a minha turma era uma turma de...nós começamos em quarenta pessoas na turma de faculdade e no meio do caminho as pessoas vão desistindo e a gente terminou, fechou com 16 alunos, e eu era a única mulher. Mas era, assim...é...na faculdade em si, na Poli nos outros cursos era...o número de mulheres era sempre pequeno e a gente acabava conhecendo as outras meninas por, sei lá, praticar esporte, todas que nadava...que nadava era o mesmo grupo, quem jogava vôlei era o mesmo grupo que jogava basketo (risadas) então a gente teve um entrosamento bastante grande, né, através dessa..."

Como foi a escolarização dos seus pais.

"Bom, meu pai...meu pai, há...ele...começou com curso de Senai, fez...sempre trabalhou em empresa né, depois fez uma faculdade de administração de empresas e sempre trabalhou como, bom...na área industrial tal...engenharia, é na área de engenharia mecânica, projeto, ele foi gerente industrial de uma empresa ali no alto da Lapa. E minha mãe, minha mãe, acho que também escola, em termos de escolaridade fez sempre escola pública, meu pai fez faculdade privada, administração acho que ele fez em Taubaté e depois dos 40 anos ele resolveu fazer direito fez em...Minha mãe fez escola pública até... " Sua mãe fez faculdade no Mackenzie.

Seus pais incentivaram seus estudos, influenciaram em sua carreira?

"Acho que foi essencial, porque eles sempre acompanharam muito a escola tanto minha quanto das minhas irmãs, e... incentivaram além da escola buscar outros tipos de conhecimento, então a gente tinha aulas de música, dança, é no caso inglês que a gente começou muito cedo, né, e eles procuravam acompanhar de perto o rendimento escolar."

Quanto sua trajetória após o ensino superior. Como foi a pós-graduação? Decisão baseada em que? Porque? Estudar no exterior? Porque? Quanto à escolha do país.

"É o curso, porque o curso? Ah, talvez por influência, assim eu, uma coisa que a gente, por falta de tempo dos pais, né, a gente acabava indo ou na fábrica pra ficar lá sentadinha desenhando e acompanhava mais ou menos o movimento que acontecia por lá, ou ia, no trabalho da minha mãe, ela trabalhava como advogada, então a gente falava que ela advogada de separação de casais (risos) e assim eu tomei gosto por essa parte de mecânica e meu pai tinha uma oficina, uma pequena oficina no fundo do quintal, e ele e meu avô mexiam no torno sozinhos, mexiam com...então eu sempre me interessei por essa parte de engenharia e tanto é que...bom, quando eu fiz vestibular em 84 era...você tinha 1ª opção 2ª opção e 3ª opção né, foi um período que você escolhia o que queria fazer de engenharia no vestibular e eles sempre mudam isso né, antes era primeiro e segundo ano aí voltaram pro vestibular agora passaram para o primeiro e segundo ano de novo. Minha 1ª opção era mecânica e minha 2ª opção era metalurgia e eu entrei em Segunda opção, fui fazer e gostava daquilo. Antes do estudo no exterior tem mestrado, que assim, eu acho que...bom através...no terceiro ano de faculdade eu comecei a fazer estágio no IPT e mexi mais ou menos durante três anos com o mesmo assunto e como não era um instituto de pesquisa, tal, né eu tinha intenção de fazer mestrado já tava logo

na minha cabeça, eu procurei...tinha um professor que eu procurei pra resolver as dúvidas que eu tinha né, e falei pra ele que tava afim de fazer mestrado e ele me aceitou como aluna né, eu falei que queria fazer naquele assunto que eu já tava mexendo no estágio né, ele falou não é muito meu assunto mas se você quiser fazer isso, eu queria se fosse possível fazer junto com uma empresa, mas aí casou de justamente ter uma empresa que queria, mais ou menos na mesma área, que queria um estudo e eu fiz. Meu mestrado então eu fiz com o assunto, o tema direcionado para aquilo que essa empresa queria e...que mais...bom...e enfim...entrei em contato com esse professor...Ele era uma pessoa que tinha estado na Alemanha, tinha contato com o pessoal de lá e na época a gente recebia muitas visitas de professores estrangeiros, eu aproveitei...sempre aproveitei essas visitas e tentei como estudante ainda terminando a faculdade depois primeiro ano de mestrado fazer os cursos que eles ofereciam e numa dessas visitas eu conheci meu orientador de doutorado. Como a gente tinha um projeto na Poli que era desenvolvido por esse professor também na Alemanha a gente pediu uma bolsa CNPq / DAAD eu terminei o mestrado e até eu pedir bolsa e conseguir a viagem fui trabalhar na COPESP, num período de três meses. Quando fui para Alemanha tive que fazer primeiro um curso de alemão, foi de 4 meses e depois desses 4 meses é que eu fui para...O DAAD pagou o curso de língua e o CNPq pagou o período que eu fiquei na universidade. “

Como foi sua passagem pela Alemanha. Desde a ida até a volta ao Brasil.

“ Se faz o curso de língua, faz um exame...é...no fim do curso, no fim desse curso, que é como se fosse um tofel, mais do que um tofel é um...assim ele não é...é um teste que vê como é que tá a sua interpretação da língua, como você tá lendo, como você tá escrevendo, se você consegue acompanhar uma palestra, então tem um exame que é você ouve alguém falando e tem que rescrever com as suas palavras o assunto, então é um exame que é assim obrigatório para eles te aceitarem na universidade. Depois na universidade eles tem que reconhecer o seu diploma então depende de universidade para universidade de curso para curso, não é muito fixo, depende da análise do teu currículo eles falam quantas matérias você tem que fazer e provas existem somente provas orais ou escritas, o sistema de curso deles, ali, que dizer eles tem graduação que tem diploma e logo em seguida o doutorado não tem o mestrado, é eles reconhecem o mestrado daqui do Brasil como se fosse o trabalho de diploma, seria o trabalho de fim de curso e analisam o currículo, e eles dão...é difícil eles darem equivalência total, você faz algumas matérias da graduação, e a prova escrita, os cursos geralmente na faculdade na

Alemanha são, é um semestre e tem um exame no final do curso, então é esse exame final que você faria. É no meu caso eu fiz dois exames orais, eu não precisei fazer os escritos."

Você teve dificuldade em se adaptar ao sistema alemão de ensino e a cultura?

" O esquema de...deixa eu pensar...a gente sai do curso de língua falando razoavelmente bem a língua, dá pra se virar bem, quer dizer, realmente passando aquele exame de língua você está em condições de se comunicar com as pessoas sem ter muitos problemas. Tem uma fase de adaptação de...aos costumes né...que é ou a pessoa se adapta ou fica odiando o país pro resto da vida (risos) que é...entender, eles são muito impermeáveis a contato, o americano conversa muito fala, fala, fala mesmo não te dando intimidade, mas é mais fácil de se localizar né. Eles já são muito fechados, então você passa um tempão então as pessoas te cumprimentam e perguntam sobre o tempo, tempo ruim, tá bom hoje não sei o que, vai chover tá sol...(risadas) e mais ou menos assim, demora um tempo até você adquirir a cor do local né, que é entender linguagem corporal, saber como é que as pessoas se comunicam, o jeito das pessoas se comunicarem é bem diferente. então isso demorou mais ou menos um ano e meio, num ambiente de trabalho, né. Durante o curso de língua você tá em contato com muito estrangeiro, todo mundo na mesma situação, então você conhece outros brasileiros, a coisa é mais na novidade, então os primeiros 6 meses de trabalho também é tudo meio novidade, se vai...depois de um ano que você tá longe de casa, sozinha..."

Você foi sozinha e ficou todos esses anos sozinha?

"Eu fui sozinha, é eu arrumei um namorado lá, mas eu fiquei sozinha, morei sozinha, é se encontra sempre com pessoas do seu país, as vezes...é tem uma coisa que é chata que é aquela do imigrante que fica reclamando porque tá lá e que acha horrível e que não sei o que, quer dizer são aquelas coisas que você tá vivendo no dia a dia se não que mais ouvir porque essa coisa te põe só pra baixo, então, assim você passa um primeiro momento procurando brasileiros e depois eu (risos) falei de choradeira chega né. Então...aí me entrosei mais com os Alemães também fiz amizades né, eu procurei sempre freqüentar lugares que tinham pessoas que tinham coisas em comum ou afim né, é de mesmo interesse, por exemplo, eu sempre gostei muito de caminhar de escalar, então na faculdade eles tinham curso de escalada eu fazia conheci gente, aí você se entrosa num grupo...é difícil justamente isso, você entrar num grupo, uma vez entrando num grupo

você...as pessoas te apresentam pra outros e você deixa de ser um estranho né, essa entrada que é mais complicada e que se você fica num círculo só dos estrangeiros você nunca vai sair, é não é que eu fiz vários amigos, porque os amigos que você faz são muito poucos, mas é...sei lá...deu pra..."

Você tem alguma ascendência Alemã? (Perguntei porque ela tinha todo estereótipo do povo alemão)

"Não de Alemão não, meus avós são Lituanos por parte de pai, então (risos), bom a aparência física ajuda um pouco também, por ser loira assim você não cai muito na vista, eu costumava dizer que quando eles percebiam que eu era estrangeira era tarde demais eles já tinham sido simpáticos."

Como foi o retorno ao Brasil e a inserção no mercado de trabalho (como conseguiram os empregos, se foi difícil ou não, o que foi aproveitado para o trabalho?)

"Durante os cinco anos que eu fiquei lá, eu mexi com muita coisa diferente, muita técnica, técnica experimental, bastante coisa diferente, se bem que tudo...aqui em São Carlos eles tem mais equipamento disponível do que eu teria no instituto lá na Alemanha, onde eu fiquei, mas sei lá você aprende a maneira de trabalho, como eles trabalham lá, em termos de análises o que eu fiz lá eu poderia...não fiz nada que não pudesse fazer aqui, quer dizer tem um ou outro ensaio, coisas mais complicadas na área de física que aqui não seria possível fazer, mas a maioria das coisas eu poderia ter feito aqui. Acho que é mais pelo método de trabalho a maneira de trabalhar mesmo. Na minha volta, antes eu entrei em contato com esse meu ex-orientador do mestrado e primeiro perguntei para ele qual seria a maneira...quem ele me indicaria para minha volta. Ele me indicou duas pessoas, uma é o prof. Ferrante e o outro era um professor de Florianópolis. Entrei em contato com esses dois, primeiro o de Florianópolis seria pra continuar fazendo aquilo...dentro da mesma área que eu estava trabalhando e eu optei por aqui UFSCAR) era um esquema totalmente diferente, eu já tava meio cansada de fazer aquilo (risos) por um lado e por outro era uma questão pessoal mesmo eu não querer sair do estado de SP e tal."

Você resolveu ir ao exterior visando seu currículo?

“Não foi mais a curiosidade de ir morar fora, eu nunca pensei muito em currículo, então...eu já fiz o mestrado querendo fazer o doutorado no exterior, querendo morar em outro país para ver como é que era (risos). Eu tinha essa oportunidade e acabei aproveitando.”

Você já estudou em outros países também?

“Não, quer dizer, passei... assim coisinha rápida né, durante meu período lá um pouco na França pra fazer uns testes lá, e dentro da Alemanha em outros institutos, um ano atrás eu fui para os EUA para fazer uma visita e participar de um curso, mas assim num período curto”.

Para você o fato de ser mulher interferiu de alguma maneira em seu estudo no exterior? (Eu contei à ela a respeito da diferença quantitativa entre os homens e mulheres que vão estudar na Alemanha e ela se chocou, disse que nunca havia pensado nesta questão e que achava interessante e contou:)

“ É engraçado porque tinha até que...quando eu fiz o curso de alemão a maioria era mulheres (risos), assim é tinha mais uma engenheira, duas biólogas é... uma pessoa da área de humanas, a maioria era de mulheres, na época que eu fui a maioria não era de homens, nunca tive essa idéia. Como fui pra lá solteira desimpedida totalmente não senti nenhuma interferência pelo fato de ser mulher.”

Se você considera que a sua experiência na Alemanha foi bem sucedida e a que atribui isso. A passagem pela Alemanha influenciou a maneira como exercem a profissão?

“Foi. Hoje em dia de certa forma sim, quer dizer você acaba incorporando certos hábitos de trabalho, certos hábitos de metodologia. Tem pessoas que criam fortes vínculos com o exterior, com as pessoas que conviveu no país onde estudou, foi o que aconteceu com algumas amigas minhas, o que não foi o meu caso, talvez porque eu mudei minha área de trabalho quando voltei para o Brasil.”

Anexo 34

ENTREVISTA nº2

Descrição

Hoje dia 22/04/2002 as 11:00h da manhã saí de casa rumo a cidade de São Paulo onde realizarei no dia 23/04/2002 (amanhã) a segunda entrevista com uma das pesquisadoras selecionadas. Devido a problemas de condução tive que ir um dia antes do dia marcado.

O dia da entrevista:

Cheguei na USP (local combinado para a realização da entrevista) por volta de 10:00h da manhã, meu horário estava marcado para as 14:00h. Procurei o lugar combinado e fiquei aguardando. Como estava com meu pai e ele trabalhou por 12 anos na USP fomos visitar seus antigos colegas de trabalho. Foi muito produtivo o contato com eles, pois havia entre o grupo uma professora que dá aula na engenharia elétrica e que passou o almoço conversando comigo a respeito da experiência dela e de colegas com o estudo no exterior. Uma das coisas que me chamou atenção foi o fato dela der descrito várias experiências de colegas que tiveram suas formações no exterior e depois não conseguiram empregos em empresas e indústrias uma vez que, segundo ela, a qualificação deles era superior a própria gerência a qual deveriam estar submetidos. Uma questão me ocorreu: Será que o investimento no exterior é mais aproveitado quando feito aos que pretendem a carreira acadêmica e aos que vão como sugestão do lugar no qual já trabalham?

Quando foi 13:30h fui para o local da entrevista: Escola de Educação Física da USP. A professora que eu esperava demorou 5 minutos para me atender, enquanto isso posso dizer que fui muito bem recebida, ela havia deixado recado na portaria que quando eu chegasse era para o porteiro me levar até a sala dela e foi lá que eu fiquei aguardando. A entrevista foi feita na sala onde ela trabalha, e esta por sua vez se localiza dentro de uma quadra de esportes. Juntamente conosco na sala estava outra professora que ali trabalha também, ela ficou trabalhando e em nenhum momento nos interrompeu. O lugar estava calmo.

Pude notar algumas pastas na sala que apontasse algum tipo de referências ao exterior, mais especificamente pastas que continham teorias sobre educação física em

inglês. Na sala tinha dois computadores, duas mesas pessoais e muitas estantes com livros e materiais didáticos.

Quando a entrevistada chegou, nos sentamos em sua mesa, uma de frente para a outra, gravei a entrevista e fiz poucas anotações. A entrevista demorou quarenta e cinco minutos, saí de lá 14:50h.

QUALIFICAÇÃO (Ver Anexo 31 – Currículo detalhado)

Sexo: F

Idade: 45 anos

Data de nascimento: Ano de 1957

Tipo de formação: Educação Física

Titulação máxima: Livre Docência

Emprego Atual: Professora Doutora na Universidade de São Paulo - USP

Graduação Instituição e Área: Universidade de São Paulo – USP / Educação Física

Mestrado Instituição e Área: Universidade de São Paulo – USP / Educação Física

Doutorado Instituição e Área: Justus Liebig Universität Giessen / Educação Física

Pós Doutorado Instituição e Área: Universidade de São Paulo – USP / Ela fez 3 especializações depois da graduação: 2 Administração esportiva SP e 1na UFRRJ Ciência da Performance humana.

Local onde foi realizada a entrevista: Escola de Educação Física da USP: Av. Professor Mello Moraes, 65.

Data: 23/04/2002

Nome da Pesquisadora entrevistada: O nome fictício será dado de acordo com a ordem das entrevistas. Esta foi a segunda entrevistada, portanto o nome dela será 2.

Gravação feita na entrevista (Transcrição, Tematização e Análise):

Processo de mobilidade geográfica e Escolaridade

"Bom, no meu tempo escola pública era boa, estava começando a ficar ruim, naquela época se punha em escola pública porque escola pública era boa e acabou, eles tinham estudado em esco.. não, aliás a minha mãe tinha um juramento que filhos dela nunca iam estudar em colégio de freira, ela fez o ginásio em colégio de freira e como ela era de uma família meio desprivilegiada, ela não gostou do tratamento que teve lá na

escola e falou que nunca queria aquilo para os filhos dela. Eu sou proveniente aqui da Lapa do grupo escolar Pereira Barreto depois eu fui para o Instituto Estadual de Educação Anhanguera, lá eu fiz o antigo ginásio e o colegial, aí no meu último ano de colegial eu fiz cursinho junto, cursinho objetivo, prestei Educação Física em Santo André e aqui (USP) e fiz aqui de 75 até 77."

Você chegou a fazer curso de línguas durante sua escolarização?

"Ah, inglês, inglês eu dominava bem, fiz na escola. Sempre fiz inglês paralelo desde a Quinta série, particular, eu fazia tanta coisa, sei lá, meus pais que...eu fazia inglês, piano, costura, datilografia, tudo que aparecia eu tava fazendo...jogava vôlei, atividade de adolescência.... Na medida do possível meus pais sempre me incentivaram nisso."

Como foi a escolarização dos seus pais.

"A minha mãe tinha um juramento que filhos dela nunca iam estudar em colégio de freira, ela fez o ginásio em colégio de freira e como ela era de uma família meio desprivilegiada, ela não gostou do tratamento que teve lá na escola e falou que nunca queria aquilo para os filhos dela. O papai...e depois ela fez normal no Caetano de Campos. O meu pai, ele fez o antigo científico né, no Oswaldo Cruz, mas também foi bolsista, depois também ele fez politécnico na USP, quer dizer sempre foi escola pública também né. Então...e lá naquela época também escola particular a gente falava PP, pagou passou, quem não tinha condição de acompanhar escola pública é que ia pra particular né, infelizmente virou né. Mamãe depois que casou foi só dona de casa. E o papai sempre ficou...quer dizer era engenheiro mais tava sendo administrador de empresas, ele trabalhou na Comac até 1970 eu tinha 13 anos, aí ele saiu, voltou para as origens, ele foi para saec que virou se não me engano sabesp e se aposentou por lá mesmo, trabalhou até 88 que eu saiba, como engenheiro."

Escolha da Pós-Graduação

"Eu sempre gostei de estudar, sempre tive facilidade, desde o primário, naquela época eles davam muitos incentivos para as pesquisas escolares, fazia muito trabalho em grupo e eu sempre me dava bem graças à Deus, modéstia parte (risos). Mas quando eu entrei na faculdade eu entrei com a intenção de, eu era jogadora de vôlei, trabalhar com voleibol, mas como eu falei, quando eu entrei, aí a gente assim..., a expectativa que eu

tinha do curso correspondeu, mais nem tanto, fiquei um pouco frustrada (risos) com o que eu tive aqui, esperava ter tido mais.

E naquela época, no final dos anos 70 tava tendo aquele momento de abertura política, tudo aquilo né, então tinha o pessoal da contestação que sabia brigar, brigar, mais não fazia nada e eu parti do pressuposto que se a gente quiser mudar alguma coisa tinha que participar e procurar atuar no seu micro sistema porque daí as coisas vão se ajuntando e crescendo né. E aí eu optei, coincidiu que começou o curso de mestrado e eu vi que realmente eu gostava disso e cheguei a conclusão também que pra trabalhar na escola com criança eu não ia ter paciência pro resto da vida, eu queria trabalhar com adulto, então foram essas coisas assim que foram me levando a isso que eu faço e eu gosto de estudar...por isso continuei, e a pós-graduação faz parte da carreira universitária né.”

Escolha profissional

“Durante a universidade eu vi que queria fazer carreira universitária, naquele ano estava começando o curso de mestrado em educação física aqui no Brasil e aqui na escola né, aí eu vislumbrei que o caminho era aquele, se quisesse fazer vida acadêmica tinha que partir para a pós-graduação, mas ao mesmo tempo eu não queria trabalhar aqui em São Paulo, queria sair de São Paulo (risos). Aí em 79 eu tive a oportunidade de prestar um concurso na Universidade de Viçosa em Minas Gerais, prestei fui pra lá, e no mesmo ano eu tinha conseguido que a CAPES naquela época, começo dos anos 80 final dos anos 70, eles tinham um programa para os professores, eles mandavam em grupos para fazer mestrado no exterior. E eu fui para Viçosa exatamente por isso, porque um grupo de professores tinha saído pra treinamento e eles precisaram de substituição e eu fui substituir o professor de fisiologia do esforço, mais fiquei, entrei como auxiliar e fiquei. E naquela época eu tinha sido indicada pela pós-graduação aqui de São Paulo, naquela época era muito difícil, eu prestei a pós graduação aqui, o mestrado, de 78 pra 79 em Janeiro, mais era assim, eram 110 candidatos, 120 pra duas três vagas, porque todo mundo precisava, quem já estava no nível superior dando aula, magistério, precisava se capacitar. Tinha o nosso curso aqui, estava começando o curso de Santa Maria naquela época, depois começou o Rio de Janeiro e aí a coisa foi melhorando, naquela época era difícil. “

Carreira profissional após o doutorado

"E aí deu tudo certo, fiz o doutorado, voltei, trabalhei um tempo em Viçosa, e acabei voltando aqui pra USP, por motivos pessoais e profissionais também. Porque é assim, a universidade lá, deu uma parada, todo mundo, se preparou, um estudou até o mestrado...mas depois o corpo docente se acomodou...então assim o que eu tinha feito investimento no doutorado eu vi que não ia dar fruto. E em termos pessoais também que a minha família, meus filhos estava aqui no colégio Humboldt em São Paulo e eu queria proporcionar uma escola melhor pra eles, né. E aí eu fiquei...em Viçosa no final de 96, eu tive oportunidade, prestei o processo seletivo e vim pra cá, aí to aqui (risadas)."

Quanto a oportunidade de estudar no exterior

"Tava recém formada, eles (USP) me indicaram um curso para fazer nos Estados Unidos. E coincidiu que eu fui aprovada em Viçosa e tava com essa bolsa da CAPES para ir pros. Estados Unidos. E eu optei por Viçosa porque eu sabia que Viçosa também tava investindo no corpo docente e quem em no máximo dois anos eu sairia para fazer o mestrado.

Aí eu vim fazer o mestrado aqui em São Paulo, de 82 a 85, voltei pra Viçosa, trabalhei até começo de 89, e nesse período eu comecei a fazer contato, porque eu sempre tive vontade de sair para o exterior, fácil seria ir para os Estados Unidos que eu já tinha o Inglês, meu inglês era bom naquela época, mais eu tinha tipo vontade de assim, Estados Unidos não me apetecia não, eu queria ir para a Europa e se possível pra Alemanha que toda essa tradição na área de esportes e era um desafio também que era mais uma língua para se aprender. E no tempo que eu comecei a fazer o mestrado é que eu comecei a fazer o básico de alemão, no instituto Goethe, aí voltei pra Viçosa comecei a estudar lá, mas sempre, até o intermediário só."

A sua decisão de estudar no exterior, foi baseada em que?

"Desde o tempo do ginásio, aquela época tava começando essa coisa de intercâmbio, eu sempre tive vontade de fazer, mais nunca tinha coragem de pedir para os meus pais pelo fator financeiro né. E quando eu me formei eu tinha isso, eu gostaria de ir fazer alguma coisa ver com é que era tal, aí quando deu a chance, eu falei não...e o doutorado não existia naquela época aqui no Brasil na minha área, aliás começou...foi instituído aqui na escola no ano que eu saí em 89, essa foi a primeira turma. E então assim as condições também estavam propícias, porque como não tinha doutorado no

Brasil, o governo incentivava que a gente fosse pra fora né. E foi tudo isso assim, a vontade tal, de conhecer..."

Quanto ao contato com a estrutura alemã de formação de cientistas

"Eu fiz contato, escrevi, como é que foi mesmo? Eu mandei meu projeto de pesquisa, minha intenção de pesquisa né, pro serviço alemão de intercâmbio acadêmico no Rio, o DAAD né, e eles encaminharam esse projeto para um professor que tinha vindo como convidado, tinha ficado acho que 5 anos na Universidade Federal de Santa Maria. Aí ele mandou meu projeto pra...pra minha futura professora...orientadora, que trabalhava nessa área que eu queria trabalhar que era crescimento e desenvolvimento. Aí isso foi até no mesmo dia, de manhã eu recebi a carta dele e a tarde eu recebi a carta dela (risos), que ela tinha interesse desde que eu tenha me proposto a trabalhar em alemão ela não queria que fosse em inglês, que lá algumas escolas não há a possibilidade de fazer inglês e comecei a trocar correspondência com ela, ela encaminhou toda a papelada na universidade pra que eu fosse aceita e pra ver meu diploma, tudo isso, e daí eu consegui bolsa da CAPES do CNPq/DAAD – Da CAPES eu não fui porque eu teria que ir em Janeiro de 89 e eu não tava preparada, família, filhos tal. Aí eu fui em Abril, fiz um curso intensivo de Alemão, patrocinado pelo DAAD e depois que eu acabei o curso em novembro eu me matriculei na minha universidade, universidade de Gissen, e daí eu comecei a receber bolsa pelo CNPq."

Você teve dificuldade em se adaptar ao sistema alemão de ensino e a cultura?

"Eu sou casada com um descendente de alemão né, então os costumes alemães eu já compartilhava disso por causa dos aspectos familiares, então eu sabia que eles são pessoas assim...difíceis de você entrar, mais depois que você entra, nossa, uma amizade assim ótima, não dá pra...apesar de eles serem fechados e de difícil acesso, mas depois que você faz amizade a coisa fica muito facilitada. As crianças ficaram um mês de boca fechada, mais depois disso não pararam de falar mais alemão estão até hoje falando, não tem o que pague isso! O fato de terem aprendido alemão, isso ninguém tira deles...E assim, os dias que eu não podia vir a tarde pra casa aí eles podiam ficar a tarde no Kindergarden. Sabe, a qualidade de vida não tem nada haver com essa loucura que é aqui...Quando eu pedi informações pro DAAD sobre as universidades alemãs, eles me mandaram diversos caderninhos sobre as universidades, porque naquela época não tinha

internet, nada disso né (risadas), aí a gente procurou ver..., meu marido é veterinário, algum local que tivesse veterinária e educação física."

Como foi a passagem pela Alemanha.

"Eu mandei no escuro pro DAAD minha papelada, e essa professora ela era da universidade de Gissen, que era uma universidade forte na área de ciências agrárias então possibilitaria também que meu marido continuasse fazer alguma coisa lá, se bem que não era o objetivo dele essa parte de...Contei com todo o apoio dele, se não fosse ele né...Aí nessa cidade Gissen , coincidentemente (risos) a madrinha do meu marido era de lá, e ela tinha família lá. E o curso que eu fui fazer de Alemão, o curso intensivo, era um sistema interessante, onde eu fui fazer era em Goettingen, que 170 Km ao norte de Gissen, umas duas horas e pouco de trem, e quando eu peguei o avião eu vi que não estava sozinha, era um grupo de brasileiros que estava indo para a Alemanha fazer esse programa do DAAD e junto comigo pra Goettingen acho que nós fomos em oito ou nove brasileiros, aí quando agente chega lá no instituto, só pessoal do terceiro mundo, o programa que eles tem de intercâmbio é uma coisa assim fenomenal, então era o pessoal da China, África, do mundo inteiro...e eles tinham local, hospedagem, agente recebia bolsa do DAAD, alimentação tava incluída, tudo incluído e o curso seria de 6 meses porque eu peguei o nível básico. E quando eu cheguei lá que eu fiquei sabendo que no final dos 6 meses nós teríamos que fazer uma prova pra poder se matricular na universidade, mais isso eles não falaram aqui, né (risos) então, se eu não conseguisse ser aprovada eu ia ter que voltar para o Brasil. E eu fui em Abril sozinha né, e meu marido ficou em Viçosa cuidando das crianças, a Patrícia tava com 5 e o Gustavo tava com 3 aninhos. Aí logo que eu tive oportunidade eu fui pra Gissen e tinha conhecido outros brasileiros que já estavam fazendo curso lá, em outra turma antes de nós, que também estudavam em Gissen, aí eu peguei carona...ah, e a minha professora de alemão a Rosita, a família dela também era de Gissen (risos) tudo que coincidência né. Aí eu fui de carona pra Gissen, telefonei para os primos dessa madrinha do meu marido, um casal assim, 5 anos mais velhos do que eu e meu marido, nos recebeu super bem, e através dela, dessa moça, a Marget é que eu consegui um bom apartamento pra alugar, eu queria alugar um apartamento pra poder levar minha família. Assim, teoricamente eu não poderia, mais meu marido ia acabar o mestrado em Viçosa em Junho e agente tinha

combinado que em Julho ele ia pra lá com as crianças, então tinha que arrumar algum lugar para eles ficarem.

Aí eles foram e deu tudo certo, porque...esse monte de fatores, entendeu...porque daí eu continuei em Goetting, meu marido ficou com as crianças em Gissen, quando foi em agosto..., a primeira vez que fui em meu apartamento quando você atravessava a rua tinha o jardim da infância, então coisas assim sabe...A gente fez um esquema eu e meu marido, ele até começou a fazer o doutorado e depois ele viu que não era aquilo que ele queria acabou parando.

A gente não ficou lá direto 4 anos, a gente ficou 2 anos, daí eu precisava...uma das condições que minha professora tinha dado era de que eu trabalhasse com dados brasileiros e eu fui com dados coletados, mais eu tinha que voltar atualizar, ver o que estava acontecendo aqui no Brasil. E assim depois eu fiquei indo e voltando para não prejudicar a escolaridade das crianças, era para eu ter acabado no começo de 92 mais tive um azar que minha orientadora teve um problema seríssimo de câncer, aí consegui só defender em fevereiro de 93. Até acabar esse esquema de doutorado ficamos morando com a minha mãe em São Paulo, nas Perdizes. Minhas crianças foram matriculadas no colégio Humboldt para não perder o alemão, eu pude pagar e deu certo."

Inserção no mercado de trabalho na volta ao Brasil

"Eu fui empregada, eu não me desliquei de Viçosa, fui como professora e voltei como professora de Viçosa, até eu pensei quando a gente foi, eu falei, eu acho que eu vou largar tudo, isso é burrice, porque isso é uma segurança que você tem né. E realmente foi necessário. A bolsa é sempre o mesmo valor, só com a bolsa você não consegue viver, então você precisa ter complementação do salário. E naquela época nós fomos, foi três colegas lá de Viçosa pra Portugal, foi uma pra Inglaterra e outro pra Bélgica, dessa turma eu acabei, o da Bélgica acabou, Portugal nenhum dos três acabou, defendeu...Eu assim, na universidade (na Alemanha) o pessoal me recebeu super bem, eu não tive problema de relacionamento, os primeiros 6 meses, eu não falei pra você, a gente tava na Alemanha, mas no terceiro mundo ao mesmo tempo, tempo integral só com estrangeiros mesmo, aí quando comecei em Giessen daí eu realmente eu me inseri, mais como eu tava com a minha família..., conselho da minha professora de alemão ela falava Olha você não fala alemão em casa porque teu alemão não é legal, teus filhos vão aprender melhor na escola e para eles não esquecerem o português não deixe de falar

em casa. Mas nessa eu fui prejudicada porque eu só falava quando realmente era necessário."

Se você considera que a sua experiência na Alemanha foi bem sucedida e a que atribui isso. A passagem pela Alemanha influenciou a maneira como exercem a profissão?

"Olha eu assim, sinceramente, porque eles não tem esquema, na Europa eles não tem um esquema de pós-graduação como o nosso que você tem que ir e cursar disciplinas obrigatórias, então as disciplinas que eu cursei foi no sentido mais de eu me atualizar com a linguagem científica da área... Mas acho assim, o fato de ver o tipo de trabalho, o como o alemão pensa, como age, aquela parte de sistematização do trabalho deles, é lógico que sempre contribuí, querendo ou não agente tá inserido na formação e na cultura, acho que foi um crescer constante..."

Para você o fato de ser mulher interferiu de alguma maneira em seu estudo no exterior?

"Uma coisa que eu achei assim muito interessante, uma coisa que eu acho que eu nunca tinha parado pra pensar, aqui no Brasil, a gente aqui é uma mistura só e lá tem bem a diferenciação, você é turco, é negro, eles me receberam como uma estrangeira mas de igual para igual, não estava em um nível inferior, nada disso, mais uma coisa que eu achei super interessante foi que minha orientadora era super feminista, e a forma como elas se organizam a ciência da mulher... e ela queria que eu fosse nesses cursos e eu falei, pra que...Eu acho que não é que falte espaço para as mulheres na carreira universitária, o que eu acho é que as mulheres ficam pelo caminho, mais quem quer continuar tá aí os espaços...Somos minoria ainda, mais acho que vai muito de nós... pelo fato de ser mulher não enfrentei problema algum."

Anexo 35

ENTREVISTA nº3

Descrição

Hoje dia 29/04/2002 as 10:00h da manhã fui para a Unicamp como o combinado, porém a entrevistada teve uma reunião e não chegou na hora, esperei durante uma hora e depois fui embora, mandei um e-mail no mesmo dia e ela logo me respondeu se desculpando, além de ter dito que havia esquecido, pois não olhara em sua agenda na sexta quando foi para casa, ela acabou ficando a manhã toda em uma reunião fora da universidade. Marquei com ela, via e-mail, novamente na sexta-feira dia 3 de Maio as 10:30h.

Durante o tempo que fiquei aguardando ela, na primeira data marcada que ela não compareceu, pude observar com mais detalhes o local de trabalho no qual a entrevistada se insere. Ao lado de sua porta havia na parede um pôster em inglês referente a uma tese de mestrado orientada por ela, na frente de sua sala tinha uma sala de micro computadores e mais para trás outros dois laboratórios de pesquisa, ao lado de sua sala tinham mais três outras pertencentes a outros professores.

No dia 3 de Maio (dia em que fui lá novamente realizar a entrevista) fui atendida logo que cheguei, nossa conversa se deu na própria sala dela, na qual fiquei sentada em uma cadeira em frente dela e o que nos separava era sua mesa de trabalho. Em sua sala haviam duas estantes com muitos materiais de trabalho (livros em sua maioria), um computador e uma mesa com duas cadeiras. A duração da entrevista foi de uma hora e quinze minutos.

QUALIFICAÇÃO (Ver Anexo 31 – Currículo detalhado)

Sexo: F

Idade: 40 anos

Data de nascimento: Ano de 1962

Tipo de formação: Química

Titulação máxima: Pós-Doutorado

Emprego Atual: Professora MS-3 / Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Graduação Instituição e Área: Universidade de Brasília – UNB / Química

Mestrado Instituição e Área: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP / Química

Doutorado Instituição e Área: Johann Wolfgang Goethe Universität Frankfurt – JWGUF / Química Farmacêutica

Pós Doutorado Instituição e Área: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP / Química Analítica - Análise e Controle de Medicamentos

Local onde foi realizada a entrevista: Na Unicamp em sua sala, localizada no Bloco "D", 1. Andar, Sala D-212, no Instituto de Química.

Data: 3/05/2002

Nome da Pesquisadora entrevistada: O nome fictício será dado de acordo com a ordem das entrevistas. Esta foi a segunda entrevistada, portanto o nome dela será 3.

Gravação feita na entrevista (Transcrição, Tematização e Análise):

Processo de mobilidade geográfica e Escolaridade

"Eu acho que eu já mudei tanto na minha vida, mais assim, eu fui alfabetizada na Alemanha né, eu vim pro Brasil com meus pais quando eu tinha sete anos e aí eu entrei aqui praticamente na terceira série e o...a primeira cidade que nós moramos aqui no Brasil foi o Rio Grande do Sul, Santa Cruz do Sul e aprendi falar português lá. Aí eu fiz até...nossa meus pais já mudaram muito...acho que até quinta ou sexta série...aí eu morei aqui em São Paulo, em Brasília em Goiânia, eu acho que nem posso te contar tudo isso, mudei muito já. Mas eu fiz faculdade, fiz o terceiro ano do segundo grau em Brasília e entrei na faculdade em Brasília, na universidade em Brasília aí eu fiz graduação em química lá e desde o início eu sabia que queria seguir carreira acadêmica"

Quanto as escolas que você cursou aqui não sei se você lembra algumas pelo menos, quais os nomes?

"Nossa, olha eu não posso nem te falar direito, eu acho que assim a escola que eu mais lembro foi a primeira que foi lá no Rio Grande do Sul chamava colégio Mauá que era um colégio bem tradicional na cidade que talvez foi um dos melhores, depois eu estudei em muitos colégios do estado, em Goiânia eu estudei no Liceu...que era uma coisa impressionante, eu nunca mais me esqueço disso, primeiro dia de aula o pessoal jogava as carteiras pela janela, assim, eu tava assim...gente como é que pode... (risos), não era

um negócio assim terrível, então eu estudei no colégio Mauá que era no Rio Grande do Sul, esse colégio que eu lembro bem por causa das carteiras que voavam pela janela, era uma coisa assim extremamente violenta lá dentro, em Brasília eu cheguei a estudar num colégio do estado também, nem lembro do nome do colégio, e o último ano do segundo grau eu fiz no colégio objetivo, pra mim já foi uma outra realidade que eu também não gostei pra dizer a verdade... então da minha formação básica eu não posso nem te falar muito, eu mudei muito, meus pais mudaram muito de cidade."

Pelas escolas que você passou seus pais influenciaram por algum motivo a escolha no sentido de: vou colocar nesta pois o currículo é muito bom e assim por diante

"No início naquele primeiro colégio eles colocaram porque era um colégio realmente bom, naquela época a condição financeira dos meus pais ainda era boa, depois não, não teve mais opção tinha que ser colégio do estado mesmo, e aí eu até lembro que, eu não queria fazer vestibular de jeito nenhum eu queria ser aeromoça eu queria estudar línguas né, e aí como no último ano do segundo grau a situação financeira dos meus pais tinha melhorado então eles falaram, agora você vai para um colégio bom vamos te colocar no objetivo, e aí que eu vi que não tinha aprendido nada esses anos anteriores né (risos), e aí eu estudei muito e aí eu fui uma das melhores colocadas do objetivo eu tive muito incentivo da escola mesmo de fazer o vestibular eu até sabia que gostava da área de exatas e fiz o vestibular numa brincadeira eu falei assim, eu queria fazer bioquímica, não tinha bioquímica em Brasília e então eu falei vou fazer química, eu fiz o vestibular numa brincadeira e aí eu acabei passando e aí foi uma coisa assim, agora que eu passei que é que eu vou fazer? Eu ia sair do país para estudar mesmo eu ia pra Inglaterra estudar a língua inglesa né (risos) e eu falei agora que eu passei no vestibular eu vou fazer o primeiro semestre para ver se eu vou gostar, e assim foi indo eu me encantei depois que eu entrei na faculdade e aí mudei completamente (risos) então não foi uma coisa assim já decidida muito antes que eu ia fazer química que eu queria fazer, não, eu queria ser aeromoça (risos)."

Seus pais se mudavam por motivos pessoais ou profissionais?

"De emprego, é, e foi indo e eu fui cada ano estudar num colégio diferente e isso prejudicou muito a minha formação básica, eu acho, não tinha uma linha certinha né."

Como foi o trajeto de seus pais quanto ao trabalho?

"Nossa isso é complicado, minha vida é toda complicada (risos), não porque o meu pai era muito mais velho do que minha mãe, trinta anos para você ter uma idéia, quando ele veio para o Brasil ele já tava aposentado né, e minha mãe com a idade que ela tinha no início ela não trabalhava, depois ela teve a necessidade de ter que vir trabalhar, por isso é que teve essas mudanças bruscas de cidades para cidades, então foi mais ou menos isso, então...eu acho assim que eles sempre queriam fazer uma coisa diferente aqui no Brasil mais nunca acharam um caminho para isso, até que minha mãe entrou na embaixada e se estabilizou, se não acho que a gente estaria mudando até hoje (risos) se eu estivesse com eles, é bem confusa essa parte de...de...meu pai veio pro Brasil porque ele em 1920, 1930 sei lá, ele tinha vindo aqui pro Brasil com o irmão dele e meu pai trabalhava com construção então eles construíram muitas coisas no Rio Grande do Sul, então o sonho dele naquela época era ficar aqui no Brasil, aí ele foi picado por uma aranha e aí não tinha tratamento naquela época e mandaram ele de volta aí veio a guerra ele foi mandado pra Rússia aí teve uma série de coisas assim, mais sempre ele ficou com aquela parte do sonho de...(Alguém interrompe nossa conversa para perguntar algo para ela e ela começa a responder, algo importante sobre trabalho, logo depois retomamos)

Ela pergunta: "Onde eu tava?" e eu respondo: "Estava falando dos seus pais em específico do seu pai..."

(Ela continuou) "Então é...e aí ficou sempre com aquela vontade de voltar pro Brasil, aí quando ele aposentou ele resolveu que queria vir pra cá então, isso foi uma coisa que eu senti muito assim, ele simplesmente pegou a família toda e foi realizar um desejo...agora vamos pro Brasil...entendeu...é complicado isso né, pra mim hoje em dia eu acho que perdi muito minha identidade porque eu acho assim eu não sou brasileira, eu não me sinto completamente, apesar de eu me enquadrar muito melhor aqui do que lá, mais eu não me sinto alemã também, então eu não me sinto nem uma coisa nem outra (risos)".

Você chegou a fazer curso de línguas durante sua escolarização?

"Em casa a gente fala o alemão até hoje, com a minha mãe até hoje eu só posso falar alemão porque...não é que eu não poderia falar português, mais não flui, parece que tem uma barreira aí... Outras línguas não... na verdade o que eu aprendi, aprendi no colégio eu nunca fiz curso de inglês mais eu acho que falo razoavelmente bem porque eu acho que o alemão me ajuda bastante então eu tenho facilidade eu nunca fiz nem um

curso assim, só na escola e é tranqüilo pra mim (risos), assim eu acho assim, o fato de falar português e o alemão me ajuda muito pro inglês pro holandês pras línguas nórdicas dá pra entender bastante então acho que você...é tranqüilo."

Quanto a oportunidade de estudar no exterior e a escolha pela Alemanha

"Em Brasília a universidade lá tinha uma filosofia assim: Se você faz a graduação lá você tem que fazer seu mestrado e seu doutorado em outro lugar senão você jamais poderia ser contratado lá, essa que era a filosofia da universidade. E isso que me levou a fazer o mestrado, eu vim pra Unicamp, fiz o mestrado aqui e aí falei não agora eu vou sair pra fora né, e aí ir pra onde né (risos)...na verdade eu queria fazer uma tese de química ambiental e mandei meu currículo para a Inglaterra pra Liverpool e mandei pra Alemanha. E aí aconteceu que eu consegui a resposta positiva dos dois e aí eu tive que optar e aí foi a parte mais difícil né...e... bom eu tenho uma irmã que mora na Alemanha e ela falava assim ah não vai pra Inglaterra lá só chove né (risos) e aí eu acho assim, o que me fez escolher mais foi assim, como eu senti que meus pais me trouxeram pro Brasil quando eu era pequena eu senti assim, que eu não era nem Brasileira nem Alemã, não tinha mais raízes, e aí eu acho assim, que pesou isso um pouco né e assim, não eu vou pra Alemanha porque eu quero encontrar lá o que eu perdi. E aí eu optei pela Alemanha e aí eu fui pra lá. E aí foi difícil lá... porque...em primeiro lugar eu fui para um instituto onde o professor que tinha me convidado não tinha oficializado essa...minha tese de doutorado..."

Você pegou alguma bolsa para ir?

"CNPq, porque na verdade eu queria ter conseguido uma bolsa do DAAD né, mas eu não posso porque eu era alemã eu tive uma série de dificuldades que outras pessoas não tiveram, porque assim eu como alemã fazendo tese na Alemanha eu tive que...na verdade já começou com a questão burocrática né, porque assim, para você poder se matricular regularmente quando você é estrangeiro você não tem problema porque eles reconhecem o seu mestrado a sua graduação e tal, mas eu não, como alemã eu tinha que provar em primeiro lugar que o meu vestibular era reconhecido...eu não consegui...isso foi assim...cada estado lá tem normas diferentes né, então pra reconhecer a minha tese de mestrado foi a coisa mais complicada do mundo eu quase desisti no meio do caminho eu falei eu não quero mais enfrentar essa burocracia porque eu não era estrangeira lá eu era alemã, entendeu, então parece que lá o que acontecia muito é que as pessoas as

vezes faziam o...a graduação for a da Alemanha tipo Portugal e Espanha e voltavam pra fazer o doutorado então eles não queriam conhecer esse tipo de coisa porque eles diziam assim eles vão se formar num lugar mais fácil pra depois voltar entendeu, querem equivalência. Então isso já foi a primeira etapa que foi bastante difícil, mas eu tive um orientador que foi um pai, eu falo assim, e ele consegui muita coisa por mim (risos)".

Como foi o contato com seu orientador da Alemanha?

"Olha esse contato também foi uma coisa super difícil, diferente de todo mundo eu acho, minha mãe trabalha na embaixada em Brasília e ela tem muito contato com os pesquisadores e eu queria fazer química ambiental...era a minha, o meu sonho lá né, e eu fiz parte do mestrado parte da iniciação já mais sempre voltado para essa área e aí esse pesquisador que trabalhava naquele centro famoso que era KFA é que fez o convite para eu ir pra lá só que ele não podia ter feito esse convite porque ele não é professor, a Alemanha tem essa diferença ainda né, não sei se você sabe mais se você é doutor você jamais pode ser professor que nem a gente tem aqui, se tem que fazer o que eles chamam de habilitação, você tem que fazer mais sete anos depois do doutorado e aí se você faz essa habilitação você ainda não é professor de universidade nenhuma você tem que ser chamado né, não é uma coisa que nem a gente tem aqui concurso público aberto aqui, é uma coisa completamente diferente o sistema lá. Então naquele instituto tinha um professor que eu tinha feito contato com ele só que esse professor faleceu no meio do percurso e aí ninguém pode me orientar tem que ser de um professor da universidade e aí naquele instituto não tinha professor da universidade então nós procuramos um professor externo só que esse professor externo não trabalhava na química ambiental, que trabalhava lá com eles, tinham outros projetos e aí começou essa confusão né, fico neste instituto ou mudo então pra universidade onde está esse professor que pode me orientar, então tive toda essa confusão (risos)...e aí eu acabei resolvendo ir junto com esse professor que era da área de química farmacêutica, não tinha nada a ver comigo, e eu ficava pensando assim, to com bolsa do CNPq, se eu voltar agora nunca mais eu vou conseguir nada né (risos) então eu tinha que tentar fazer alguma coisa e eu falei assim não...e eu detestava química orgânica não era a área que eu queria eu queria analítica né. E aí eu acabei enfrentando isso, fui pra Frankfurt e fui trabalhar com esse professor em análise de farmácia (uma universidade grande mais tinha um instituto de farmácia e bioquímica) , tanto é que hoje é minha linha é toda farmacêutica (risos) viu como deu certo né. Mais essa foi a primeira dificuldade, mais acho assim que eu tive muitas

dificuldades pelo fato de ser alemã que outros brasileiros não teriam que enfrentar o que eu enfrentei lá, né então eu acho assim não é fácil."

Sua escolha para ir para realizar a pós-graduação teve algum fator específico que motivou tal escolha?"

"Não, isso sim, é aquilo que eu te falei assim, até eu entrar na faculdade na graduação eu não tinha certeza do que eu queria fazer, eu fiz como se fosse assim eu vou fazer pra ver o que dá, mais aí não...logo no segundo ano eu fui chamada pro trabalho de iniciação científica, entrei no laboratório aí eu fiquei encantada como laboratório e aí a partir do segundo ano eu já sabia que eu ia seguir a carreira acadêmica e aí foi indo, eu sabia que ia fazer o mestrado, nunca cogitei ir para a indústria, nunca cogitei ir para outro lugar, eu queria é...universidade, foi um objetivo muito bem definido logo no segundo ano."

Como foi sua passagem pela Alemanha

" O que eu posso te dizer é que eu fui com uma idéia completamente diferente da Alemanha do que ela é de verdade né, eu me sinto assim, eu como mulher na Alemanha assim, se alguém me falar que vai pra Alemanha fazer doutorado eu vou dar assim...olha você tem que ter muita força de vontade, você indo pra uma área de exatas sendo mulher você é muito discriminada, muito discriminada, você vindo de um país em desenvolvimento você tem outra carga de discriminação, então é realmente difícil no início, você tem que ter muita força de vontade, você tem que mostrar que você sabe, senão você é colocada de lado né, então por exemplo no meu instituto para você ter uma idéia era um instituto grande e tinha apenas quatro professores, por isso que os professores lá são semi deuses não são os doutores, são aquele que fizeram a tese de habilitação e tudo mais...e tinha um professor que falava que a mulher tinha que ficar na cozinha, você pode imaginar um brasileira falando isso, mas jamais um alemão, então o meu instituto era basicamente, só tinha homem no meu instituto, tinha pouquíssimas mulheres, então eu acho assim...eu até levei sempre isso muito na brincadeira né, mais é difícil você realmente sofre uma discriminação muito grande no início e pra mim ainda teve uma outra dificuldade que se somou eu falava alemão fluentemente mais na hora de escrever eu não escrevia bem o alemão, porque o alemão técnico é bem complicado então eu fazia muito erro e eu tive que contar muito com a ajuda de outras pessoas na hora de fazer a tese já né, teve toda essa parte, então as pessoas não entendiam como

eu falava tão bem e não sabia escrever, é o que faltava né...(risos), talvez a minha maior preocupação no início era... "

Você teve dificuldade em se adaptar ao sistema alemão de ensino?

"O sistema lá é diferente, nessa universidade que eu ficava você não tinha que defender sua tese como aqui nós defendemos, o doutorado, tem dois sistemas lá não sei se você conhece, um você defende como aqui no Brasil, você tem uma banca e tem um outro que você encaminha sua tese para uma banca e eles olham o que você escreveu e você tem que fazer três provas orais né, no final, você já tá acabado e tem que fazer e a área que você tem que fazer é na área de sua concentração no meu caso era farmácia e eu não tinha formação farmacêutica eu tinha um curso de química, como é que eu ia fazer uma prova oral em farmácia então eu tinha até uma outra amiga lá que era química também, e ela sofria demais porque a gente pegava aqueles livros enormes de farmácia e começava a estudar aquilo porque não tinha como né, então eu tive que praticamente estudar farmácia sozinha não adiantava ir muito na aula porque eu não ia conseguir recuperar um curso de cinco anos em quatro anos fazendo minha tese né. Quando eu fiquei sabendo desse sistema para concluir o doutorado eu falei, não vou conseguir fazer isso, mais no final deu tudo certo (risos), fora a discriminação que eu senti lá, e que durou um ano, mais depois eu até consegui ser a líder do grupo eu que organizava o laboratório lá, mais até eu conquistar esse meu espaço demorou mais ou menos um ano."

Você foi para a Alemanha sozinha?

"Eu fui sozinha, e lá eu tive meus namoradinhos, eu sempre procurava meio os brasileiro lá, eu me identificava mais né, eu tinha família lá, meus parentes moram todos lá, apesar de eu ter ficado numa cidadezinha longe deles, mais eu tive apoio da família também, isso me ajudou bastante, eu tive uma fase muito maravilhosa lá eu tinha uma irmã que nasceram os dois filhos dela lá quando eu estava lá em meu doutorado, eu acho que foi...eu vi a queda do muro de Berlim, que eu acho que foi uma coisa assim que nem é para todo mundo né, então eu acho que a época política foi bem interessante, e lá eu viajei muito, eu trabalhei lá, conheci muitas pessoas diferentes, meus amigos eram os mais diversos mas praticamente não eram os alemães (risos). Hoje sou divorciada mas me casei depois que voltei para o Brasil."

"Pela sua experiência pessoal lá, você acha que você atingiu os objetivos de ter ido pra lá, alcançou aquilo que foi buscar?"

"Eu acho que sim, lá eu encontrei muitas respostas e eu fazia uma idéia diferente da Alemanha do modo de vida mas eu tive facilidade de me encaixar no sistema de entender a mentalidade deles quando a gente fala assim essa discriminação da mulher nessa área de exatas hoje em dia eu entendo porque né então por exemplo, minhas amigas, todas as amigas mulheres que terminavam o doutorado que procuravam uma colocação na indústria, que lá você não tem como entrar na universidade, elas demoravam 3, 4 5 vezes mais do que um homem na mesma posição, né, pelo próprio sistema como funciona lá. Não sei se você sabe, mais por exemplo uma mulher que tem filhos na Alemanha ela pode sair do emprego durante um ano e o Estado paga né, então quer dizer né...e o seu empregador também paga uma parcela, então é muito ruim pra ele na verdade, ele não tem o funcionário, ainda tem que ficar pagando e quando você voltar ainda tem que assumir a sua posição, então eles não querem empregar mulheres, eles empregam mulheres só porque eles tem necessidade porque acho que é 20% que eles tem obrigatoriedade de empregar do sexo feminino, então ele é obrigado a empregar... Mas não é a primeira escolha eles sabem que a mulher vai faltar porque o filho fica doente, lá você não tem essa facilidade de você ter uma empregada em casa, não tem escolas para todo o período, então toda a estrutura da sociedade é montada... a mulher educa o filho, é a mãe que vai dar a melhor educação, é diferente daqui."

Como foi o retorno ao Brasil e a inserção no mercado de trabalho

"Eu não tive dificuldade, porque eu fui para voltar para Brasília né, então eu na verdade o que aconteceu foi isso, quando eu tava pra voltar eu já tinha a proposta de entrar lá como visitante na universidade de Brasília, foi isso que aconteceu, então eu já vim com a coisa mais ou menos garantida até."

Você saiu daqui com o contato e continuou com esse contato?

"Continuei com esse contato."

Você já foi estudar em algum outro país sem ser a Alemanha?

"Não."

Voltando a questão da mulher dentro da área em que você trabalha me conte mais um pouco do que você sentiu enquanto mulher, fazendo uma comparação entre aqui e lá, como você sentiu isso?

"Aqui eu não sinto o que senti lá, aqui... Eu acho... é aí é que tá a sociedade é montada de uma forma diferente, mais eu vejo de um lado diferente talvez, aqui nos temos pouca mão de obra qualificada então a gente não pode selecionar entre homens e mulheres, aqui a gente tem toda a facilidade de você conseguir administrar a sua casa mesmo você estando no trabalho, aqui tem a necessidade do casal trabalhar, os dois né, porque senão não sobrevive e você tem a facilidade de, a opção de deixar o seu filho em casa deixar o filho numa escola de período integral, você tem como resolver, na Alemanha você não tem, então aqui eu nunca me senti discriminada, como mulher no trabalho, fazendo trabalho, trabalhando numa área de exatas, mais lá sim, senti, mais isso foi um desafio bastante...só daquele professor que tinha no meu instituto dizendo que a mulher não deveria estar dentro do instituto né (risos) e ele fala mesmo, não é uma questão...as pessoas são muito conservadoras na Alemanha e essa era a visão que eu não tinha, que eu fui perceber que é uma outra mentalidade."

De tudo que você aprendeu lá, o que você trouxe pra cá, por exemplo na forma de trabalhar etc.

"Eu acho que eu cresci muito a nível pessoal se você me falar assim...a nível científico se eu podia ter feito a minha tese aqui, poderia ter feito tão bem quanto eu fiz lá, e eu tive um orientador que ele falava assim: Sua tese não vai ser nenhum prêmio Nobel certo, você vai trabalhar com várias técnicas diferentes você vai ter uma visão geral de muitas coisas e me abriu o horizonte, eu não fiz uma tese específica, uma coisa assim muito fechadinha, eu acho que isso foi bom, nesse ponto eu acho assim que aprendi muito mais a minha maior experiência lá foi na vida pessoal mesmo não foi profissional, eu acho isso ajuda...todas as dificuldades que eu passei lá me fizeram passar qualquer coisa aqui (risos)."

O que você gostaria de acrescentar com relação a diferenciação cultural entre a Alemanha e o Brasil

"O que talvez é um pouco diferente, pra gente aqui, aqui agente chega vai abraçando todo mundo, aquele calor humano né, lá eu lembro que até na primeira semana que eu cheguei lá, como meu orientador já percebeu que eu já sou muito assim

(risos) ele falou assim aqui você tem que chamar todo mundo pelo sobrenome né, então lá você é a senhora não sei o que lá, o senhor não sei o que lá, jamais você poderia chamar a pessoa pelo primeiro nome, então já tem todo esse distanciamento também né, isso dificulta bastante no início, porque no início você precisa de uma ajuda mais assim né, até pra você se adaptar na situação né, por isso que eu falo que para mim o crescimento foi muito mais a nível pessoal do que profissional. Porque eu vejo assim, que agente vai muito com a idéia de que nossa formação acadêmica aqui é ruim e não é, nossa formação é igual porque se você levou a sério a sua graduação você vai saber estar tão bem lá quanto aqui, não tem isso que agente tem nossa formação inferior, muito pelo contrário, eu não tive nem uma dificuldade de aplicar o que eu aprendi aqui lá ou de continuar desenvolvendo o meu trabalho, não tive essa dificuldade. Aqui eu continuo mais ou menos na linha do que trabalhei lá, eu continuei na área de química farmacêutica mesmo, porque também não podia jogar tudo aquilo fora, depois que estudei aquele livro inteiro (risos) eu falei pra alguma coisa isso vai servir (risos)."

"Eu trouxe até umas fotos para você ver (risos) tirei do fundo do baú...(risos)"

Fomos ver as fotos que ela havia me levado de quando foi para a Alemanha:

Ela explicando e eu questionando:

"1 Esse aqui era o instituto onde eu ficava (um prédio com neve),

2 esse aqui era o laboratório, você vê que é um laboratório super antigo né, eram salas tipo assim do laboratório (sala como a que estávamos pequena), as vezes a gente fica reclamando do espaço físico e na verdade o nosso aqui é enorme né.

3 Aqui é do lado de fora, e lá a universidade era assim todos os prédios dos institutos distribuídos.

4 Esse aqui era o meu quarto onde eu ficava, eu colocava todos os cartões né (risos).

5 Esse aqui era o meu namorado americano que eu arrumei lá e assim, a gente começou a namorar lá e ele ia voltar para os Estados Unidos e eu ia voltar para o Brasil, eu jamais cogitei a idéia de ficar lá, até porque eu saí com bolsa integral eu tenho que voltar até por questões morais né, e muitos brasileiros ficaram lá, não voltaram, tanto é que o CNPq fica atras dessas pessoas né.

6 Então esse aqui era o grupo de trabalho, essa aqui era uma outra mulher, ela tinha acabado de entrar quando eu já tava saindo, esse aqui foi um rapaz, um amigo meu, ele tava fazendo doutorado lá, e ele veio pro Brasil comigo, eu falava tanto no Brasil que ele

queria conhecer o Brasil ele tava intediado com a Alemanha, veio pra cá conheceu minha amiga casou com ela e levou ela pra Alemanha (risos).

7 E esse aqui foi o meu orientador, essa aqui foi no dia da defesa da tese, a gente tem um sistema diferente que todos os colegas do grupo fazem um chapéu de doutor e eles colam um monte de bobagem em cima (risos) tudo que não deve tá colado no chapéu (risos), aqui eu to saindo da prova oral com ele, porque tinha uma prova oral em farmácia com ele e mais outros dois professores e aí é tudo super formal, e você não pode...eu saí completamente fora do padrão porque as pessoas que vão defender tese geralmente usam roupa escura né, o professor sempre anda de terno e gravata, jamais sem, todos os professores trabalham lá de terno e gravata, é um semideus, aqui em cima do meu chapéu eles colaram os cartuchos que eu usava no laboratório (risos).

8 E aqui é o grupo dos brasileiros, aqui já é diferente para você ver como a coisa é diferente, nós fizemos de noite camarão, peixe não sei o que (risos) aqui todo mundo na cozinha e aqui o meu orientador (junto no jantar), tá vendo ele senta e aquela pompa né, se bem que ele era uma pessoa muito querida assim inclusive ele veio me visitar aqui no Brasil, ele veio faz uns 5 6 anos, ele ficou na minha casa, a gente formou uma boa amizade, ele sempre vinha conversar comigo, agora ele se aposentou mudou de cidade e eu nem sei onde ele está.

9 Aqui é o pessoal do laboratório, aqui já foi quase na mina despedida. Essa aqui foi no dia em que minha amiga fez o doutorado, aí eu fiz um chapéu lilás para ela, ninguém nunca tinha feito um dessa cor (risos).

10 Essa aqui foi no laboratório dela e

11 essa aqui foi logo na despedida, nós fomos tomar um café."

Anexo 36

ENTREVISTA nº4

Descrição

Hoje dia 13/05/2002 as 14:00h da tarde fui para a USP cheguei com uma hora de antecedência para procurar o local combinado, quando foi 15:00h fui para a sala que ela havia me indicado. Nossa conversa foi na sala dela que fica dentro de um laboratório no qual dentro estão a sala dela e de mais um professor. Várias pessoas estavam trabalhando lá enquanto conversávamos. Ela se sentiu meio intimidada pelo fato de meu pedido de gravação da entrevista, mas não fez nenhuma objeção.

Fiquei sentada em uma cadeira e ela em outra uma de frente para a outra, separadas pela sua mesa de trabalho. Em sua sala havia uma mesa, duas cadeiras, um computador e uma estante com livros e outros materiais de trabalho. A duração foi de quarenta minutos, com apenas uma breve interrupção.

QUALIFICAÇÃO (Ver Anexo 31 – Currículo detalhado)

Sexo: F

Idade: 37 anos

Data de nascimento: Ano de 1965

Tipo de formação: Ciências Biológicas

Titulação máxima: Pós-Doutorado

Emprego Atual: Professora Doutora na Universidade de São Paulo – USP

Graduação Instituição e Área: Universidade Estadual de Londrina - UEL / Ciências Biológicas

Mestrado Instituição e Área: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS / Genética e Biologia Molecular

Doutorado Instituição e Área: Gesellschaft Fur Biotechnologische Forshung – GBF / Ciências Biológicas II

Pós Doutorado Instituição e Área: University of rochester - U.R. / Controle de Expressão Gênica

Local onde foi realizada a entrevista: Na USP em sua sala, localizada no Instituto de Química , Departamento de Bioquímica – USP / Av. Prof. Lineu Prestes, 748, Bloco 9 superior, Sala 952

Data: 13/05/2002

Nome da Pesquisadora entrevistada: O nome fictício será dado de acordo com a ordem das entrevistas. Esta foi a segunda entrevistada, portanto o nome dela será 4.

Gravação feita na entrevista (Transcrição, Tematização e Análise):

Processo de mobilidade geográfica e Escolaridade

" Bom, meu pai trabalhava no Banco do Brasil na época ainda do governo militar, e naquela época o Banco do Brasil queria ampliar as agências e incentivava muito que os funcionários se mudassem, então com isso eu... a minha infância toda eu passei em vários Estados, várias cidades e no interior de Goiás, São Paulo, Mato Grosso, Minas, aonde só tinha escola pública, então eu sempre estudei em escola pública no Interior mesmo (risos) do país, daí quando eu fui fazer o colegial, meus pais moravam em Goiás, no interior e pra fazer um colegial melhor eu me mudei pro interior de São Paulo, em Ribeirão Preto e fui morar com a minha avó e aí eu fui para a escola pública, desculpa, para escola privada porque onde eu morava antes nem tinha escola privada né, foi aí que eu fiz os 3 anos do segundo grau, que ainda era chamado de colegial e aí de lá então eu prestei vestibular pra... eu não fiz cursinho só os três anos do segundo grau, prestei vestibular pra Biologia e fui pra Londrina, na Universidade Estadual de Londrina, e aí lá eu fiz biologia, já querendo fazer genética, eu já fiz biologia com a intenção de fazer genética depois. Aí eu acabei biologia em Londrina os quatro anos aí fui fazer o mestrado na Universidade do Rio Grande do Sul, genética. Aí lá naquela época eu fiz pelo departamento de genética, mas a parte prática do mestrado eu fiz no centro de biotecnologia e aí na época a Alemanha estava construindo um instituto de pesquisa em Joinville e eles estavam investindo bastante dinheiro então abriu-se a oportunidade assim... por causa desse convênio, não era nem convênio né (pediu para recomeçar a frase)... A Alemanha tinha um convênio com Joinville, não tinha nada haver com Porto Alegre, mas eu não sei como aconteceu lá que abriu-se de repente a oportunidade de várias pessoas de Porto Alegre pra irem pra Alemanha é e aí aconteceu... então foram várias pessoas do centro de biotecnologia e do departamento de genética em si, que foram para a Alemanha na mesma época, mas não só pra Alemanha também foram pra

Inglaterra, Estados Unidos, mas tudo na mesma época, que foi também na época do governo Sarney que ele colocou a biotecnologia numa área prioritária, era computação e biologia... era prioridade no governo do Sarney. E aí com isso quem tava trabalhando com biotecnologia era mais fácil conseguir bolsa de doutorado do CNPq pra ir pro exterior, aí foi nessa época que eu fui tá..."

Falar a respeito de suas escolhas quanto as escolas e universidade

"Quanto as escolas eu não tive opção, onde morei a opção era escola do estado, na Universidade...eu fiz vestibular em vários lugares, eu fiz pra USP de Ribeirão Preto, porque eu tinha medo de vir pra São Paulo (risos), fiz na UNESP em Botucatu e fiz na Well (não sei se é assim que se escreve) em Londrina. Esses foram os três vestibulares que eu prestei, só que aí naquela época eu passei em todos mas os meus pais se mudaram para Rancheira (acho que é assim que escreve), que é no sul de São Paulo e é perto de Londrina que é no norte do Paraná e aí eu fui pra Londrina porque era mais perto de onde os meus pais estavam, foi por isso...a escolha da universidade foi isso."

Na sua área de atuação como você descobriu o interesse

" É então, quando eu tava no colegial eu decidi que queria fazer genética, aí eu só prestei biologia, não tinha outra opção e aí durante o curso de biologia eu fiz as disciplinas de micro biologia, e biologia molecular e aí falei, Ah eu quero trabalhar com micro biologia e foi então assim... durante o curso."

Me conte um pouco como foi a decisão do pós doc.

" É antigamente você não conseguia emprego se você não tivesse o mestrado depois passou o doutorado e agora você tem que fazer o pós doc. .. e no final do doutorado na Alemanha eu já estava procurando posições para fazer o pós doc. aí num congresso eu conheci um pesquisador dos Estados Unidos que tinha vaga para o pós doc. e eu tava acabando então a gente fez um projeto junto e eu saí direto da Alemanha para os Estados Unidos, lá eu trabalhei com bolsa de lá mesmo, não era mais do CNPq. Fui pra lá com meu namorado do mestrado e até hoje estamos juntos, a gente não casou, só que agora ele trabalha em Campinas e eu aqui."

Conte-me um pouco da escolaridade e trabalho de seu pai e de sua mãe

"Eu não sei se eles estudavam em particular ou estadual, meu pai fez até o segundo grau e aí ele acabou o segundo grau e trabalhou a vida toda no Banco do Brasil, é meu pai é do Rio de Janeiro e eu não sei em que escola ele estudou... a minha mãe, ela fez até a universidade mais o que ela fez antes eu não sei, ela fez Educação Física, cada um fez uma coisa diferente, meu pai é aposentado a minha mãe não, ela continua na área, ela é professora da rede estadual."

Você chegou a fazer curso de línguas durante sua escolarização?

"Não, é... como morei só no interior então eu só fui estudar inglês quando tava no segundo grau, assim em escolas separado né, em cursinho de inglês, mas na graduação... aí eu não sei porque é eu comecei a estudar alemão, não sei porque eu comecei a estudar inglês e alemão já durante a graduação e quando eu comecei o mestrado eu parei de estudar o alemão por um tempo e continuei só com o Inglês, mas aí quando surgiu essa oportunidade de ir para a Alemanha aí eu voltei a fazer alemão né. Eu fiz no Goethe, eu fiz até o intermediário aqui no Brasil, então quando eu fui para a Alemanha eu já sabia, aliás foi por isso que eu fui uma das poucas pessoas que aceitou ir pra Alemanha porque eu já tinha estudado aqui."

Não sei se posso dizer que sua carreira é majoritariamente masculina como você enxerga isso?

"No Brasil não, na Alemanha... uma coisa interessante, é assim, por exemplo, na Universidade Brasileira tem várias professoras, até no departamento de bioquímica, aqui acho que a maioria é mulher, eu não sei o número mais acho que a grande parte das professoras é mulher, mas na Alemanha não, os professores... porque acho que lá eles são mais tradicionais, então enquanto que no laboratório a grande parte dos alunos são alunas os professores não, a maioria dos professores é de homem. Foi a única coisa que eu percebi assim."

Quanto ao contato com a estrutura alemã de formação de cientistas

" Eu estava no meio do mestrado... eu tava acabando já o mestrado, porque foi nessa época que o governo Alemão, também não sei porque, criar esse instituto em Joinville, que é uma região de colonização alemã e aí um dos professores envolvidos na criação desse instituto em Joinville foi dar um seminário em Porto Alegre e aí ele falou

com os professores que o instituto em que ele trabalhava na Alemanha tinha vagas para pessoas de fora, e aí sim no instituto na Alemanha existiam vagas e o governo brasileiro incentivava o estudo em biotecnologia, quer dizer foi um momento né, foi basicamente por isso."

Como foi sua passagem pela Alemanha

"Bom eu cheguei lá sozinha né, e falava um pouquinho de Alemão, mais muito pouco, na verdade até onde eu estudei aqui no Brasil eu conseguia falar frases inteiras e mais eu falava e quando eles respondiam a velocidade normal deles eu não entendia então eu só perguntava mas não entendia a resposta, mas como era um instituto de pesquisa grande parte das pessoas falava inglês, então assim no laboratório não tinha dificuldade nenhuma porque a gente falava inglês né, e fora do laboratório que era um pouco mais complicado porque eu tinha que ficar perguntando várias vezes até entender as coisas mas logo que eu cheguei lá eu comecei a fazer um curso de alemão lá mesmo porque a universidade exigia que os estudantes de doutorado fizessem uma prova de proficiência, estudei um ano lá, aí fiz a prova de proficiência e passei depois de um ano, aí meu alemão melhorou. Esse curso eu fiz no que eles chamam de (Folkhohschule - não sei se é isso) tipo um SENAC aqui, eu tive que pagar, fiz por um semestre lá e eu pagava com o dinheiro da bolsa do CNPq, mais depois disso desses 6 meses eu já tinha atingido um nível que eu já poderia fazer o curso de alemão para estrangeiro na universidade que era um curso preparatório para a prova de proficiência. Aí esse a gente não tinha que pagar nada na universidade o curso já tinha...esse curso só faziam estrangeiros que queriam estudar conectados a universidade né, enquanto que na (Folkhohschule) qualquer imigrante ia lá fazer aquele curso."

O seu orientador é americano?

"Não ele é inglês, mais ele tinha ido pra Alemanha fazer pós doc neste instituto e ficou, foi contratado, só que ele ficou lá uns 15 anos ou mais, mais agora ele voltou para a Inglaterra e tem um laboratório lá..."

Como foi o seu contato com ele?

"Porque aí aquele professor alemão daquele instituto na Alemanha falou que tinha vaga e quais as pessoas que tinham as vagas aí ele falou das áreas de pesquisa e eu

escrevi direto para esse orientador que trabalhava na área que eu tinha interesse que era a de biologia molecular, então foi assim, ele falou eu tenho vaga e aí deu certo.

Quanto ao seu trabalho lá quais as contribuições que você pode obter em termos profissionais

“ Na época eu fiz coisas lá que no Brasil era impossível de se resolver, pelo menos no estado de São Paulo com a FAPESP financiando a pesquisa a gente tem condições muito melhores, mas naquela época realmente o que eu fiz lá, no tempo que eu fiz, que foi 4 anos o doutorado, agui eu levaria muito mais, e nem conseguiria fazer tudo também.”

Você teve dificuldade em se adaptar na Alemanha?

“ Então... eu fui sozinha, mais depois de 3 meses o meu namorado foi também porque ele também fazia mestrado lá em Porto Alegre e ele também foi pra lá, quando eu cheguei foi tudo ótimo, acho que eles nunca tinham visto uma brasileira antes (risos) então todo mundo me tratava muito bem é... os colegas do laboratório me chamavam pra sair no fim de semana, jantar me ajudaram a comprar bicicleta, então foi assim muito legal, mas eu não sei, eles sempre tem, os alemães tem ainda um pouco de preconceito contra estrangeiros, mas não é uma coisa que atrapalha desde que você seja branco, então porque a época que eu fui... tudo depende da época né, a época que eu fui foi logo que iam comemorar a unificação, que foi em 1990 é ... eu cheguei lá dois dias depois da unificação oficial e com a situação política do país mudou, o desemprego na ex-Alemanha oriental começou a crescer e ao mesmo tempo o trabalho sujo essas pessoas que tinham o salários mais baixos eram estrangeiros, principalmente turcos e aí os alemães orientais começaram a perder emprego enquanto que os estrangeiros continuavam tendo emprego aí os neo nazistas começaram a reaparecer, eles incendiaram várias casas de estrangeiros, foi tudo naquela época...então os neo nazistas apareceram os estrangeiros começaram a sofrer agressões mesmo, mas eram principalmente os estrangeiros que você percebe, que a visão é nítida.. neste caso eu tive vantagens né (risos) enquanto eu não abrisse a boca ninguém ia perceber nada (risos). Mais no trabalho, no laboratório, como essa rede de pesquisa estava envolvendo gente do mundo inteiro, então no trabalho em si a gente não tinha esse preocupação, era mais na rua...sempre que eu via um careca que parecia neo nazista eu ficava quieta (risos).”

Como foi o retorno ao Brasil e a inserção no mercado de trabalho

“ Eu perdi o contato completamente porque eu não voltei da Alemanha direto pro Brasil, da Alemanha eu fui para os Estados Unidos fazer o pós doc. Aí do pós doc. eu vim pra cá, naquela época estava tendo concurso aqui na USP e eu fiz, só que eu nunca tinha passado pela USP, então eu não contava muito com isso, então eu passei e acabei ficando aqui.”

A passagem pela Alemanha influenciou a maneira como você exerce sua profissão

“ Sim, até hoje eu continuo usando o que aprendi lá no que faço, porque eu continuei na mesma área do doutorado, mas não vejo essa questão pelo fato de ser a Alemanha em si, mas sim por ser um país desenvolvido, acho que a influência parte dessa idéia país desenvolvido ou não..., Eu fiz o pós doc. na mesma área também...”

Você considera que a experiência na Alemanha foi bem ou má sucedida e a que atribui isso.

“Sim, sem dúvida porque é principalmente pra época que eu saí, porque naquela época o Brasil não podia fazer importação, final do período militar início do governo Sarney... naquela época fazia uma diferença terrível a pesquisa que era feita no Brasil e lá e a ida pro exterior não só faz com que a gente aprenda novos métodos mas também o contato com os pesquisadores que normalmente a gente só conhece por referência né, então você chega lá e conhece as pessoas dá um... porque no Brasil os grupos de pesquisa, pelo menos na minha área, são muito isolados então fica difícil o contato a troca de idéias e no exterior as pessoas se encontram a toda hora o contato é muito maior e a informação que você recebe nestes contatos é enorme.”

Anexo 37

ENTREVISTA nº5

Descrição

Hoje dia 20/05/2002 as 14:00h eu já estava a espera da pessoa a ser entrevistada no café Viena na cidade de São Paulo. Quando ela chegou nos sentamos no café e passamos duas horas conversando, foi minha maior entrevista com relação ao tempo de conversa, em compensação gravar uma entrevista num local aberto (esquina da rua Augusta) com um movimento de pessoas sem igual, próximo a hora de almoço ainda, confesso que foi um grande desafio para mim. Esta foi uma experiência e tanto, pois conseguir concentrar a atenção em meio ao fluxo dos carros e das pessoas é bem difícil. Podemos supor com as outras experiências, todas realizadas com certa tranqüilidade nos locais de trabalho das entrevistadas, que o encontro no café teve uma maior duração do que os outros, talvez devido a uma maior informalidade com relação ao espaço físico, mas em compensação este encontro foi o que me causou maior desconforto enquanto ouvinte pelo intenso barulho e trânsito no local.

QUALIFICAÇÃO (*Ver Anexo 31 – Currículo detalhado*)

Sexo: F

Idade: 50 anos

Data de nascimento: Ano de 1952

Tipo de formação: Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira

Titulação máxima: Pós-Doutorado

Emprego Atual: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC / SP

Graduação Instituição e Área: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC / SP / Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira

Mestrado Instituição e Área: : Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC / SP / Comunicação e Semiótica

Doutorado Instituição e Área: Technische Universität Berlin - T.U.B / Ciências Sociais Aplicadas I

Pós Doutorado Instituição e Área: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo / Semiótica, Medicina e Neorologia

Local onde foi realizada a entrevista: No Conjunto Nacional – Café Viena – na esquina da rua Augusta em São Paulo.

Data: 20/05/2002

Nome da Pesquisadora entrevistada: O nome fictício será dado de acordo com a ordem das entrevistas. Esta foi a segunda entrevistada, portanto o nome dela será 5.

Gravação feita na entrevista (Transcrição, Tematização e Análise):

Processo de mobilidade geográfica e Escolaridade

“ Bom eu estudei, primário...em um colégio de freira lá no Ipiranga aqui em São Paulo, eu sempre morei em São Paulo né, ha...depois o colegial eu mudei e fiz acho que um ano no Madre Cabrine que é um outro colégio de freira e depois eu fiz normal, que era o antigo normal né, na...no colégio do Estado Brasílio Machado, naquela época ainda era muito bom, quer dizer era...era... a qualidade de ensino era excelente, no colégio do Estado, aí depois eu prestei o vestibular na PUC pra Letras, eu queria ter feito jornalismo mas era o regime militar, meu pai com muito medo que eu fosse pra USP, então não me deixou fazer jornalismo, porque é uma profissão mais politizada e tal, ele queria me ver meio fora dessa história política que era a ditadura brasileira na época e aí eu meio que fui induzida pela família a fazer letras, porque eu tinha... sempre escrevi muito bem, sempre gostei de escrever. Aí fui fazer letras, (língua literatura portuguesa brasileira – não compreendi bem esta frase na gravação) na PUC, aí eu fiz, terminei... acho que setenta e...ha eu não lembro mais tá lá no Currículo Lattes, eu acho que setenta e seis, setenta e sete, eu terminei a faculdade, não me lembro, realmente eu não me lembro. Agora assim, trabalho com educação desde dos dezessete anos que eu já dava aula no primário, minha mãe era diretora de colégio do estado, então o que sobrava assim de substituição, a pessoa que ficava grávida a pessoa ia... que viajava, que precisava, ela meio que me confiava nas substituições e aí eu fui pegando essa história de...de...a metodologia mesmo, didática de dar aula, que é uma coisa que me satisfaz em parte, né... Daí eu tinha... eu terminei o português, a faculdade, mas eu tinha sempre uma...uma gana... de... de fazer pesquisa, de sair do Brasil, aquela coisa regionalista de...de... ir a fundo atrás de uma história enfim... e aí eu vi que com o português eu não ia muito longe, nessas alturas o... o ensino no estado já tinha dado um vertiginosa queda e ...e eu percebi, eu era efetiva no estado, eu percebi que daquele mato não ia sair muito... muito cachorro não, porque eu não tinha muita perspectiva cursando só a graduação, aí eu quis arrumar alguma coisa que fosse próximo do que eu tinha feito, que era letras, mas que saísse do

português, que saísse do dar aula, que saísse e que envolvesse a pesquisa e também tinha essa vontade de sair do Brasil, essa vontade era uma coisa muito antiga. Aí eu comecei... fui fazer uma entrevista, eu fiquei sabendo de semiótica eu já tinha tido semiótica na graduação, acho que um semestre com a Lúcia Santaella (não sei se é assim que se escreve o sobrenome), nesta época ela tava começando a carreira dela e aí eu já tinha ouvido tal... aí eu vi que tina o curso de semiótica na PUC de pós-graduação e eu mandei meu currículo pra lá e aí eu fui chamada para fazer uma entrevista era o Décio Pignatari que fez a entrevista comigo e eu fiquei apaixonada por ele, pela semiótica, pelo que ele me contou, a gente discutiu um monte de projetos e tal, ali naquele papo com o Décio eu já tava totalmente semiotizada (risos). E aí eu comecei a fazer a pós-graduação, ela demorou muito porque eu parei por várias vezes por questão de ordem pessoal, familiar e etc... porque eu talvez tivesse que trabalhar também, teve uma época que eu trabalhei em agência de publicidade, algum tempo, eu trabalhei com vídeo texto, na época do vídeo texto que era um trabalho da Abril, quer dizer eu fui empregada da Abril eu era redatora em vídeo texto, chequei a fazer muita coisa paralela a educação dando aula também e fazendo a pós, então foi assim meio truncado eu fazia meio que em doses homeopáticas a pós e também não havia uma necessidade premente do título né, então eu fui fazendo, era uma coisa assim, meio que pra o meu bel prazer... quer dizer para eu crescer e pra chegar lá né, mas não era assim todo mundo como tá hoje sabe, se você não tem o título, você tá fora, quer dizer não havia essa pressão grande, não ia alterar muita coisa na minha vida, porque eu já tava dando inclusive, no.. é antes do meu filho nascer eu já tava dando aula numa faculdade em São Bernardo na Letras e aí comecei fazer, e aí tive filho, aquelas coisas todas né, e não foi uma coisa muito rápida eu comecei a fazer acho que em setenta e sete, setenta e oito, meu filho nasceu em oitenta eu ainda tava fazendo, aí... depois... acho que eu arrastei esta história...parei voltei, parei voltei... eu acho que...é em oitenta e sete eu sentei para escrever o meu trabalho, a minha dissertação. Aí escrevi a dissertação acho que os últimos seis meses ou o último ano eu tive apoio da CAPES então eu pude reduzir meu número de aulas pra poder escrever a dissertação, eu já tava dando aula na FAA, nessa época, e aí eu defendi, imediatamente”

Como foi a escolha para o doutorado

“Eu me inscrevi pro doutorado na PUC mesmo, meu possível orientador era um que tinha feito parte da minha banca mesmo que era o ... Noval (não consegui saber o nome pela qualidade da gravação). Na minha banca estava a Lucrécia Ferrara que foi a minha orientadora da FAO, que era da PUC, o Décio, e o Noval. Aí eu me inscrevi, porque o Décio não estava mais na PUC nem a Lucrécia então eu peguei o Noval pra ser meu

orientador e comecei a fazer mais... inclusive influenciada pelo próprio Noval, a história vou fazer alguma coisa fora, vou fazer alguma coisa fora, faça um projeto, fiz um projeto, mande para fora, vai pra a Alemanha. Na minha santa ingenuidade eu achei que alemão era como o inglês, eu não sabia nada de alemão, eu ia estudar uns seis meses ou ia ficar no país uns seis meses que você sairia... já estaria dando palestra depois de seis meses aí comecei a fazer um curso de alemão aqui e mandei o projeto pra Alemanha e esperei as respostas né, e o projeto veio com a resposta positiva do professor da faculdade de... ah era uma faculdade lá no meio da Alemanha eu não lembro mais... aí com essa aprovação eu dei entrada na papelada pra... pro CNPq, isso acho que foi começo de janeiro, fevereiro, por aí... a resposta saiu no final de agosto, e eu continuei... eu tava tendo aula na PUC, matriculada regularmente, aluna regular do curso de doutorado lá, da pós-graduação com o orientador Noval. Quando saiu essa bolsa, um mês e meio, dois eu desmontei minha vida aqui, catei meu filho e vamo embora, na verdade o governo alemão te dá seis meses de curso de alemão num instituto Goethe, em alguma cidade da Alemanha, e eu tinha seis meses, eu saí daqui final de setembro começo de outubro então eu tinha, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e março, na verdade não são seis meses, no final de fevereiro eu já tava em Berlim. Nesse meio tempo... aí fomos, fomos pra lá e ei fiquei estudando alemão, era alemão o dia inteiro, muito difícil, aí nesse meio tempo um... eles tinham os feriados e a gente ia pra cidade onde estava alocado o nosso... pra conhecer a universidade e o orientador, daí eu fui pra Bochum e na verdade ele tinha entendido tudo errado, na verdade eu tinha ganho uma bolsa de quatro anos ele entendeu que era uma bolsa sanduíche e começou a dizer que se eu quisesse continuar com ele eu ia ter que fazer uma bolsa sanduíche ou eu teria que fazer letras de novo, ou seja ele queria me enfiar de novo na letras, eu falei que não, que eu queria fazer um trabalho... ele ia dar semiótica da cultura, eu falei que eu queria fazer um trabalho dentro da semiótica, que o meu assunto era remédio, era a divulgação, a representação do remédio e que eu queria fazer um trabalho dentro da semiótica. Aí ficou uma situação muito chata, aí a secretária dele, uma aluna dele, uma orientanda dele me ajudou naquele dia e a gente pegou os nomes... eu fui pra Bremer, eu fiz o curso de alemão pra lá, eu voltei pra Bremer, ela escreveu pra dois professores outros em outros lugares e eu fui pra universidade de Bremer, catei o catálogo lá na universidade e fiz assim, um scanimento de quem trabalhava com semiótica na Alemanha e peguei meu projeto, meu currículo, as cartas de apresentação as coisas... os xerox das bolsas que eu tinha ganho, tanto do governo Alemão quanto do Brasileiro, montei cinco envelopes e mandei pra cinco pessoas diferentes, os cinco... isso foi pouco antes do natal, aí eu tava tão enlouquecida que eu fui viajar, passei o natal fora tal, quando eu voltei eu tinha os cinco envelopes de

volta os cinco eram aceitação dos prof. ... aí eu pude escolher, quer dizer no meio do caminho eu tive que mudar de orientador. Aí quando eu vi a situação eu falei, quer dizer...aí Berlim eu achava que era uma metrópole, que tinha tudo a ver com comunicação e aí o projeto dele era o mais próximo do que eu tava fazendo e ele foi o primeiro que respondeu, foi o mais simpático enfim... aí eu fui conhecê-lo, em janeiro, ou qualquer coisa assim... aí comecei em março a universidade de lá, fazer os cursos, os créditos, fazer trabalhos, publicar, participar de congressos, toda a vida acadêmica de novo, tive que fazer adaptação de muita coisa, fiz quatro disciplinas, participei de dois ou três congressos, publiquei pra caramba lá fiz revisão de livros, participei de congressos escrevi matérias sobre congresso, enfim, ele... nesse ponto ele incentiva bastante, foi uma coisa bem legal, muito mais fácil do que aqui né, e aí eu fiz, concluí, depois sentei e escrevi o trabalho e defendi."

Qual o critério que seus pais usaram para escolher as escolas que você cursou?

"Porque eles acharam melhor, eu não tive muita opção não, até a faculdade eu não tive muita opção não, eu era muito estudiosa, eu acho que eles acabavam escolhendo porque, na verdade eu não sabia se eu queria fazer USP ou PUC ou uma outra faculdade, na verdade o fato... eu queria fazer jornalismo, uma coisa que eu não pude fazer... essa era uma escolha minha que eu fui podada, eu queria ser repórter sair pra rua esse ripo de coisa, alias escrevo hoje cada vez que eu escrevo e sai uma matéria em algum lugar é a minha realização, sou uma jornalista frustrada, mas anterior a isso foi influência deles."

Você teve contato com outras línguas, fez curso de línguas?

"Meu contato com línguas foi pequeno, eu estudei na cultura inglesa um tempo mas era pivete, não estava muito interessada não via muita necessidade também, depois quando entrei na pós aí eu percebi que tinha muita coisa em inglês aí eu comecei a ler por conta disso, então inglês veio vindo assim... hoje eu leio, escuto, entendo tudo e naquela época ainda falava, eu viajei um pouco antes também uma vez de férias, fiquei três meses na Europa, isso eu tinha vinte e poucos anos, assim mochila nas costas, esse tipo de viagem né, juntei um dinheiro eu e uma amiga fomos e nos mandamos. Acho que um pouco da minha história de ir pra Europa foi depois dessa viagem, antes de começar a pós, antes de começar as minhas histórias antes."

Conte um pouco para mim sobre a escolaridade e ocupação profissional de seus pais.

"Meu pai era jornalista, primeira turma da Kasper Líder (não sei se é assim que se escreve) e a minha mãe fez escola de desenho e ela era professora de desenho, depois foi diretora muitos anos de escola, carreira da educação, ela era da educação ela trabalhou até pouco tempo atrás."

Pelo fato de você ter um filho, isso causou algum impecílio em sua fase de estudos no exterior?

"Não muito pelo contrário não foi impecílio nenhum, é eu fui com ele e ele ficava na escola seis horas por dia, mais ou menos cinco seis horas por dia, primeiro ele fez a escola como ouvinte em Bremer, depois ele repetiu mais seis meses em Berlim como ouvinte e aí ele foi admitido, imagina ele ficava cinco seis horas na escola depois de um ano ele tava falando fluentemente alemão, alias ele fala alemão com sotaque berlinês e fala melhor alemão do que português até hoje naquela época ele tinha onze anos e ainda era uma fase... brincava com os alemães, ele se entrosou muito bem."

Você teve alguma dificuldade na Alemanha?

"Tirando a língua, em algumas coisas de começo de vida né... Berlim era uma cidade em que na época que eu cheguei tinha muito problema pra alugar espaço, aquela parte oriental ainda tava muito depredada, não tinha reformado ainda aquilo lá, então a oferta de imóvel era pouca e cara, isso eu penei muito eu mudei sete vezes em Berlim, em sete anos eu mudei sete vezes e a língua, a língua foi suado, foi uma briga de força, eu tive muita dificuldade com a língua tenho até hoje para escrever inclusive, escrevi uma tese sim, mais foi muito suado, o meu trabalho foi legal, agora escrever em alemão foi muito difícil."

O contato que você conseguiu com a Alemanha como foi, através de quem?

"Através do professor que era meu orientador aqui, o Noval, ele que falou que ele já tinha ido pra lá, que ele já tinha feito o doutorado dele lá, e tal, tal, tal então ele me deu a indicação... que deu tudo errado depois."

Para você o fato de ser mulher interferiu de alguma maneira em seu estudo no exterior?

"Não, muito pelo contrário, fui muito bem acolhida era tratada como colega, muito respeito, muita consideração e muito cuidado pelo fato de eu ser estrangeira. Fui muito

mais bem tratada do que aqui. Eu também tenho uma aparência que lembra um pouco o alemão né, sou alta, loira, não tenho cara de brasileira, não sou japonesa, não sou asiática, não sou negra, tem tudo isso, isso tudo conta pontos, meu filho é loirinho tem cara de alemão, jeito de alemão, sou mais reservada, logo no começo as pessoas me confundiam na rua e vinham perguntar informação para mim, como se eu fosse a moradora local de lá, então isso é um sintoma de que eu tô passando por alemã, a hora que eu abria a minha boca elas percebiam que eu não era alemã pelo sotaque (risos).”

A passagem pela Alemanha foi bem ou má sucedida e a que atribui isso. Essa experiência influenciou a maneira como exerce a profissão

“Tudo foi válido, eu não me arrependo de nada, eu só tenho coisas positivas pra dizer desses anos que eu fiquei lá. Primeiro, acho a Alemanha... foi difícil, mas acho alemão uma língua hiper lógica eu era uma pessoa confusa, tal, a língua me ajudou a ser uma pessoa extremamente lógica, eu aprendi a pesquisar, eu aprendi a fazer trabalho acadêmico eles são hiper rigorosos, pelo menos na minha faculdade eles eram muito rigorosos, como eu falei pra você eu penei demais, mais eu aprendi, então tudo que eu passo hoje para os meus alunos, tudo que eu faço hoje tem muito rigor, isso é uma herança eu acho que eu digo que é de lá. Eu tenho um convívio com professores e pesquisadores lá que é fantástico, volta e meia, eu tenho um quarto de hóspede na minha casa, tá vindo pesquisador fica hospedado comigo, eu vou muito pra lá, eu estou indo num congresso agora em Julho, se deus quiser eu arrumar alguém que patrocine a viagem, ou seja eu continuo com o contato total. Eu recebo material de lá, tenho contato com a universidade, a universidade me manda material até hoje, falei com meu orientador em dezembro, ele sabe da minha vida disse que tá chegando, enfim, não tenho o que dizer...

As maiores indústrias farmacêuticas estão na Alemanha, eu tive um acesso maravilhoso de materiais lá, eu não sei se eu teria aqui, acesso a um material tão vasto com tanta história, com tanta informação, talvez.”

Observação:

Após a entrevista ela fez uma crítica (pediu que eu não gravasse) ao sistema brasileiro de incentivo a pesquisa, uma vez que contou que demorou 3 anos para se firmar no Brasil novamente quando voltou, porque perdeu o vínculo com o Brasil. Ela disse que o problema é que eles incentivam a ida dos pesquisadores ao exterior, mais não tem políticas adequadas para a reinserção dos pesquisadores na volta ao mercado de

trabalho brasileiro. Na maioria dos casos só os que não se desvinculam das universidades é que tem chance de voltar para as mesmas.

Outro problema levantado foi a alta qualificação de quem vai ao exterior e que para conseguir cargos em empresas fica difícil pois a qualificação muitas vezes é maior do que a da própria gerência.